

# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Campus de São Carlos - SP

TÁLITA CRISTIANE DARDDES DEZOTTI

## PLANEJAMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectivas x realidade

SÃO CARLOS - SP  
2020



UFMG



UFG



TÁLITA CRISTIANE DARDES DEZOTTI

# PLANEJAMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectivas x realidade

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Yara Aparecida Couto

SÃO CARLOS – SP  
2020

Dezotti, Tálita Cristiane Dardes

Planejamento em Educação Física Escolar: : perspectivas  
x realidade / Tálita Cristiane Dardes Dezotti -- 2020.  
114f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São  
Carlos, campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Profa<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Yara Aparecida Couto  
Banca Examinadora: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto  
Ramos, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Fernanda Ferreira  
Bibliografia

1. Planejamento pedagógico. I. Dezotti, Tálita Cristiane  
Dardes. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

TÁLITA CRISTIANE DARDES DEZOTTI

# PLANEJAMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectivas x realidade

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Yara Aparecida Couto

Data da defesa: 30/04/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Yara Aparecida Couto**  
Universidade Federal de São Carlos

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos**  
Universidade Federal de São Carlos

---

**Membro Titular: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Fernanda Ferreira**  
SME/Rio Claro

**Local:** Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
**UFSCar - Campus de São Carlos-SP**



# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional



Dedico aos meus filhos, Mateus e Manuela.



## AGRADECIMENTOS

Sou grata aos colegas de curso, de São Carlos e de Rio Claro que através das discussões em aula, contribuíram no todo alcançado, pois a troca de experiências enriquece muito qualquer conteúdo;

Em especial, à Maloá e principalmente, à Ádria que me deram um suporte, o qual fez toda a diferença dentro e fora da universidade;

Agradeço aos professores que fizeram tudo o que podiam para a existência do curso e buscaram a superação em todos os momentos para nos oferecer algo a mais, o qual fomos buscar e encontramos. Gratidão à prof.<sup>a</sup> Suraya Darido que foi ímpar nesse aspecto e peça fundamental nessa conquista;

Especial também foi a prof.<sup>a</sup> Yara que delicadamente soube me esperar e me auxiliar;

Às minhas amigas que entenderam meus momentos de não participação;

À minha família que sempre está por perto;

À rede municipal que possibilitou o estudo, igualmente aos professores que colaboraram nas entrevistas, sem o qual não haveria pesquisa;

Ao Mateus, meu marido que está sempre ao meu lado, e me auxiliou e muito na finalização deste trabalho;

Aos meus filhos, que pacientemente, ou não, me esperaram acabar o curso, para brincarmos mais e mais;

À Deus sempre;

O presente trabalho foi realizado com apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

DEZOTTI, Talita Cristiane Dardes. **Planejamento em Educação Física Escolar: perspectivas x realidade.** 2020. 114 páginas. Dissertação Mestrado em Educação Física Escolar – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2020.

## RESUMO

O ato de planejar para o professor se faz necessário para organizar o que e como será desenvolvido determinado conteúdo. No município desse estudo, não há um currículo para o componente curricular Educação Física ou propostas para o trabalho desse professor atuante. A Base Nacional Comum Curricular é o documento que atualmente orienta e sugere o que pode ser objeto de estudo em cada fase escolar, oferecendo uma estrutura para que cada rede elabore seu próprio currículo, contudo é um documento recente e encontra-se em fase de implementação, por isso, nesse momento torna-se muito pertinente o debate acerca de diversos temas, dentre eles, o planejamento docente. O estudo teve o objetivo de investigar como os professores de Educação Física de uma rede pública municipal do interior do estado de São Paulo, realizam seus planejamentos, dialogando com suas perspectivas e suas necessidades na prática docente. A formação profissional, da inicial a continuada, o projeto político pedagógico e os documentos que regem a educação brasileira, são elementos contemplados nesse estudo e que se inter-relacionam com o planejamento no exercício da docência. A trajetória metodológica dessa pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa participante, utilizou como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, escolhida por permitir explorações acerca das respostas, além de contar com o memorial descritivo da professora pesquisadora, que é também docente atuante na rede estudada. O registro das coletas de dados foi através das transcrições das gravações das entrevistas e posteriormente interpretados por meio da análise de conteúdo e triangulada com a revisão bibliográfica pesquisada. A expectativa do trabalho, além de identificar os objetivos, intrinsecamente quis favorecer a reflexão e uma possível troca de experiências, possibilitando um olhar para o próprio planejamento frente a uma realidade que apesar de garantir o componente citado na escola, não garante sua sistematização. No que tange/diz respeito aos resultados, os professores pesquisados afirmaram realizar e efetuar seus planejamentos apesar de apontarem em sua maioria, como grande dificultador a falta de espaço e materiais adequados, sendo que a falta de formação continuada também foi citada como desestímulo. Apesar disso, apresentam concepções e direcionamentos um pouco diferentes frente aos objetivos de seus planejamentos, constatando que a rede não oferece suporte pedagógico, caracterizando falta de organização para esse componente curricular.

**Palavras-Chave:** Educação Física. Planejamento pedagógico. Exercício Profissional.

DEZOTTI, Talita Cristiane Dardes. **Planejamento em Educação Física Escolar: perspectivas x realidade.** 2020. 114 páginas. Dissertação Mestrado em Educação Física Escolar – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2020.

## ABSTRACT

The act of planning for the teacher is necessary to organize what and how certain content will be developed. In the municipality of this study, there is no curriculum for the Physical Education curriculum component or proposals for the work of this active teacher. The National Common Curricular Base is the document that currently guides and suggests what can be studied in each school phase, offering a structure for each network to develop its own curriculum, however it is a recent document and is in the implementation phase. , therefore, at this moment, the debate on several themes becomes very pertinent, among them, teaching planning. The study aimed to investigate how Physical Education teachers from a public municipal network in the interior of the state of São Paulo, carry out their planning, dialoguing with their perspectives and needs in teaching practice. Professional training, from initial to continuing, the political pedagogical project and the documents that govern Brazilian education, are elements contemplated in this study and which are interrelated with planning in the exercise of teaching. The methodological trajectory of this qualitative research, of the participant research type, used the semi-structured interview as a data collection instrument, chosen for allowing explorations about the answers, in addition to having the descriptive memorial of the researcher teacher, who is also an active teacher in the studied network. The record of the data collections was through the transcriptions of the recordings of the interviews and later interpreted through the content analysis and triangulated with the researched bibliographic review. The expectation of the work, in addition to identifying the objectives, intrinsically wanted to favor reflection and a possible exchange of experiences, enabling a look at the planning itself in the face of a reality that, despite guaranteeing the component mentioned in the school, does not guarantee its systematization. Regarding the results, the surveyed professors said they carried out and carried out their plans despite pointing out, for the most part, that the lack of adequate space and materials was a major obstacle, and the lack of continuing education was also cited as a disincentive. Despite this, they have slightly different conceptions and directions in relation to the objectives of their planning, realizing that the network does not offer pedagogical support, characterizing the lack of organization for this curricular component.

**Keywords:** Physical Education. Planning. Pedagogical Planning. Professional Practice.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ATPC** – Aula de trabalho pedagógico coletivo
- ATPI** – Aula de trabalho pedagógico individual
- ATPL** – Aula de trabalho pedagógico livre
- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- CEB** – Câmara de Educação Básica
- CES** – Câmara de Educação Superior
- CNE** – Conselho Nacional de Educação
- DCNs** – Diretrizes Curriculares Nacionais
- EMEB** – Escola Municipal de Educação Básica
- HTPC** – Horário de trabalho pedagógico coletivo
- HTPI** – Horário de trabalho pedagógico individual
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PEB II** – Professor de Educação Básica II (especialista: Educação Física e Arte)
- PPP** – Projeto Político Pedagógico
- TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 OBJETIVO GERAL.....	15
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>16</b>
2.1 PLANEJAMENTO.....	16
2.1.1 PLANEJAMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	24
2.2 DOCUMENTOS ORIENTADORES.....	33
2.3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	39
<b>3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b>	<b>48</b>
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	48
3.2 PESQUISA TIPO PARTICIPANTE.....	49
3.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	50
3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	52
3.5 UNIVERSO DA PESQUISA.....	54
3.6 PARTICIPANTES.....	55
3.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	56
<b>4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>57</b>
4.1 CATEGORIA PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO.....	57
4.2 CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	64
4.3 CATEGORIA O PROFESSOR DENTRO DA ESCOLA.....	69
<b>5 CONCLUSÕES</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>83</b>

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas .....	83
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).....	85
APÊNDICE C – Memorial Descritivo.....	88
APÊNDICE D – Entrevistas transcritas.....	92
APÊNDICE E – Produto Educacional .....	111

## **ANEXOS**

---

ANEXO A – Parecer Comitê Ética em Pesquisas em Seres Humanos.....	112
ANEXO B – Autorização Coordenadora Municipal de Educação .....	114

# 1. INTRODUÇÃO

---

O ato de planejar vai muito além do pensar sobre. Requer também intenção e domínio do percurso, sabendo o ponto de saída e vislumbrando o de chegada. Planejar pode assumir significado quando é intencional, ou seja, é o refletir sobre a ação, considerando os meios e métodos utilizados para se alcançar o que se pretende, ou seja, seus objetivos, além dos percursos a serem trilhados e percalços enfrentados. Planeja-se muito da própria vida, e as vezes nem se dá conta, e mesmo com intencionalidade, nem todo planejamento do dia ou de uma fase da vida é seguido fielmente. E mesmo se esforçando para colocar em prática o planejado, há de se considerar que o resultado pode não ser exatamente o que se esperava. Há também a possibilidade da conquista sem exatamente firmar planos para tal. Portanto, atingir o objetivo pela sorte é uma possibilidade, mas pouco provável. Ou pode-se organizar os afazeres e os distribuir num período de tempo ou espaço, sabendo que apesar das interferências ou intercorrências, o que foi traçado e bem planejado tem reais chances de ser alcançado.

Todo indivíduo faz planos em sua vida pessoal e profissional, mas talvez o professor seja um dos profissionais que mais envolve-se com o ato de planejar. Isso porque todo seu trabalho necessita do (re) pensar, (re) organizar, (re) elaborar, (re) aplicar e (re) avaliar, sempre tendo em vista a responsabilidade de trabalhar “o aluno” de quais maneiras for preciso para mediar um processo de construção e apropriação de conhecimentos, valores e atitudes. Em meio à sua rotina, precisa encontrar tempo para diversos afazeres e otimizar seu trabalho significa fazer e refazer planos. A propósito, planejamento adquire um significado realmente amplo quando refere-se à docência, pois envolve a formação de um indivíduo, e nesse estudo particularmente a formação de crianças da educação infantil e ciclo I do ensino fundamental.

O professor torna-se mediador do que pretende ensinar, busca os caminhos para isso acontecer, em meio as relações humanas diversas, deve-se garantir que todos participem, tendo reais chances na construção de saberes e na edificação de valores. A questão, de modo simplista, envolve o pensar sobre um objetivo e os meios para alcançá-lo, como Silva e Moreira (2018) afirmam: (...) “o

planejamento é organizado por meio da reflexão da previsão, da racionalização e da organização intencional de indivíduos para finalidades específicas” (p. 2). Realizar seu próprio plano de trabalho, caminhando com a proposta da escola, focando na meta a ser atingida, tendo claros os meios e objetivos, é dever do professor, inclusive tendo ciência de que isso se repetirá em todos os anos da sua prática docente.

No planejamento curricular, há que se pensar na importância da seleção dos conteúdos e na forma de organização. É preciso considerar suas relevâncias, assim como as expectativas dos alunos, seus anseios, possibilidades e experiências. A Educação Física na escola atravessou diversas fases e em alguns momentos parecia estar carente em revelar sua importância e significação pedagógica educativa, estabelecendo uma época de descrédito e de desmotivação para os alunos. Aulas repetitivas e excludentes que davam a impressão que esse professor não realizava o planejamento ou o fazia de modo meramente burocrático, apenas “no papel”. Historicamente cresceu uma marginalização em torno desse componente na escola e a necessidade de reconhecimento emergiu com o aumento da demanda, na obrigatoriedade estabelecida pelos documentos educacionais e com docentes preocupados com uma Educação Física significativa aos seus alunos e de representação dentro do contexto educacional.

Há algum tempo realmente não havia muito material disponível aos professores, como existiam poucos documentos para auxiliá-los no planejamento para esse componente curricular. Atravessamos também por uma inconstante organização dentro da escola, na qual o professor especialista não era exigido em todas as etapas escolares, ora as aulas eram no contraturno, com uma lista de motivos de dispensa das aulas, esta por sinal ainda se mantém, como um ponto de retrocesso diante do avanço conseguido, conformando assim períodos que segregaram o componente em questão.

Quando finalmente as escolas receberam documentos tidos como parâmetros curriculares mas que apesar de nacionais, não eram deliberativos ou normativos, a Educação Física foi contemplada com um bloco, assim como todos os outros componentes. Com a opção de se utilizar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), esses professores tinham enfim, um auxílio de certo modo “mais concreto e acessível” na execução do trabalho sendo considerado um instrumento

de apoio para discussões pedagógicas, planejamento das aulas, elaboração de projetos educativos e reflexão sobre a própria prática (BRASIL, 1997).

Atualmente encontra-se em processo de implantação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que representa um marco para a educação, no sentido de tentar organizar conteúdos e objetivos para todos os componentes, em todos os ciclos de ensino sendo um documento normativo. Foi construído coletivamente e chega para subsidiar os sistemas de ensino e o professor na construção do planejamento, não trata-se de uma cartilha, mas um respaldo orientador para o trabalho docente (BRASIL, 2017). Portanto, a Educação Física que já se apresentou de várias maneiras, em acordo com o momento político, tendo professores explorando muito ou pouco de alguns conteúdos, diversificando ou não suas ferramentas de trabalho, encontra agora um meio para articular os elementos da cultura corporal de movimento, todos tendo meios para ficarem alinhados na mesma linguagem, em prol de consolidar seu status de componente obrigatório e integrada à proposta pedagógica da escola como especifica a Lei nº 9.394/96.

Esse momento histórico ganha contornos de uma importante fase da educação brasileira, a qual é disponibilizado uma estrutura que pode ser delineada por cada um que trabalha no chão da escola, indicando um objetivo comum a todos engajados em cada etapa escolar, apesar de permitir que os caminhos sejam diversos e adequado a cada realidade. Portanto, torna-se imprescindível debater o assunto agora, pois é um momento em que todos os docentes estão trabalhando com seus planejamentos acerca de alimentá-los com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa é a hora de discutir, elaborar, pensar, pesquisar, enfim, planejar um currículo sistematizado e alinhado com o documento em questão, caminhando rumo à uma prática pedagógica fundamentada, pertinente, respaldada e atual.

O ponto central do presente trabalho é a investigação sobre o planejamento docente, considerando e identificando suas necessidades e suas perspectivas no exercício profissional. Visando atingir tal objetivo, foi realizado um estudo com todos os professores efetivos e em exercício do componente curricular Educação Física numa rede pública municipal do interior do estado de São Paulo, pois a rede não possui currículo definido para a área, ficando o próprio docente responsável pela busca e seleção do que pretende ministrar. Diante disso e com total liberdade, esses profissionais, cada qual munido de responsabilidade e

competência, não possuem a obrigação burocrática do planejamento a ser entregue e justificado ao seu contexto escolar e ficam à mercê da sua própria consciência e comprometimento.

No decorrer do curso de mestrado profissional, apesar dos conteúdos serem todos de suma importância diante do todo alcançado/produzido/entendido, o ponto que me despertava para pesquisa era justamente no segmento do planejamento didático. Apoiada pela dificuldade que eu mesma encontrava em sistematizar os conteúdos, no sentido de organizá-los em cada etapa da escolaridade, frequentemente me deparava tendo também certa dificuldade em dar sequência aos próximos anos, além da angústia quando recebia um aluno novo no meio do ano, com pouca bagagem das aulas que teve anteriormente. Sustentada pela curiosidade em saber como isso ocorria com os demais colegas de trabalho, acreditando também que essa fragilidade poderia não ser somente minha, voltou-se nessa oportunidade o desejo em aprofundar o entendimento desses conceitos que permeiam o planejar docente e a vida diária da escola na visão do professor de Educação Física, bem como considerando o contexto real em que vivemos/estamos inseridos.

Na perspectiva de compreender o universo das escolhas de cada docente que permeia esta investigação, o estudo caminha no sentido de apontar como foi a formação desses professores, e por consequência, indicar como é a formação continuada deles, o que torna-se um ponto chave no entendimento do próprio planejar que possuem atualmente. Desse modo, esta pesquisa quer focalizar os agentes e seus saberes produzidos com a própria prática docente.

Este trabalho está estruturado em 4 capítulos. O capítulo 1 introduz o tema brevemente, com a justificativa e o objetivo. O capítulo 2 é a revisão de literatura e traz como subcapítulos o planejamento e como subitem deste, o planejamento em Educação Física; os documentos orientadores e a formação profissional. O capítulo 3 é a trajetória metodológica escolhida para realizar esta pesquisa. No capítulo 4 temos apresentação, análise e discussão dos resultados, para no capítulo 5 seguir com as conclusões.

## **1.1 OBJETIVO GERAL**

O objetivo do estudo é investigar como acontece o planejamento dos professores de Educação Física, efetivos e em exercício, numa rede pública municipal de ensino, considerando e identificando suas necessidades e perspectivas no exercício profissional.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

---

### 2.1 PLANEJAMENTO

O planejamento está presente em nossa vida em diferentes circunstâncias, momentos e afazeres e faz parte do nosso dia a dia inegavelmente. Pensar no que fazer é planejar o que fazer, considerando as variáveis e os objetivos. “O ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro ato de planejar” (MENEGOLA e SANT’ANNA, 1991, p. 13).

Várias são as definições acerca do tema, retratando exatamente sua importância, significância e papel desempenhado no contexto educacional. Particularmente, entendo o planejamento pedagógico sendo uma tarefa também burocrática, mas não somente. É urgente a reflexão da sua importância, uma vez que não basta fazê-lo para ser entregue, mesmo que esteja organizado e agradável aos olhos, pois isso não chega ao aluno. Então pensemos na finalidade de elaborar o planejamento. Temos que organizar as aulas com metas atingíveis e compreender o motivo de nossas escolhas, considerando os aspectos envolvidos num plano de ensino. A aula precisa ser significativa para quem a executa e a partir disso, que consiga se avaliar o alunado tanto quanto o professorado.

De modo muito simplista e prático, planejar é identificar um ou mais objetivos e preparar o(s) plano(s) de como alcançá-lo(s), compreendendo as variáveis em sua elaboração, aplicação, avaliação e reestruturação. Com vistas a garantir que não seja apenas uma exigência burocrática, se faz necessário compreendê-lo e colocá-lo em prática, “tornando-o eminentemente vivo e concebido com responsabilidade” (MOREIRA, 2008, p. 43).

Num mundo que se transforma tão rapidamente e que substitui pessoas por máquinas em inúmeras áreas, manter a figura de um professor na mediação de um processo de ensino e de aprendizagem pode exigir mais que um diploma. No emaranhado de relações humanas que envolve a educação, figura com excelência um indivíduo para auxiliar e ponderar conteúdos abordados de maneiras diferentes para contemplar alunos considerados individualmente. Desse modo, pensar que esse profissional precisa estar atualizado, nos remete a ideia de que

manipula frequentemente seu planejamento para se adequar e acompanhar as mudanças educacionais que também sofrem alterações com o mundo. É incompatível pensar uma educação atual sendo tratada a partir de e com vícios de décadas atrás ou sendo frutos de uma educação concebida de pressupostos únicos e engessados. Aproveitar o mesmo planejamento de sempre, trocar e usar indiscriminadamente planejamentos completos de outros, buscar por aulas prontas, tudo isso pode refletir numa educação descontextualizada, equivocada e antiquada. Da mesma forma, construir um planejamento sem executá-lo ou o fazer apenas em partes ou tão somente cumpri-lo no papel, é desmerecer a responsabilidade educacional conferida à profissão, independente de qual componente curricular seja.

Acreditando que os professores caminham na direção da formação integral do aluno, é comum que elaborem seus planejamentos pensando que ele pode dar certo ou não. É o anseio em atingir a meta que nos move na direção de mudar de planos no meio do caminho, se houver necessidade, ou realizar alterações necessárias para alcançarmos o desejado. Também por isso, o planejamento deve ser intencional e ser pensado para ser aplicado, tendo o trabalho do professor meios para ser avaliado.

A complexidade dos processos educativos faz com que dificilmente se possa prever com antecedência o que acontecerá na aula. Agora, este mesmo inconveniente é o que aconselha que os professores contem com o maior número de meios e estratégias para poder atender às diferentes demandas que aparecerão no transcurso do processo de ensino/aprendizagem (ZABALA, 1998, p. 93).

Difícilmente encontraremos um professor que afirma ser fácil ensinar nos dias atuais. Antes de tudo, devem ser considerados como pessoas e com isso, carregam indagações, limitações e percepções próprias, sendo direta e frequentemente influenciados pelo meio em que estão inseridos. Mas encontrando suas pedras no caminho ou não, chegam à escola e de uma maneira ou outra, precisam realizar seus planos de aula, como afirma Moreira (2008), “é uma das primeiras tarefas dos professores quando se deparam na escola” (p. 43).

Um tempo e um espaço no currículo que deve cumprir uma função educativa, tal como a que se espera do conjunto da escola, alicerçada em objetivos e conteúdos específicos que não dissolvam sua tarefa em generalidades e que seja capaz de sistematizar, ao longo dos anos escolares, um conjunto de conhecimentos que permita aos alunos

compreender, a partir de temas, o mundo que habitamos, bem como a dimensão humana que se liga às práticas corporais. Nesse propósito, não se pensa exclusivamente no sucesso dos sujeitos individuais, mas fundamentalmente na possibilidade de que a apropriação desses conhecimentos possa resultar no bem comum (GONZALÉZ, 2018, p. 6).

Para facilitar o entendimento da ação de planejar, Sant'anna e colaboradores (1998, *apud* MOREIRA 2008) elaboraram um fluxograma. Nele constam as etapas que direcionam o planejamento que tem início na consciência do que se deseja fazer. Nesse fluxograma, o planejamento é explicado em três etapas sendo elas a de *preparação*, de *desenvolvimento* e de *aperfeiçoamento*.

A primeira é uma das mais importantes, pois é na *fase de preparação* que busca se o *conhecimento da realidade* desses alunos e dessa escola sendo o ponto de partida. Identifica a demanda do grupo, prevendo os caminhos que atenderão as necessidades básicas, evitando erros desnecessários. Após o diagnóstico, o próximo passo é a fundamentação teórica do planejamento, começando pela *determinação dos objetivos* que é a definição do alvo correspondente ao período do planejamento. Se faz necessário determinar os objetivos gerais - macro para um período longo de tempo e os específicos - micro para uma unidade temática.

A próxima etapa é a *seleção e organização dos conteúdos*, entendido como herança cultural diversificada e que tem relação com a vida dos alunos. Na sequência é a *seleção e organização dos procedimentos de ensino* que está relacionado com os conteúdos que são desenvolvidos e as características dos grupos que se tem. A *seleção dos recursos* determina quais são os mais eficientes para o processo de ensino e de aprendizagem, pois eles têm a função de favorecer a assimilação das informações. A *seleção dos procedimentos de avaliação*, está intimamente relacionado com os objetivos, pois ao escolher corretamente o instrumento avaliativo, consegue-se identificar se os objetivos estabelecidos foram atingidos.

Tem-se, portanto, a *estruturação do plano de ensino* que é a união perfeita de todas as etapas, culminando numa ação refletida e organizada em função do aluno. Uma vez que houve a compreensão de todas as etapas do planejamento e as mesmas estão em sintonia, elas oferecem suporte para a *fase do desenvolvimento*, que nada mais é do que colocar em prática o que está elaborado, ou seja, o *plano em ação*. Aqui termina a segunda fase, onde se coloca o

planejamento em ação. Em seguida, chega-se na *fase de aperfeiçoamento*, onde a função é avaliar as ações efetuadas e replanejar em função dos dados obtidos.

Avaliar o próprio trabalho é fundamental para melhorar o próprio planejamento. A partir da conquista dos objetivos, ou ao final de uma etapa, é possível enxergar como foi o caminho percorrido e validar o sucesso e os ajustes que emergiram no processo, considerando a postura do professor nas tomadas de decisão. Isso é também visto como avaliação do trabalho do professor e reflete no seu aprendizado, apontando também possíveis melhoras nos próximos planos. Então o planejar pode ser considerado um instrumento de via dupla, pois ao mesmo tempo em que leva ao aluno o que ele deve/pode aprender/atingir de uma maneira organizada e adequada, também, atingindo o objetivo ou não, avalia se e como o professor auxiliou na construção desse conhecimento. Portanto, ao mesmo tempo em que se faz muito importante na vida docente, pode também ser responsável por tornar as aulas mais interessantes e motivantes. Moreira (2008) afirma que o planejamento “não só pode como deve nascer de uma reflexão sobre o que já se realizou, apontando caminhos que podem ser trilhados pelo professor quando estiver (re) organizando seu planejamento” (p. 51). E complementa que “a ação do planejar é cíclica, nunca se encerra” (p. 48).

Libâneo (1994) indica que um planejamento deve conter os objetivos, os conteúdos, os procedimentos ou estratégias, os recursos e a avaliação. Esses aspectos são partes de um todo que compreendem o processo do desenvolvimento do trabalho docente e podem garantir coerência na obtenção das metas. Segundo Moreira (2008, p.6):

As partes específicas do planejamento devem relacionar-se completamente umas às outras, oferecendo a possibilidade de um entendimento complexo e completo, não fragmentado, ou seja, a totalidade depende, exclusivamente, da relação entre as partes e não necessariamente cada parte compõe o todo, caso contrário, “um amontoado” de informações comporiam um planejamento, o que não é verdade.

Elaborar um planejamento pedagógico requer organização das etapas e entendimento das fases que o compõem, sendo imprescindível a intencionalidade da ação. Segundo Vasconcellos (2000, *apud* SILVA e MOREIRA 2018, p. 1), o planejamento é o “processo de idealizar, perspectivar o futuro e promover ações que permitam alcançar o que fora planejado”. Bossle (2002) afirma que “o planejamento

de ensino, portanto, é uma construção orientadora da ação docente, que como processo, organiza e dá direção a prática coerente com os objetivos a que se propõe” (p. 31). O planejamento é um documento que o professor elabora a partir dos pressupostos da escola contidos no projeto político pedagógico na unidade e que não necessita ser ou ter elementos extraordinários. [...] “o ato de planejar deve estar destituído de sofisticções e por isso ele deve exigir objetividade, simplicidade, validade e funcionalidade” (MENEGOLA e SANT’ANNA, 1991, p. 10).

O planejamento pode ser considerado trabalhoso, contudo, traz benefícios ao docente que o alimenta e o consolida. Pressupõe uma organização dos conteúdos, dos objetivos e da avaliação, oferecendo respaldo para a prática pedagógica, podendo e devendo ser revisitado frequentemente, numa atitude de reflexão sobre ação, sendo parte de um processo de (re) construção permanente. Para que não se limite a uma ação burocrática refletida na entrega de papéis, ele necessita ser compreendido e colocado em prática, como defende Moreira (2008).

O planejamento é didaticamente dividido em algumas etapas, de acordo com diversos autores. Dentre eles, Moreira (2008) identifica alguns aspectos imprescindíveis ao planejar. O conhecimento da realidade do aluno e da escola, considerando as especificidades locais como um *diagnóstico* que permeará o processo de construção que nunca se acaba, nesse momento apenas se inicia. A *flexibilidade* considerando a dinâmica escolar e as constantes modificações no ambiente da escola e em relação aos alunos. A *coerência* para o planejar coletivo, considerando que aluno pretende se formar para a escola, para a sociedade e para a vida. É preciso coerência do que se planeja para cada turma em consonância com o que planeja se para a escola, ajustando ao universo em que está inserido, da sociedade em que se deseja. E por fim, a *avaliação* que representa o ressignificar. Avaliar não somente o que o aluno fez, mas principalmente o que se fez “é de fundamental importância para a melhoria do planejamento” (p.51).

De acordo com Menegola e Sant’anna (1991, p. 17):

O ato de planejar requer habilidade para prever uma ação que se realizará posteriormente, por isso se exige uma acertada e racional previsão de todos os meios e recursos necessários nas diferentes etapas do planejamento, do seu desenvolvimento e da sua efetiva execução, para alcançar os objetivos desejados.

Libâneo (1994, *apud* MOREIRA 2008) salienta que o “planejamento é um meio para programar se as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação” (p. 44). Segundo o autor “o planejamento é um “guia” de trabalho, que não pode, de forma alguma ser rígido, “engessando” o trabalho do professor visto que o processo de ensino está em constante movimento” (p. 49).

Dessa forma, o planejamento requer uma atitude de reflexão sobre o objetivo que se deseja atingir, ou seja, a partir de experiências anteriores, fazer reflexão sobre a ação e para outra ação. Isso facilita a identificação de equívocos oriundos da prática (MOREIRA, 2008, p.44).

Autores como Venâncio e Darido (2012); Silva, Moreira e Oliveira (2018); defendem que o planejamento deve estar articulado intimamente com o projeto político pedagógico (PPP) da escola. Na concordância dos autores citados, o planejamento é uma ação importante e se faz imprescindível principalmente dentro da escola. Ele deveria estar vinculado ao projeto político pedagógico da unidade, visto que é orientado por ele, como também afirmam Bossle (2002) e Libâneo (1994). Se por um lado o planejamento educacional é conferido ao professor, esse mesmo professor também pode ser corresponsável pelo processo de construção do documento, o qual seu planejamento deveria estar apoiado/vinculado, ou seja, o projeto político pedagógico.

Aspectos como a carga horária anual, o número de aulas, a composição das turmas, duração da aula e espaço de ensino ficam sob decisão de cada escola. Cabe destacar que a atual Lei de Diretrizes e Bases concede grande liberdade e autonomia para as escolas, especialmente por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP), no qual devem constar os objetivos da escola, suas prioridades e ações, tendo em vista suas próprias características (IMPOLCETTO e DARIDO, 2018, p. 6).

O artigo 12, inciso I, da Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, prevê que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar a sua proposta pedagógica. No artigo 13, incumbe os docentes no inciso I de participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino e no inciso II, de cumprir e elaborar o plano de trabalho seguindo a proposta do estabelecimento. E no artigo 14,

inciso I sobre as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, reafirma a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político pedagógico da escola. Ou seja, é determinado por lei que as escolas façam seus projetos político pedagógico (PPP), que seus professores auxiliem nessa construção e que os próprios planejamentos educacionais dos docentes estejam associados a esse documento, indicando uma integração dos objetivos na formação do aluno.

A construção do projeto político pedagógico é um ato deliberado dos sujeitos envolvidos com o processo educativo da escola [...] sendo o resultado de um processo complexo de debate, cuja concepção demanda não só tempo, mas também estudo, reflexão e aprendizagem de trabalho coletivo (VEIGA e RESENDE, 2008, p. 30).

De acordo com Veiga e Resende (2008) “a proposta pedagógica ou projeto pedagógico relaciona-se à organização do trabalho pedagógico da escola; o plano de trabalho está ligado à organização da sala de aula e a outras atividades pedagógicas e administrativas” (p. 12). Segundo as autoras, é necessário que se afirme que a “discussão do projeto político pedagógico exige uma reflexão acerca da concepção da educação e sua relação com a sociedade e a escola, o que não dispensa uma reflexão sobre o homem a ser formado, a cidadania e a consciência crítica” (p.13).

Para Silva e Moreira (2018) o projeto político pedagógico é um documento amplo que deve retratar a identidade escolar e orientar o planejamento dos processos de ensino. Algumas instituições inibem a construção coletiva dele, ou delegando a função para alguns profissionais da escola, ou oferecendo a participação para pessoas pouco engajadas com a escola e com o projeto.

O PPP é um documento que não se reduz à dimensão pedagógica, nem muito menos ao conjunto de projetos e planos isolados de cada professor em sua sala de aula. O PPP é, portanto, um produto específico que reflete a realidade da escola, situada em um contexto mais amplo que a influencia e que pode ser por ela influenciada (VEIGA e RESENDE, 2008, p. 11).

Segundo Veiga e Resende (2008) no percurso de construção do projeto político pedagógico, dois momentos estão ligados entre si, entremeados pela avaliação que são o da concepção e o da execução. As autoras afirmam que esse documento “não visa simplesmente a um rearranjo formal da escola, mas a uma

qualidade em todo o processo vivido” (p. 11). E completam que ele carrega junto de si mais que informações acerca de dados de localização, histórico e quantidade de alunos e funcionários. Retrata o dinamismo do funcionamento de tudo o que envolve a unidade escolar em todos os aspectos e todos doutrinados pela autonomia. Por isso a importância dele ser construído e em conjunto, como já defendido anteriormente.

Moreira e Pereira (2018, p. 31) sugerem o que conter no projeto político pedagógico:

[...] localização geográfica; diagnóstico da região de inserção; apresentação do corpo diretivo (dos professores envolvidos na elaboração do projeto), histórico da instituição; pressupostos teóricos e filosóficos orientados do projeto; concepção de mundo, sociedade e escola; objetivos gerais e específicos; estratégias metodológicas para consecução dos objetivos estabelecidos; apresentação dos planos de trabalho dos professores em suas respectivas áreas, recursos utilizados, cronograma de ações; formas de avaliação das ações escolares e considerações a mais sobre o projeto.

Entretanto, a elaboração do documento, entendida e defendida para ser coletiva, pode não acontecer, ficando à margem de uma construção unilateral por parte da gestão administrativa da unidade, e nem sendo compartilhada posteriormente com a comunidade escolar, pais, professores e funcionários, agentes responsáveis no processo de formação do indivíduo e que poderiam se apropriarem de informações relevantes visando auxílio na educação desenvolvida.

O PPP exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim com a explicitação de seu papel social e a clara definição dos caminhos, formas operacionais e ações a serem compreendidas por todos os envolvidos com o processo. Ele precisa ser concebido com base nas diferenças existentes entre seus autores, sejam dos professores, equipe técnico-administrativo, pais, alunos e representantes da comunidade local. É, portanto, fruto de reflexão e investigação (VEIGA e RESENDE, 2008, p. 9).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) o projeto político pedagógico [...] “representa mais do que um documento”, sendo um dos meios para alcançar a escola que é democrática e autônoma e com qualidade social. Ainda segundo o documento, [...] “o exercício da autonomia administrativa e pedagógica da escola pode ser traduzido como a capacidade de governar a si mesmo, por meio de normas próprias” (p. 47).

Torna-se claro a relação estabelecida entre planejamento e projeto político pedagógico, na busca por finalidades comuns da educação, voltadas a formação integral do indivíduo, que pertence a uma sociedade, onde a escola é parte de uma rede e vinculada, de uma maneira ou outra, ao município. É evidente que esse emaranhado de relações deve se entrelaçar, pois são partes de um todo. A partir do entendimento de que o planejamento é fundamental para sistematizar e otimizar o trabalho pedagógico, pensar numa perspectiva ideal, seria considerar o professor de Educação Física como participante na elaboração do projeto político pedagógico. Desse modo, ser atuante e apontar a relevância do que acredita e defende como educação. Para tanto, cabe no momento tratar especificamente sobre o planejamento em Educação Física, sendo oportuno e necessário situar a área protagonista deste estudo.

### **2.1.1 PLANEJAMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Educação Física tornou-se obrigatória no currículo dos estabelecimentos de ensino a partir da Lei nº 5.692/71 (BRASIL, 1971) (nos 1º e 2º graus, ditos atualmente ensino fundamental e médio) e reconhecida como componente curricular da educação básica e integrada a proposta curricular da escola a partir da Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996). Diante da presença desse componente durante toda a formação do aluno em período escolar, é esperado que essas aulas cumpram seu papel de precursora da cultura corporal de movimento e não se limitem apenas a atividades físicas descontextualizadas e excludentes. Como afirmam Moreira e Pereira (2009) “estar presente no currículo da Educação Básica não é suficiente. Faz-se necessário organizar e sistematizar a disciplina para que, assim, possa contribuir no projeto político pedagógico que a escola construiu” (p. 32).

De acordo com Moreira (2009, p. 44):

O planejamento de ensino deve ser assimilado como uma das responsabilidades de todos os professores, portanto, também a responsabilidade dos professores de Educação Física, que têm a oportunidade de organizar sua tarefa docente com precisão e eficiência.

As aulas de Educação Física “sofreram” com pouco reconhecimento e posicionaram-se de modo coadjuvante dentro da escola por um longo tempo. Não é intenção desse estudo situar historicamente sua “marginalização”, contudo vale destacar, segundo BRASIL (1997), que apenas em meados de 1980 diante de uma crise de identidade, teve origem uma mudança significativa nas políticas educacionais, acompanhada de um aumento nas publicações, congressos e cursos de pós-graduação. A partir disso, a área foi se transformando, ressignificando sua importância, seu papel, sua dimensão política, sua estrutura não mais como atividade, mas como componente curricular, enfim, se reconstituindo. As mudanças são absorvidas pela comunidade escolar gradativamente, na medida em que também são entendidas pelos próprios professores responsáveis.

A diferença entre um “componente curricular” e uma “atividade escolar” é a importância e o campo do conhecimento científico constituído ao longo dos anos. A Educação Física contempla o requisito de uma disciplina, considerando o vasto campo de conhecimento produzido e acumulado (MOREIRA e PEREIRA, 2018, p. 32).

O componente em questão passou por diversas “fases”, em consequência da ideologia política de cada época, que acabou ficando à margem das outras disciplinas ou da própria escola. Em determinado período, ora entrava no currículo, ora saía, estava dentro da grade curricular no mesmo horário das demais disciplinas, para em seguida, ser oferecida no contraturno. O professor, muitas vezes parecia não possuir planejamento, talvez até tivesse um, mas as aulas ficavam numa mesmice que os alunos sabiam o que fariam no ano inteiro antes mesmo de iniciar e com isso uma desmotivação contínua ano a ano dominou a área. A Educação Física escolar era então rotulada como sendo apenas uma brincadeira ou uma aula de descanso entre o que realmente importava na escola.

Sabemos que o papel que a Educação Física assumiu historicamente no cenário escolar contribuiu para a construção de um estereótipo da disciplina

que faz com que os alunos, professores e a comunidade escolar, bem como a sociedade de maneira geral, tenham dificuldade de reconhecer o professor de Educação Física e suas aulas como parte integrante do Projeto Político Pedagógico da escola (IMPOLCETTO e DARIDO, 2018, p. 3).

Tendo diante de si um horizonte de opções a explorar, a Educação Física enquanto área de conhecimento, a partir da formação de seus profissionais e da influência ideológica (de si próprio e do estado/governo) e política de cada época, colocava no mercado professores que executavam e/ou reproduziam o que aprenderam e entendiam como correto. Nesse universo que foi sendo construída a Educação Física escolar, atuações docentes com abordagens diferentes ocuparam e ofereciam o que acreditavam ser a aula pertinente no momento e construíram a história. Como cita González (2018) ao descrever atuações como a tradicional, onde o professor esportivista é engajado com o esporte de rendimento na escola e têm suas aulas voltadas aos mais habilidosos e o abandono do trabalho docente, onde se caracteriza a falta de intervenção do professor durante a aula, na forma de uma aula “rola bola”. O autor afirma que esses tipos de aula, ainda operam nas escolas, apesar de não encontrar “no Brasil discursos legitimadores que lhe deem suporte” (p. 2). Segundo ele “é um problema estruturante de nosso campo profissional” (p. 19). Cresceu, portanto, um desestímulo e uma desmotivação por parte dos alunos, que não se enquadravam e que se limitavam em participar de uma aula a qual tinham o direito de aprender. Ao mesmo tempo, emergiu um descrédito e um desprestígio dentro da escola, de um componente que não era respeitado como os outros.

De acordo com González (2018) parte dos agentes da comunidade escolar e dos gestores escolares, encontram dificuldade em ver um conhecimento disciplinar e de reconhecer o que se ensina ou se deve ensinar nessas aulas. “Essa invisibilidade permite que não apenas muitas formas diferentes de ocupar o tempo da aula sejam aceitas, como também que essas diferentes formas recebam o mesmo reconhecimento, ainda algumas sendo efetivamente aulas e outras não” (GONZÁLEZ, 2018, p. 13). O autor defende o movimento renovador como sendo um separador de águas, “uma ruptura definitiva com as concepções tradicionais da área em diferentes dimensões” (p. 7). Trata de “atuações docentes caracterizadas pelo empenho de ensinar conteúdos específicos da disciplina [...] em direção a uma Educação Física pautada pelos parâmetros de um componente curricular” (p. 8).

Segundo Darido (2018) foi o que “possibilitou a proliferação de diferentes propostas pedagógicas na Educação Física” (p. 5).

A concepção na área de Educação Física escolar foi cedendo lugar aos saberes que lhe são próprios, mas que ainda caminha, à luz de sua própria evolução. A área não ganhou espaço, o conquistou arduamente tendo na frente de batalha professores atuantes criticamente que buscaram a visibilidade necessária e tomaram para si a responsabilidade de “provar” a importância do componente, contrapondo o período da história em que este ficou estático, sendo “invisível” dentro da comunidade docente escolar e também o sendo para muitos docentes da própria área.

Com um campo de conhecimento culturalmente amplo, a Educação Física está ocupando seu lugar. Uma luta com sua história, com docentes atuando de modo acrítico e com uma clientela que aguarda ser surpreendida. Ao longo dessas constantes transformações a área foi contemplada por estudos que lhe deram voz de importância e autenticidade, colaborando para atualmente ser o que é, e estar onde está, afinal é contemplada de modo obrigatório para toda comunidade escolar. Para tanto, precisa também cumprir com suas obrigações legais.

Souza Junior (2001, *apud* MOREIRA E PEREIRA 2009, p. 83) afirma que:

[...] um componente curricular é, no sentido de matérias de ensino, não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento da organização curricular da escola que em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno.

Por conta de ser uma disciplina historicamente marginalizada, os apoios didáticos eram escassos e não ofereciam suporte pedagógico no momento do planejamento. Ferrari e Rodrigues (2002, *apud* MOREIRA e PEREIRA 2009, p. 34) identificam a “falta de organização e sistematização da disciplina, fruto de uma preparação profissional deficiente, bem como desconhecimento de necessidades e interesses das crianças”, como pressupostos/origem de aulas desmotivantes. Há também a questão da discriminação que os professores de Educação Física enxergam por parte dos demais docentes diante de sua atuação profissional, como citam Gonçalves e Ferroni (2003, *apud* MOREIRA e PEREIRA 2009), afirmando que

isso advém de uma compreensão deturpada do papel do componente na escola e de equívocos históricos da própria área.

Para Souza Júnior (2001, *apud* MOREIRA e PEREIRA 2009):

Educação Física é um componente curricular? ... Sim! A história vem mostrando que sim... É imprescindível que se supere o status de marginalidade assumido/ dedicado à Educação Física no interior do currículo escolar e que se busque um reconhecimento de componente curricular importante para o processo de formação humana, em que o saber e o fazer constituem-se como um par dialético. É importante que, juntos [professores], transformemos tal possibilidade em realidade e possamos, assim, escrever um novo capítulo da história (p.35).

Em resumo a Educação Física escolar sofreu ou ainda sofre, com o fato de já ter sido ou ainda ser, marginalizada. Como afirma González (2018, p. 15) ao citar que não é desconhecido na área que “o componente curricular Educação Física ocupa posição inferiorizada frente a outras disciplinas na escola”. O autor reafirma que o professor deve conquistar seu reconhecimento profissional enfrentando preconceitos, pois a marginalidade construída pode ser vista até no currículo, a partir do tempo destinado às aulas e a falta de material, além desse professor sofrer um desprestígio a ponto de comprometer sua participação dentro do contexto educacional como os demais docentes na escola.

Apesar de ser reconhecida pelas leis brasileiras e estar integrada à proposta da escola, os sistemas de ensino têm autonomia de articular seus currículos e com isso há a possibilidade de as aulas serem no contra turno, o que lamentamos, pois dificilmente aconteceria com outro componente. É possível ainda citar momentos em que o professor é pouco ou nada requisitado para uma participação efetiva, como na elaboração do projeto político pedagógico da escola, nas reuniões de planejamento, de trabalho coletivo e até mesmo nas reuniões de pais, além de exercer posição de pouca importância nas reuniões de conselho de classe. Frente a isso, alguns professores podem se sentir inferiorizados.

Por fim, em algumas realidades, esses professores de Educação Física podem até evitar compartilhar de momentos coletivos durante os intervalos de aulas, por exemplo, por sentirem uma diferença incômoda e pouco confortável diante dos colegas. Essa postura também merece ser revista por parte desses docentes com o intuito de iniciar um processo pela conquista do seu lugar no “todo” da comunidade escolar.

Como afirmam González e Fensterseifer (2009, *apud* SILVA e MOREIRA 2018)

[...] o status de componente curricular trouxe responsabilidades e necessidades de alteração das práticas pedagógicas, isto é, o professor não poderia manter a prática tradicionalmente conhecida, mas também não vislumbrava o que de novo poderia pensar e desenvolver (p. 14).

Colaborar na construção do projeto político pedagógico (PPP) da escola é um grande passo para essa busca em encontrar seu espaço, como defendem Moreira e Pereira (2009) quando apontam a necessidade urgente de ressignificar a presença da Educação Física na escola:

Nesse sentido, o primeiro passo é que o professor de Educação Física integre-se à construção do Projeto Político-Pedagógico da escola. Segundo, que a integração não seja apenas no plano das discussões, mas, sim, no plano das ações; terceiro, que a Educação Física seja entendida como um dos pilares da organização didático-pedagógica da escola, assim como todos os outros componentes curriculares, oferecendo possibilidades de desenvolvimento pleno, integrado e interdisciplinar (p. 35).

Segundo Venâncio e Darido (2012), a Educação Física escolar enquanto componente curricular divide responsabilidade pela formação do cidadão, devendo participar de todo o processo de elaboração do projeto político pedagógico e compartilhar sua implementação, assim como, cumprir e estar comprometido com seu papel pedagógico e político. Como igualmente defendem Silva e Moreira (2018) quando sustentam que o professor de Educação Física precisa ter empenho na elaboração do projeto político pedagógico, porque a qualidade da contribuição que a disciplina pode ter na formação social dos alunos depende disso. Contudo, os autores retratam a ausência desse professor em relação aos outros, num distanciamento dos colegas e da equipe pedagógica, fato que pode prejudicar a legitimidade do componente dentro da unidade escolar. Reiteram que a participação desses docentes na elaboração do documento citado e sua inserção dentro da escola como membro ativo, é proporcional aos benefícios na formação dos alunos.

Diante do exposto, há de se registrar que a participação do professor de Educação Física necessita ser uma participação consciente e crítica e que se auto valorize. Sobretudo considerar a reflexão sobre a questão do planejamento e a

efetiva colaboração na construção do projeto político pedagógico, como pontos cruciais para adotar posturas de participação em todos os momentos do dia a dia escolar, nos diferentes contextos, superando a marginalização construída historicamente.

[...] fica evidente que não nos interessa uma participação qualquer do professor de Educação Física no planejamento escolar, mas, sim, uma participação ativa, política e que acima de tudo, supere a marginalização da área, as práticas tradicionais, a alienação” (BARBOSA, 2010 *apud* SILVA e MOREIRA, 2018, p. 14).

Moreira e Pereira (2009) justificam a importância da construção coletiva do projeto político pedagógico, pois disso depende se o processo de educação escolar desse aluno será submisso à dominação ou poderá ser transformador e autônomo. Os autores contemplam também a comunidade escolar e extraescolar, no envolvimento de todos os sujeitos num diálogo aberto e socializado, com a garantia da participação, da transparência e da comunicação efetiva, pautando realmente num fazer coletivo na elaboração desse documento.

As leis estruturam e organizam com vistas a garantir que de fato se cumpra o estabelecido/determinado nos documentos, de acordo com os objetivos da educação brasileira. Como as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) no seu art. 43, na afirmação que o projeto político pedagógico representa mais do que um documento, sendo um dos meios de viabilizar a escola democrática para todos e de qualidade social. E reitera no art. 44, que esse documento é uma instância de construção coletiva que respeita os sujeitos das aprendizagens, entendidos como cidadãos com direitos à proteção e à participação social. Como na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL,1996) quando determina que o professor deve planejar o seu trabalho, e que este deve estar articulado ao projeto político pedagógico da escola. Portanto, a instituição escolar pode dar suporte e orientação ao professor, para estruturar seu planejamento, para que todas as disciplinas caminhem juntas, a iniciar de imediato pela construção do projeto político pedagógico da escola, de maneira igualitária em condições de participação.

Na tentativa de organizar o seu planejamento o professor poderá buscar orientação em diferentes fontes, como o Projeto Político Pedagógico das escolas, as propostas de Educação Física em nível municipal, estadual e

federal, assim como os referenciais teóricos da área disponíveis em livros, pesquisas, ou nos seus erros e acertos enquanto profissional, nas opiniões dos alunos e na realidade na qual a escola está inserida (SILVA, MOREIRA e OLIVEIRA, 2018, p. 14).

Silva e Moreira (2018) entendem que o planejamento participativo é o meio mais adequado de construção e de transformação da realidade, na busca da autonomia crítica que o aluno enquanto cidadão deve adquirir na escola.

Obviamente, não é qualquer participação que caracteriza o planejamento participativo, mas a que distribua com o poder de decisão consciente e intencional [...] na construção não apenas do "como" ou do "com que" fazer, mas também do "o que" e do "para que" fazer (GANDIN, 2001, p. 88).

Para a elaboração do plano de trabalho, o planejamento, o professor deve estar respaldado por um suporte pedagógico, a luz do seu conhecimento numa relação estreita entre a formação e a experiência, que culminará na construção do seu documento, do que acredita ser viável aos seus alunos, no seu contexto. Portanto, garantir o envolvimento do professor de Educação Física com o projeto político pedagógico caracterizando, um planejamento participativo na sua realidade, indica que seu lugar está sendo ocupado na comunidade escolar. Silva e Moreira (2018) reiteram:

[...] reafirmamos a necessidade do professor de Educação Física em se envolver e se comprometer com o Projeto Político Pedagógico da escola e com a sua função de planejar, desenvolver e avaliar o trabalho docente, de maneira que este seja organizado e coerente com a transformação social, em busca de uma sociedade mais crítica, autônoma e democrática, tendo que um planejamento que integre ações e sujeitos escolares atingirá mais facilmente as necessidades de aprendizagem dos alunos (p. 17).

Para Bossle (2002) antes mesmo de realizar o planejamento de ensino, há de se preocupar com a elaboração do Projeto Político Pedagógico e do Projeto Curricular, que são orientadores da ação docente responsável. O autor cita que talvez possa haver certa dificuldade no âmbito escolar, para diferenciar plano e planejamento. Segundo ele, planejamento é o “processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da ação docente, que articula a atividade escolar com o contexto social. E plano é “o produto, que pode ser explicitado na forma de registro, de documento ou não” (p. 33).

A inter-relação entre os diferentes níveis de planejamento é essencial para que escola e professores desempenhem um trabalho coerente e unificado, suprimindo carências e problemáticas educacionais, culturais, sociais e econômicas da comunidade (SILVA e MOREIRA, 2018, p. 9).

Barbosa (2010, *apud* SILVA e MOREIRA, 2018) entende que são três os tipos de planos adotados na escola, o de curso, de unidade e de aula. Eles têm elementos comuns, a diferença encontra-se no tempo de duração. Deve constar o tempo de abrangência, a identificação, justificativa, objetivos, metodologia, conteúdos, avaliação e referências. O plano de curso pode ser para um ano ou um semestre e se bem elaborado, descarta a necessidade de fazer o de unidade. O de aula, detalha as ações docentes, o que será realizado na aula efetivamente. Alguns autores como Libâneo (1994) e Vasconcellos (2000, *apud* SILVA e MOREIRA 2018) descrevem as etapas dos respectivos planos, considerando primeiramente o plano de curso e de unidade, para depois descrever o plano de aula.

De início a *identificação*, especificando o tipo de plano (anual, semestral ou bimestral), nome da instituição, da disciplina e do professor, ano escolar dos alunos e a vigência do plano. Sendo plano de aula, nome da escola, disciplina, professor, conteúdo e o tema da aula, identificação da turma, data e tempo de aula. Em seguida a *justificativa*, esclarecendo o por que, para que e como fazer, numa relação de reflexão e pesquisa do professor. Os *objetivos*, gerais (extraídos do projeto político pedagógico) e os específicos, que se referem a expectativa do professor em relação ao que os alunos aprenderão no processo. Para o plano de aula, os selecionados a partir dos gerais, de forma mais específica. Os *conteúdos* são os que melhor atendem as necessidades da escola e dos alunos, a partir da consulta ao projeto político pedagógico, aos documentos e propostas oficiais da União, os Estaduais e Municipais e os referenciais teóricos. O de aula é o que será desenvolvido numa aula ou num conjunto delas. Na *metodologia/procedimentos ou estratégias de ensino* a descrição de como a disciplina ou o conteúdo serão desenvolvidos no decorrer do tempo de vigência do plano. Os *recursos didáticos* são os utilizados durante o plano, de material e pessoal e para a aula, os necessários no momento. A *avaliação* detalha os instrumentos necessários do que será avaliado, inclusive avaliar o que o professor fez. Em

relação ao de aula, como serão avaliados durante e após as aulas. E por fim a *referências* utilizadas na fundamentação e elaboração dos planos.

Sem dúvidas realizar todos esses processos na elaboração do planejamento de Educação Física tornaria essa aula mais significativa, senão para todos os alunos, para grande parte e também para o professor, que nesse momento necessita repensar o futuro desse componente curricular na escola. Esse docente até pode enxergar a marginalização construída no seu campo de conhecimento, mas deve vislumbrar o que pode fazer para que isso seja apenas passado. E acreditamos que dar voz e vez a esse professor seja nas reuniões ou na construção do projeto político pedagógico, pode repercutir no seu processo de ser professor muito querido pelos seus alunos, mas também reconhecido pela comunidade escolar. Acreditamos que para agregar no momento do planejamento, se faz necessário abordar a formação profissional desse docente, como meio de entender a influência do estudo na sua prática e a construção dos seus saberes pela experiência. Se faz importante também tratar dos documentos que orientam e estruturam a educação nacional, visto que é a partir deles que temos a garantia de presença nas escolas e o regimento de nossos deveres e direitos.

## **2.2 DOCUMENTOS ORIENTADORES**

No anseio da questão norteadora da pesquisa, qual seja desvendar como os professores de uma rede de ensino pública municipal realizam seus planejamentos, aproveitando o momento histórico em que um documento nos é “oferecido” em âmbito nacional para auxiliar a construção dos currículos. Desse modo, creio ser pertinente resgatarmos quais são os outros documentos que tiveram essa função até o momento. Foi abordado anteriormente o que é planejamento e em particular, demos uma ênfase no planejamento de Educação Física. Entrelaçando com a proposta deste estudo, os documentos orientadores permitem revelar o que as leis determinam e, mais especificamente, trata da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que será o combustível dos planejamentos num futuro e “que começa” imediatamente a ser colocado em ação.

A Educação Física é um dos componentes curriculares que o aluno tem o direito a conhecer para ter assegurada sua formação integral, bem como é parte obrigatória da educação básica.

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo-emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional (BRASIL, 2013, p. 17).

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi promulgada em 20 de dezembro 1961 (Lei nº 4024/61). Em 11 de agosto de 1971, o 7º da Lei nº 5692 tornou a Educação Física obrigatória em todos os níveis de ensino, sendo facultativa em algumas condições (1971a). No mesmo ano, o Decreto nº 69.450/71b a concebeu como atividade com fins de aprimoramento das forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais (BRASIL, 1971b). Em 1996 o parágrafo 3º do artigo 26 da LDB determina que a Educação Física é componente curricular, ainda sendo facultativa em alguns casos. Em 2001 o texto do referido artigo foi alterado, sendo incluído o termo obrigatório ao componente curricular, reforçando a exigência legal da Educação Física.

Na organização do Estado brasileiro, a matéria educacional é conferida pela Lei nº 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aos diversos entes federativos: União, Distrito Federal, Estados e Municípios, sendo que a cada um deles compete organizar seu sistema de ensino, cabendo, ainda, à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva (BRASIL, 2013). A LDB define o sistema educacional brasileiro e juntamente com a Constituição Federal de 1988 culminou no Conselho Nacional de Educação.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) tem por missão a busca democrática de alternativas e mecanismos institucionais que possibilitem, no âmbito de sua esfera de competência, assegurar a participação da sociedade no desenvolvimento, aprimoramento e consolidação da educação nacional de qualidade. Suas atribuições são normativas, deliberativas e de assessoramento no sentido de formular e avaliar a política nacional de educação, dentre outros. É

composto pelas Câmaras de Educação Básica (CEB) e de Educação Superior (CES). Compete ao CNE e as Câmaras exercerem as atribuições conferidas pela lei nº 9131/95, que dentro de suas atribuições, institui a formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). Esta competência torna as DCNs mandatórias para todos os sistemas, delimitando o conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, articulação, desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas. Por outro lado, a necessidade de definição de Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica se mostra com objetivo de orientar o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, considerando que cada etapa e modalidade (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) possuem suas próprias diretrizes curriculares (BRASIL, 2013).

O Plano Nacional de Educação (PNE) é o documento de maior abrangência e prevê as metas e diretrizes para a educação brasileira a serem alcançadas nos dez anos subsequentes. Salienta a necessidade de estados e municípios na elaboração dos seus respectivos planos decenais. Em 2014 foi aprovada a Lei nº 13.005 do novo Plano Nacional de Educação estabelecendo diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024, sendo vinte metas acompanhadas de estratégias para execução (BRASIL, 2014). O PNE fica sob a incumbência da União, e conta com a colaboração de Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Os Planos Educacionais são de responsabilidade de Estados, tendo como base o PNE, o qual deve integrar suas ações aos seus municípios. Por fim, o projeto político pedagógico da escola bem como os planos de trabalho, devem ser elaborados e desenvolvidos pelos professores (BRASIL, 1996).

Organizado, o sistema educacional brasileiro numa reação em cadeia, sob um olhar de macro para micro, partindo dos órgãos mais abrangentes, os quais instituem as leis que vigoram e fazem o sistema “andar”, chega ao final “permitindo” que seja o professor o agente responsável que, absorvido de todas as questões/elementos/aspectos/alíneas e artigos administrativos, surpreenda seus alunos apresentando o mundo do conhecimento, tendo as leis contemplando sua autonomia e pontuando seus deveres.

Nesse universo burocrático, em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) chegam às mãos dos professores para nortear a elaboração do planejamento. Divide os componentes em blocos e aborda a interdisciplinaridade entre os conteúdos, assim como trata das dimensões do conhecimento sendo a conceitual, procedimental e atitudinal.

O documento de Educação Física traz uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática da Educação Física nas escolas (BRASIL, 1997, p. 15).

Esses parâmetros foram divididos em dez volumes (1. Introdução aos PCNs, 2. Língua Portuguesa, 3. Matemática, 4. Ciências Naturais, 5.1 e 5.2 História e Geografia, 6. Arte, 7. Educação Física, 8.1 Temas Transversais – apresentação e 8.2 Temas Transversais – ética, 9.1 Meio Ambiente e 9.2 Saúde, 10.1 Pluralidade Cultural e 10.2 Orientação Sexual). Eram apontados como referenciais de qualidade para a educação brasileira e foram feitos para auxiliar as equipes escolares na execução dos seus trabalhos, sobretudo no desenvolvimento do currículo, considerando a adequação de cada realidade (PCN, 1997). Esse auxílio foi consolidado nesse formato de divisão em blocos para todo o ensino fundamental. O do Ensino Médio foi dividido em quatro partes (1. Bases Legais, 2. Linguagens, Códigos e suas tecnologias, 3. Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias e 4. Ciências Humanas e suas tecnologias).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais chegaram as escolas e puderam ou não serem explorados pelos professores, uma vez que não se apresentavam como documento obrigatório. Contudo, a “normatização” de uma base de estudo comum para toda a nação brasileira já estava implantada desde a constituição federal de 1988, que no seu artigo 210 cita que “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum” (BRASIL, 1988). A LDB (BRASIL, 1996) reitera no seu artigo 26 a regulamentação de uma base nacional comum para a educação básica.

O sistema educacional brasileiro, de sobremaneira todos seus órgãos, secretarias e câmaras, na idealização de uma base comum para a educação básica e, com respaldo nas leis, apresenta em 2014 as vinte metas do Plano Nacional de Educação das quais quatro correspondem a Base Nacional Comum Curricular. Desde então, tem início um processo de mobilização em torno da discussão do documento, iniciado na 2ª Conferência Nacional pela Educação (Conae) ainda em 2014, e tornando-se pública para todas as escolas brasileiras no ano seguinte, como versão preliminar.

Aconteceram vinte e sete seminários estaduais com professores, gestores e especialistas para debater a 2ª versão da Base (BRASIL, 2017), para em 2016 ser redigida a 3ª versão. Somente a partir de sua homologação, se justificaria o início da formação e capacitação dos professores e o apoio aos sistemas de educação estaduais e municipais para a elaboração e adequação dos currículos escolares (BRASIL, 2017). Em 2017 a Base foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação, sendo elaborada por especialistas, a qual chega para unificar o ensino no país universalizando a educação comum e igualitária a todos, resguardada a liberdade para trabalhar temas relacionados a própria realidade de cada escola.

Esse documento, fruto de um momento histórico no país, proporcionou que os professores se manifestassem numa consulta pública, enviando opiniões e contribuições que poderiam, guardada a devida pertinência, serem aceitas pelos especialistas redatores da Base Nacional Comum Curricular. Era o início da construção de um documento que viria para alinhar o que a lei já determinara como meta da educação brasileira, mas que poderia ser complementada em cada sistema de ensino.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica. Se aplica à educação escolar como define a Lei de Diretrizes e Bases e está orientado pelos princípios fundamentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2017). Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a Base Nacional Comum Curricular integra a política nacional da Educação Básica e busca contribuir para o

alinhamento de outras políticas e ações em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação (BRASIL, 2017).

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular, as redes de ensino têm diante de si a tarefa de construir currículos, com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas no documento, passando, assim, do plano normativo propositivo para o plano da ação e da gestão curricular que envolve todo o conjunto de decisões e ações definidoras do currículo e de sua dinâmica (BRASIL, 2017). Esse documento precisa dialogar também com os professores, que necessitam se apropriar dos termos e entender a funcionalidade na e da construção do currículo da escola e do seu planejamento.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece como pilares, dez competências gerais que irão nortear o trabalho dos estabelecimentos de ensino e dos professores em todos os anos e para todos os componentes curriculares da educação. Em 2020 inicia sua implementação em âmbito nacional.

Os documentos orientadores que regem a educação brasileira, estabelecem burocraticamente a funcionalidade da legislação em planejar e nortear os pressupostos educacionais a serem alcançados, sobretudo, a partir da elaboração e implementação da Base Nacional Comum Curricular, um marco para a educação no país e que começa a trilhar seu futuro nos dias atuais. Contudo, eles são apenas instrumentos que podem ser pouco ou muito utilizados, mas dependem intrinsecamente da responsabilidade do professor.

A defesa por esse profissional vai muito além do interpretar as leis, pois, é uma pessoa que tem o dom de ensinar e conviver com outras pessoas, se dispondo e se doando num grau de empatia difícil de explicar. Esse professor que buscou uma formação para ser exatamente o que é, aprende ao mesmo tempo em que ensina, estabelece para si muitas vezes, uma rotina insana para conseguir conciliar sempre mais aula e mais estudo com sua vida pessoal.

Nesse mundo de estudo e aprendizado, de ensinar e aprender, o professor que também é aluno se transforma como seus alunos, na medida em que se apropria de mais conhecimento. A formação inicial como começo da carreira profissional e a busca pela formação continuada, tornam-se elementos importantes ao considerar as constantes mudanças da educação brasileira. Discussões que

faremos no próximo capítulo, ao considerar a preparação desse docente, a continuidade no universo dos estudos e os saberes que são produzidos no exercício da profissão.

## **2.3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

É a partir da formação acadêmica que tem início uma carreira profissional de professor, pois este necessita do diploma para certificar de que cumpriu as etapas conteudistas (teóricas e práticas) necessárias para a aquisição no desenvolvimento de suas competências. Nesse caminho que se dá durante essa formação é que se constrói um alicerce, uma base que pode ser, suficiente ou não, para iniciar os passos, trilhar o percurso, buscar o sucesso, mas que, inevitavelmente representa o começo de uma nova fase, e esse é só o início de uma longa jornada.

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhora profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las. A experiência, nossa e a dos outros professores. O conhecimento, aquele que provém da investigação, das experiências dos outros e de modelos, exemplos e propostas (ZABALA, 1998, p. 13).

No processo de formação, muitas vezes erroneamente temos a falsa impressão que aquele período de estudo é ou foi suficiente para a grandeza do nosso trabalho. E claro, todos queremos ser bem sucedidos no que fazemos. Contudo, na medida em que tem início os afazeres profissionais, percebemos que no decorrer da profissão, aprendemos com o tempo, lidando com a insegurança do início, e que absolutamente tudo o que nos envolve tem influência de nossas crenças, atitudes e concepções de vida e de mundo. Segundo Galvão (2002) “o bom desempenho das funções do professor depende, em parte, de como ocorreu sua formação. Diz-se em parte pois, além dessa formação, é necessário observar as características da personalidade de cada indivíduo” (p. 65).

Aos poucos o profissional percebe que carrega junto de si uma bagagem construída ao longo da sua vida, de relações e aprendizados diversos, e que nunca se acaba sendo constantemente elaborada, que interfere e influencia

cada acontecimento pessoal e profissional. Sendo assim, o ser professor tem início antes mesmo do conhecimento adquirido formalmente no curso de graduação. Esse constante aprendizado não se encerra, ele é edificado ao longo e de acordo com as fases da vida.

O professor é antes de tudo um indivíduo. Uma pessoa com valores, anseios, medos, aptidões, mas que profissionalmente transmite seu conteúdo de modo muito específico, e que também se divide em ensinar o que está além de livros, ou seja, valores que são inerentes ao seu ser. Muitas das vezes, durante a aula, o tempo dispendido para tratar dos valores numa relação atitudinal pode ser maior do que o tempo real da atividade numa atividade prática. Agrega-se à própria aula, a necessidade de conduta justa e positiva, exigindo, cobrando ou ensinando aos alunos comportamentos que são importantes nas aulas, mas principalmente, na própria vida. Para o aluno, o professor é na escola “o exemplo”, que, muitas vezes, pode assumir a responsabilidade utópica da “perfeição”. Além disso, pode ainda assumir a responsabilidade por cada gesto, cada palavra, cada olhar de quem sempre o observa.

O art. 67 da LDB relaciona o professor e sua formação:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: I- ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; III – piso salarial profissional; IV – progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; V – período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; VI – condições adequadas de trabalho (BRASIL, 2013, p. 57).

Dentro da escola é estabelecida uma relação de interdependência entre esta e o educador, onde ambos são parte do todo. [...] “não há educação escolar sem escola e nem esta sem aquele [...] valorizar o profissional da educação é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética, ambiental” (BRASIL, 2013, p. 57). Assegurado por lei e documentado a importância que o professor exerce dentro da escola, a preocupação se volta em sua preparação para o trabalho e na continuidade de seus estudos durante a vida profissional. Segundo Caldeira (2001, p. 89) a formação docente não deve ser pensada de modo fragmentado, “mas como um processo e como tal não se inicia nem se esgota na formação inicial”.

Durante a fase acadêmica, obtém conhecimento teórico e prático que é usado de base na construção da sua atuação na escola e sendo suficiente ou não, é a preparação que esse recém-formado possui para começar seu exercício, iniciando também um processo de “nova identidade”, na qual apesar de ter sua vida particular, aos olhos de seus alunos, em qualquer lugar e a todo momento, será sempre o professor. Tardif (2002) cita que o saber dos docentes é deles e está relacionado com sua própria identidade, inclusive com sua experiência de vida e sua história profissional, além também da relação com seus alunos e com todos os outros agentes da comunidade escolar. Pimenta (1996) aborda a construção dessa identidade, citando que ela é formada

[...] pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores nas escolas (p. 76).

O início da carreira docente é um período também rodeado de dúvidas, medo, insegurança, ansiedade, enfim uma série de sentimentos relativamente comuns ao começar uma vida profissional, inclusive vivenciando experiências tanto positivas quanto negativas. Entretanto, essa fase é importante e se faz extremamente necessária, pois tudo o que for construído após esse período, é para complementar e agregar a própria atuação docente.

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que forme o professor. Ou colabore para sua formação. Melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente, uma vez que professor não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas. Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano (PIMENTA, 1996, p. 75).

Ao longo dos dias na escola, o professor se percebe numa constante formação processual, se transformando e adquirindo saberes que não vieram da

universidade, mas estão o auxiliando e muito no cotidiano de sua profissão. É o aprender na prática, processo que se acontece literalmente trabalhando. Como afirma Ferreira (2008) “é preciso que a formação inicial passe a reconhecer que no exercício profissional do professor existe a construção de saberes e que a teoria precisa dialogar com eles e não fazer de conta que eles não existem” (p. 31).

Segundo Ferreira (2005, p. 48):

A formação inicial relaciona-se mais diretamente ao processo sistematizado que se efetiva nos cursos normais ou nas graduações para formação de professores e supõe a certificação docente, baseada no domínio dos conhecimentos profissionais básicos. Já a formação continuada, é destinada habitualmente, ao professor que já tenha passado pela formação inicial, com o objetivo de contribuir, de alguma forma, com a melhoria e suas práticas docentes.

O professor recém graduado tem o seu tempo para perceber que precisa de mais informações e conhecimentos, trata-se de uma busca frequente e que através do exercício da reflexão sobre a própria atuação, seus saberes produzidos, o constituirão ao longo da sua jornada. Pimenta (1996) [...] “entende, também, que a formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares” (p. 84). Caldeira (2001) também elucida esse uso e apropriação, ao afirmar que “por mais completa que seja a formação inicial, é por meio da prática docente reflexiva que o professor continua seu processo de formação na escola” (p. 89). No mesmo viés, Ferreira (2008) afirma que [...] é preciso reconhecer a existência de uma epistemologia da prática, o que implica conceber que o professor produz saberes (p. 31).

Todo docente aprende na prática algo que não obteve formalmente e agrega valor a esse conhecimento, a partir do momento em que percebe que isso acontecerá inúmeras outras vezes. A formação obtida que antecede o exercício profissional pode não ser suficiente para suprir a necessidade do cotidiano escolar, pois tal contexto é composto por relações humanas diversas, além do conhecimento produzido pelas partes envolvidas. Conciliar o aprendido, com a experiência produzida no dia a dia, não é tarefa fácil. Portanto, a escola, da mesma forma em que é o lugar em que o professor ensina, é o local onde ele também aprende. “O processo de formação deve, portanto, ser entendido como um processo inacabado,

em constante movimento de reconversão e a escola, reconhecida como um espaço privilegiado de formação profissional” (CALDEIRA, 2001, p. 89).

Segundo Borges (1996) a partir da multiplicidade de saberes que constituem a prática pedagógica,

[...] é possível conceituar o saber docente como o conjunto de saberes que o professor possui não só no que diz respeito aos conhecimentos já produzidos que ele transmite, mas também, ao conjunto de saberes que integram sua prática e com os quais ele estabelece diferentes relações (p. 50).

Há de se considerar que o professor produz saberes que se diferem do conhecimento científico, por não serem sistematizados, por serem mais dinâmicos e articulados com o fazer docente (FIORENTINE et al., 1998, *apud* FERREIRA 2008). E estes saberes, conforme BORGES (2001, *apud* FERREIRA 2008) identifica são:

[...] temporais (mudam com o tempo), heterogêneos (vêm de diversas fontes), personalizados (são marcados pelas experiências pessoais), situados (só no contexto se atribui e se compreende seu sentido), sociais (construídos também por meio da interação com o outro) e carregados das marcas do ser humano (é invadido pela emoção e conduzido pela subjetividade – a sensibilidade, a ética, ou valores opostos (p.31).

O “saber fazer”, processo de aprendizado pela prática, se faz presente em todos os docentes, muitas vezes como ponto muito positivo. Se estiver acompanhado de reflexão, ganha contornos extremamente favoráveis no dia a dia entre alunos e professores, ampliando e contribuindo no processo de ensino e de aprendizagem. Como afirma Pimenta (1996) [...] “os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática” (p. 77). Tardif (2002) ao descrever sobre os saberes dos professores afirma que estes dependem das condições concretas de realização do trabalho e da personalidade e experiência profissional de cada um. Para o autor, os saberes construídos pela prática são frutos da experiência de trabalho e são o alicerce da prática e competência profissional.

Therrien (1993 *apud* Borges 1996) afirma que ao se considerar

[...] o processo educativo em uma perspectiva que identifica o trabalho docente a uma prática profissional, fundada numa pluralidade de saberes historicamente construídos, constata-se que a formação nos saberes e a produção dos saberes constituem dois pólos complementares e

inseparáveis. Ou seja, o professor é docente responsável pela formação dos cidadãos no que diz respeito à transmissão dos saberes sociais historicamente produzidos. E, no seu cotidiano, lida com os mais diversos saberes que informam e integram sua prática constituindo sua própria identidade (p. 53).

A partir da sua formação inicial, inserido num contexto de constante apropriação de saberes, ciente de que isso pode não ser suficiente no exercício profissional, em algum momento se depara com a necessidade ou com o desejo de atualização. Todo profissional necessita de atualizações, ou mais ou menos frequentes, por um motivo ou por outro, podendo ser utilizadas como ferramenta de motivação, de aprofundamento, de modo didático e pedagógico para conhecer novidades metodológicas e projetos educacionais, enfim, o intuito é o melhoramento da sua prática no seu campo de atuação, numa preocupação intrínseca de aperfeiçoar o seu domínio sobre algo. Isso pode ocorrer após formado quando o profissional percebe, segundo Ferreira (2008) que “a prática profissional se mostra de outra forma, pois a mera aplicação dos conhecimentos aprendidos na faculdade não dá conta de resolver os problemas que cotidianamente acontecem na ação docente” (p. 30).

Nesse sentido, a formação do profissional seria constante, na medida em que produz seus saberes através da prática e também quando busca um auxílio na pós graduação. Essa busca por uma continuidade da ou na formação, provocada por vontade própria ou condicionada ao sistema em que o profissional atua, numa exigência burocrática do aperfeiçoamento constante, ou refletindo uma necessidade e apoio pedagógico individuais, remetem a procura por uma formação continuada. E o que poderia ser classificado como tal? Em acordo com Ferreira (2005) [...] “pode abranger uma série de atividades como: congressos, seminários, palestras, cursos de curta/média/longa duração” (p. 48). Aqui cabe a indagação do professor que realiza uma busca para melhorar ou se capacitar visando um conteúdo em que não possui domínio. Nesse caso, a magnitude dessa pesquisa poderia repercutir em processo de formação continuada? De um lado a presença num congresso científico e do outro, um interesse solitário para suprir uma necessidade. Penso que onde se manifestar um processo reflexivo, de absorção de conhecimento que resulte em transformação, pode ser um processo de formação continuada, apesar que é fato não termos garantia disso em nenhum dos casos.

Desse modo, há ainda o desafio que se faz primordial no dia a dia escolar, que é encontrar motivação e disposição sempre para aprender, entendendo que a formação, assim como a educação, está numa constante teia de transformações, e que apesar de produzir saberes através da experiência, em algum momento pode lhe fazer falta saberes fundamentados, embasados teoricamente, e que poderiam acrescentar na melhoria da sua prática pedagógica, no seu exercício profissional.

De acordo com Chimentão (2009) o professor deve estar sempre bem informado do que acontece no mundo e, principalmente atualizado no que diz respeito aos conhecimentos curriculares e pedagógicos, e também em novas tendências educacionais.

Cabe ao professor manter-se qualificado para que possa atender as necessidades de seus alunos bem como da sociedade. Uma vez que, o mercado de trabalho busca o profissional melhor qualificado, flexível e disposto para enfrentar os desafios a ele proposto, visando uma melhoria na educação e no ensino. Portanto apenas a formação inicial não é suficiente para a garantia da qualificação dos professores na atualidade (MILEO; KOGUT, 2009, p. 4947).

Chimentão (2009) defende a formação continuada como pré-requisito para a transformação do professor,

[...] pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções, proporcionado pelos programas de formação continuada, que é possível a mudança. Fica mais difícil de o professor mudar seu modo de pensar o fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola. A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos (p. 3).

Autores como Chimentão, Mileo e Kogut entre outros, realçam o processo de constantes transformações que a escola atravessa, como reflexo da sociedade que evolui a cada instante, e que exige ser acompanhada por todos.

Os professores, após manterem um processo de qualificação e atualização, podem mais seguramente desenvolver uma reflexão diante da sua prática pedagógica, analisando todos os pontos ocorridos durante a execução de sua aula, repensando pontos positivos e negativos apresentados durante

esse período. [...] com isso o professor que torna-se reflexivo, passa a ser um produtor de conhecimentos que permite uma melhoria em sua prática docente, fazendo assim uma análise mais profunda da organização das atividades, reformulando e realizando as alterações pertinentes para que o encaminhamento das suas aulas fiquem melhores estruturados, buscando um melhor desenvolvimento integral do seu educando (MILEO; KOGUT, 2009, p. 4948).

Todos os indivíduos estão em constante transformação, os professores até mais, por estarem inseridos socialmente e compartilhar de ideais, se manifestam culturalmente em todos os ambientes, mas trabalham com a responsabilidade na formação de outros indivíduos. Buscam a formação inicial e tão logo percebem, através de seus sucessos e fracassos, que necessitam alimentar mais seu conhecimento, sair em busca de aprender mais, apropriando e renovando frente ao exercício profissional, mesmo considerando que também possuem o conhecimento prático, adquirido na experiência. Contudo, essa experiência pode não ser a garantia de êxito ou pode não ser o esperado pelo professor.

FERREIRA (2008), levanta algumas questões problemáticas em relação a formação continuada:

Em muitos programas formativos o professor é visto como um executor e seus saberes – produzidos no exercício da docência – não são levados em conta; são os especialistas que definem o que deve ser ministrado nesses cursos; não se considera o dia-a-dia da atuação docente (seus problemas, dificuldades, dilemas e angústias); esses cursos não se preocupam com a contextualização da escola, sendo geralmente realizados em outros locais (diretorias de ensino, universidades etc.); as motivações dos professores são vistas de maneira homogênea, ou seja, sem levar em conta os diferentes ciclos de vida profissional e os interesses que deles advêm (p. 31).

O professor não tem garantia que a formação continuada lhe contribua de modo eficiente, contudo, certamente sem ela, muito pouco ou quase nada mudaria. Esse tipo de estudo também possui lacunas que podem ser temporárias, ou não, entretanto, não deixa de representar uma preocupação do docente em melhorar algum aspecto do seu “ser professor”, e apesar de produzir saberes pela experiência cotidianamente e de possuir certificação acadêmica, ao buscar por uma atualização pedagógica, caminha no viés de unificar teoria e prática, priorizando na verdade, sua formação profissional.

Nesse sentido, é no momento em que o professor passa a olhar para sua prática de maneira cuidadosa e analítica que consegue visualizar os

problemas, analisá-los, tentar propor soluções para resolvê-los e reavaliá-los. Há, portanto, uma construção profissional diária que se relaciona diretamente com o desenvolvimento profissional docente (FERREIRA, 2005, p. 50).

A formação inicial pode ser considerada, portanto, somente o começo de um longo processo que na verdade não se encerra. A todo momento, o docente produz conhecimento construindo sua experiência, além de poder ser/estar inserido num processo de formação continuada, que como defende Ferreira (2005) pode ser de diversas maneiras, sobretudo, se essa procura for intencional, bem qualificada, certamente vai agregar aos saberes desse docente. Mileo e Kogut (2009) acreditam que a busca pela qualificação profissional está cada vez mais presente na vida dos professores. A constante procura por algo a mais ou a desmotivação em não querer mais nada, pode refletir a etapa da vida profissional que cada docente atravessa.

Entretanto, todos os professores perpassam por essas fases no seu exercício profissional, da formação inicial, onde predomina insegurança, atravessando a jornada da experiência como um elemento positivo, e a busca/necessidade de conhecer mais, saber mais. Há professores que não se cansam de trilhar esse caminho, outros, entretanto, se esgotam por nem chegarem até ele. O “ser professor”, é incondicionalmente individual, mesmo se relacionando com muitos sujeitos em diversas situações e vários contextos, cada docente é único em absorver para si informações, conhecimentos e saberes, que o constituem como construtor de sua própria vida profissional.

### **3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

---

Esse estudo tem o objetivo de investigar como acontece o planejamento dos professores efetivos e em exercício na rede municipal de ensino de uma cidade no interior do estado de São Paulo, sobretudo buscando estabelecer um diálogo entre a necessidade do planejamento educacional do componente Educação Física e as perspectivas dos docentes diante da realidade que possuem.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa participante, utiliza como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada e o memorial descritivo, e se utiliza da análise de conteúdo para estabelecer a triangulação com o referencial teórico estudado.

O motivo dessa investigação se justifica pela ausência de suporte pedagógico aos professores de Educação Física, bem como na falta de um currículo definido e na “presença” de um Projeto Político Pedagógico (PPP) não participativo e que se mostra engessado e desconfigurado da realidade, tendo cada docente apenas sua formação profissional para alimentar seus planos de aula e efetivar suas ações pedagógicas. Posteriormente, esta pesquisa será entregue ao Departamento de Ensino do município, como um estudo único realizado na rede, o qual também será encaminhado em formato digital para cada professor que contribuiu para a efetivação da pesquisa.

#### **3.1 PESQUISA QUALITATIVA**

Segundo Del-Masso; Cotta e Santos (2018) a pesquisa qualitativa no universo da escola permite descrever a complexidade de determinado problema, compreendendo os processos, as variáveis e as particularidades dos docentes, assim como dos gestores e alunos que se incluem nesse contexto. Esse tipo de pesquisa segundo as autoras, admite o envolvimento do pesquisador, garantindo flexibilidade e significado ao que as pessoas dão às coisas e à vida.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, DESLANDES E GOMES, 2002, p. 21).

Segundo Negrine (1999) na pesquisa de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados, ou seja, o que foi produzido “no processo investigatório se traduz em hipótese de trabalho, que se refere a um contexto particular” (p. 61).

### **3.2 PESQUISA TIPO PARTICIPANTE**

A pesquisa participante, segundo Del-Masso, Cotta e Santos (2018) “trata-se de um tipo de pesquisa em que o pesquisador, ao realizar as suas observações e investigações, compartilha-as com os participantes da pesquisa, os quais se manifestam e expressam situações vividas”. Reiteram, portanto, que o pesquisador é “sujeito da própria ação e intervenção” (p.9).

Brandão e Borges (2007, p. 54) pensam sobre essa pesquisa participante como um “momento dinâmico de um processo de ação social comunitária”, sendo sempre realizada junto a grupos, comunidades ou movimentos. De acordo com os autores “sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos” (p. 56), não se restringindo a resolução de problemas locais isolados, mesmo considerando que “o propósito mais imediato da ação social associada à pesquisa participante seja local e específico”.

Nessa investigação eu sou a pesquisadora, mas também sou professora atuante na rede. É um processo que eu faço parte, portanto, me coloco também fornecendo dados em relação a temática e objetivos propostos.

### 3.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A técnica de coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada, escolhida por estabelecer um diálogo que permite explorar as informações coletadas, oferecendo liberdade ao entrevistado para abordar sobre o que pensa em determinada temática. Entrevista é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008, p.109).

A entrevista segue um roteiro (apêndice - A), como um guia para direcionar o “diálogo”, elaborado previamente com questões que permeiam os debates acerca da temática central do estudo. Segundo Negrine (1999) as entrevistas ocorrem em inúmeras situações. Sobretudo nesse estudo foi explorada no âmbito investigatório, pois sua utilização é um “instrumento para colher informações no desenvolvimento de um projeto de pesquisa” (p. 73). O autor ainda afirma que a entrevista é uma estratégia para conseguir informações “frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro” (p. 73).

A coleta de dados de uma pesquisa que permite a análise qualitativa progride de forma a identificar três etapas distintas quando se está em campo. São elas: orientação e visão geral com a preocupação em identificar os aspectos mais importantes do estudo de interesse; exploração concentrada nos fenômenos relacionados com o estudo; e confirmação dos dados para estabelecer a sua confiabilidade (DEL MASSO, COTTA, SANTOS, 2018, p. 3).

Para cumprir com a proposta da investigação, algumas questões necessitaram ser formuladas aos agentes mediadores desse conhecimento e que são os responsáveis pelo planejamento, no sentido de obter informações de cada professor e de seu trabalho. Para isso foi estabelecido um diálogo reflexivo e questionador permitindo dar início ao debate acerca do assunto, além de garantir uma conversa com um fio condutor que pudesse identificar os elementos importantes nesse estudo.

As entrevistas aconteceram individualmente, em lugar calmo e de acordo com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – apêndice B) lido e

assinado por cada um, contendo todas as informações da pesquisa. Essas entrevistas foram gravadas e depois de transcritas, devolvidas a esses docentes, que tiveram “liberdade para alterar o seu conteúdo” da maneira que considerasse viável, com a “finalidade de validar o seu conteúdo” e elevar o “nível de confiabilidade do estudo” (Negrine, 1999, p. 78). O autor retrata que nessa perspectiva de entrevista, além das informações importantes, há também a garantia de flexibilidade e liberdade, aspectos que consideram relevantes e cita sobre as etapas do registro das informações da entrevista, sendo a primeira a transcrição do que foi gravado com fidelidade, sem quaisquer alterações, resumos ou interpretações; a segunda a síntese de toda informação recolhida, que servirá para análise no momento oportuno; e a terceira o momento de interpretar as informações coletadas, relacionando-as com as bases teóricas utilizadas na revisão de literatura. Assim como dissertam Del-Masso; Cotta; Santos (2018), sobre a coleta dos dados, quando afirmam ser necessária a comparação com a abordagem teórica levantada.

Como mais um elemento de coleta de informações, temos o memorial descritivo (M.D. – Apêndice - C) o qual trata-se do relato de experiência da pesquisadora que segue o mesmo fio condutor, e se compõe de situações vivenciadas e informações relatadas pela professora pesquisadora deste estudo. Memorial descritivo (M.D.) tem como característica, de acordo com Negrine (1999), se referir aos fenômenos da consciência, retratando sempre as formas de pensar das situações vividas de um indivíduo, retratando o passado. O autor define o termo como sendo “uma descrição com muitos pormenores de uma realidade vivida” (p. 84), sendo que seu conteúdo diz respeito a diversos aspectos da vida do indivíduo como emoções, crenças, valores, ansiedades, medos, contradições, prazeres e desprazeres.

É, antes de mais nada, o registro da forma de pensar sobre si mesmo, da forma de atuar, de ser e estar no mundo, de como analisa os acontecimentos vivenciados. Enfim, é o registro escrito de situações vivenciadas, das relações intra e interpessoais. Nesse sentido, o memorial é sempre revestido de interpretação, de subjetividade e de contradições (NEGRINE, 1999, p. 84).

Segundo o autor o memorial tem finalidades valiosas como instrumento complementar na pesquisa qualitativa, pois sua elaboração é feita pelo agente da

pesquisa, podendo também ser considerado como instrumento de coleta de informações. Assim sendo, foi construído de acordo com o seu jeito, forma, vocabulário, para relatar exatamente o que vivenciou e pode ser utilizado para análise do que foi coletado a partir dos registros construídos pelos participantes do estudo. Na utilização do memorial a premissa básica é que “falamos de como nos sentimos em determinadas situações, explicitando nossas emoções, informações, impossíveis de serem captadas” (NEGRINE, 1999, p. 87).

O fato da utilização de mais instrumentos de coleta de informações na pesquisa de corte qualitativo, reflete no aumento da probabilidade de confrontar as informações, assim como, a confiabilidade, segundo o autor.

### **3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS**

Segundo Masso, Cotta, Santos (2018) a análise dos dados qualitativos responde a uma subjetividade que parte da visão de mundo que o pesquisador possui e de seu conhecimento construído ao longo de sua trajetória profissional.

Para Negrine (1999) se faz necessário tratar sobre um elemento relevante da pesquisa qualitativa que é o processo de categorização, pois “não basta colhermos informações, temos também de pensar como trabalhar com elas” (p. 91). O autor registra ainda que as categorias por vezes são definidas antes de iniciar a coleta de informações, mas que isso não “pode servir como regra geral”, pois “ao definir por antecipação as categorias de análise, fechamos o estudo a outros achados que podem surgir no decorrer do processo” (p. 91). Conclui, que dependendo do estudo as categorias devem ser definidas e redefinidas no decorrer do processo investigatório, “pois é a flexibilidade da pesquisa qualitativa que marca a diferença com os modelos quantitativos” (p. 92).

De acordo com Appolinário (2011, *apud* DEL MASSO, COTTA, SANTOS 2018) a análise é compreendida como a "decomposição de um todo em suas subpartes; estudo acerca de como as partes interagem para formar um todo; interpretação das partes para explicar o todo" (p. 2).

Minayo, Deslandes e Gomes (2002) apontam que as finalidades da fase de análise é estabelecer um entendimento dos dados que foram coletados, na tentativa de responder às questões da pesquisa e aumentar o conhecimento sobre

aquele assunto, contextualizando-o. “O tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aporta de singular como contribuição” (MINAYO, DESLANDES E GOMES, 2002, p. 26). Negrine (1999) faz referência à etapa de análise e interpretação das informações, destacando a importância em sua apresentação seguindo um fio condutor.

Os dados coletados serão interpretados por meio da análise de conteúdo, de acordo com MINAYO, DESLANDES e GOMES (2002) em relação à *ordenação dos dados* no mapeamento do que foi coletado, obtido na transcrição e (re) leitura do material; na *classificação dos dados*, extraíndo dos textos o que é relevante para formular os eixos/categorias específicas; e na *análise final*, estabelecendo diálogo dos dados com o referencial teórico levantado, para responder aos objetivos da pesquisa.

Segundo Negrine (1999) as categorias podem ser definidas no decorrer do processo investigatório e “o pesquisador deve cercar-se de estratégias que permitam triangular informações” (p. 92). Como sugerida por Minayo, Deslandes e Gomes (2002), foram realizados o mapeamento e a classificação dos dados coletados, a partir das transcrições e leituras das entrevistas, retirado o que foi considerado mais relevante para construir as categorias e interpretado, dialogando com o referencial teórico pesquisado, na busca de identificar como acontece o planejamento na rede estudada, evidenciando suas necessidades e perspectivas dentro do contexto.

A partir dos dados coletados foi feita a análise, associando os dados obtidos e os interpretando, o que possibilitou dar significado na triangulação das informações. A leitura criteriosa do material teve a intenção de destacar os fatos comuns entre os dados coletados dos professores e do memorial descritivo e, apoiado nos conceitos aprofundados anteriormente na revisão de literatura, foi possível compreender e alcançar os objetivos desse estudo.

### 3.5 UNIVERSO DA PESQUISA

Como anunciamos anteriormente este estudo, inédito para o universo desta pesquisa, buscou investigar aspectos de ordem profissional dos docentes da rede pública municipal de ensino em exercício, aqueles mais relacionados aos respectivos planejamentos pedagógicos de Educação Física. Atualmente, cada qual atua na sua sede/unidade escolar onde o professor possui mais aulas concedidas. Estas escolas encontram-se num município do interior do estado de São Paulo com pouco mais de 20.000 habitantes e pertencem à Diretoria Regional de Ensino de São João da Boa Vista - SP. O Departamento de Educação do município é responsável pela Educação Infantil e ciclo I do Ensino Fundamental, que apresenta um total de treze unidades, sendo seis unidades de Educação Infantil (creche e educação infantil), cinco escolas (EMEBs) e duas unidades que são somente creches, num total aproximado de 2.300 crianças atendidas. Este município possui nove professores de Educação Física efetivos, contudo um está afastado e não participou da pesquisa. Os outros professores que colaboraram com o estudo, ministram aulas somente do componente citado, podendo atuar na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I ou em ambos. O município possui ainda três unidades escolares da rede estadual, que atendem ciclo II do Ensino Fundamental e Ensino Médio e quatro unidades escolares da rede particular.

Na rede municipal, as aulas de Educação Física são oferecidas para todas as turmas do maternal com crianças a partir de três anos até o 5º ano - ciclo I do Ensino Fundamental, sendo a carga horária do componente de duas aulas por semana dentro da grade curricular com duração de 50 minutos cada. Em relação à estrutura física das unidades escolares para a realização das aulas de Educação Física, vale ressaltar que algumas dessas unidades possuem uma quadra (coberta ou não), mas que nem sempre está disponível e quando isso ocorre essas aulas são realizadas no pátio ou em outro espaço disponível. Todas possuem um parque, pátio coberto, sala de informática e em todas as salas de aula, televisão com acesso à internet. Cada unidade possui seus materiais para as aulas de Educação Física, solicitados por cada professor e atendidos conforme as possibilidades da unidade escolar ou quando adquiridas pelo Departamento de Educação. Algumas também possuem cama elástica grande. O quadro de funcionários contempla em todas as

unidades uma coordenadora/assistente pedagógica e as escolas contam também com uma diretora. Além disso é estabelecido a quantidade de profissionais auxiliares de desenvolvimento infantil conforme a quantidade de crianças, dependendo da unidade integra também no quadro um inspetor de alunos. Em todas as unidades escolares há também as merendeiras bem como, pelo menos um (a) secretário (a). A limpeza é terceirizada e a manutenção de parques, instalações elétricas e hidráulicas é feita pela demanda solicitada para cada departamento.

Cada professor cumpre o horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), que varia de acordo com a quantidade de aulas ministradas em suas respectivas unidades sede, bem como para os PEB II que são os docentes de Arte e de Educação Física.

### **3.6 PARTICIPANTES**

Diante deste panorama apresentado, ressaltamos que tivemos sete professores entrevistados, destes cinco homens e duas mulheres. Em todas as entrevistas realizadas foi combinado entre as partes data, horário e local. Além disso, esta pesquisa conta com um relato de experiência - memorial descritivo - da pesquisadora e que também é professora atuante na rede escolar investigada. Portanto, este estudo contempla 100% dos professores efetivos e em exercício no município.

A entrevista foi individual e previamente agendada, respeitadas as etapas de leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – apêndice B). Foi também informado o motivo do estudo e fornecido demais explicações acerca da pesquisa, inclusive sobre o anonimato dos participantes. Vale mencionar ainda que cada um dos professores entrevistados leu as questões antes de iniciar a entrevista propriamente dita, e que pôde parar em qualquer momento, por qualquer motivo, sem precisar ser explicado ou exposto seu motivo. A autorização e ciência das entrevistas foi fornecida pela coordenadora de educação do município. As entrevistas foram todas realizadas nas escolas sede de cada um dos professores, e na medida do possível, o local estava calmo e tranquilo. Após a transcrição das entrevistas, estas foram devolvidas aos professores que puderam alterar o conteúdo, para somente após serem analisadas no estudo.

Segue abaixo a caracterização e apresentação dos professores participantes, incluindo também a professora pesquisadora.

Quadro dos dados dos professores da rede municipal

Professor	Idade	Ano de formação	Instituição	Horas trabalhadas por semana	Tempo na rede	Pós	Outra graduação
P. 1	42	2002	particular	40h/aula/sem	12 anos	Sim, 02 completas e 01 em andamento, todas dentro da área	não
P. 2	45	1996	pública	40h/aula/sem	12 anos	Iniciou, mas não concluiu	Sim, Pedagogia
P. 3	39	2003	particular	40h/aula/sem (possui outro vínculo fora da área)	5 meses	não	não
P. 4	41	1999	particular	50h/aula/sem	12 anos	Sim, 01 em psicopedagogia	Sim, Pedagogia
P. 5	32	2008	pública	40h/aula/sem	2 meses	Sim, 01 fora da área e outra em andamento	não
P. 6	28	2012	particular	38h/aula/sem. (possui outro vínculo fora da área)	3 anos	Iniciou, mas não concluiu	não
P. 7	42	1999	particular	58h/aula/sem.	12 anos	Sim, 01 fora da área	não
M.D.	40	2003	pública	20h/aula/sem	7 anos	Sim, 01 concluída e 02 em andamento	não

Fonte: elaborada pela autora (2020)

### 3.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As etapas éticas foram respeitadas no estudo, ou seja, os professores colaboradores assinaram o TCLE depois de sua leitura e concordaram com seus termos, a coordenadora de educação do município autorizou as entrevistas em todas as escolas e foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR/SP, sob registro **CAAE**: 29349120.8.0000.5504. Com o intuito de preservar a identidade dos professores entrevistados, estes foram identificados por números a partir da realização das entrevistas.

## 4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

---

Venho apresentar, analisar e discutir os dados obtidos nas entrevistas com os sujeitos, bem como o conteúdo do memorial descritivo. A questão que circunda a pesquisa é como os professores de Educação Física efetivos e em exercício numa rede pública municipal realizam seus planejamentos pedagógicos, considerando suas necessidades e perspectivas no exercício profissional

Para tanto, realizei pela primeira vez na vida, as entrevistas com meus colegas de profissão, que em sua maioria também nunca haviam respondido a uma entrevista. Fazemos parte da mesma rede de ensino, contudo não nos encontramos. Cada um tem seu tempo de ofício e seu modo particular de ver e de viver a escola. Senti que alguns tiveram receio em responder verdadeiramente algumas questões, outros o tiveram durante a entrevista toda. Teve também quem me respondesse a verdade sobre o que pensa depois de cessada a gravação. Particularmente, identifiquei um certo medo em verbalizar suas percepções e angústias profissionais. Em outros momentos, tive a impressão que alguns respondiam o que é “politicamente correto” ou o que eles achavam que seria mais adequado, não refletindo exatamente o que pensavam.

Desta forma as categorias aqui criadas surgiram das leituras feitas a partir de todo material das entrevistas e memorial descritivo, e são;

- 1-planejamento pedagógico
- 2-formação profissional
- 3- o professor dentro da escola

### 4.1 CATEGORIA PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

A primeira categoria é, portanto, o **planejamento pedagógico**. Diante disso, constatei nesse estudo que no grupo de oito professores, apenas um não tem claro o conceito. Aliás, esse professor é um dos dois recém-contratados e talvez, por esse motivo ainda esteja acometido da insegurança inicial.

Essa categoria surgiu como ponto imprescindível no estudo, pois é a partir dela que as demais foram elencadas. Ela representa o entendimento conceitual do que os professores realizam. É muito importante os professores saberem o que significa o planejamento até para conseguirem sua elaboração e aplicação, assim como avaliar o próprio trabalho. Nesse sentido, do total de oito professores (sete entrevistas e um memorial descritivo) apenas o P.3 ainda não tem o planejamento como um norte do seu trabalho. Ele disse:

*Para mim planejamento pedagógico é uma novidade, porque como eu sou novo no ramo aqui, estou acostumado com academia, claro que faço um planejamento para as aulas com os objetivos e capacidades das alunas, então para mim está sendo uma novidade esse ano o planejamento pedagógico para o ensino infantil (P. 3).*

Apesar do P.3 declarar que faz um planejamento “com os objetivos e capacidades dos alunos”, ao mesmo tempo diz que é uma novidade, indicando que realmente o início da carreira não é tão fácil. Moreira (2008) afirma ao citar que o planejamento é uma das primeiras tarefas do professor quando ele chega na escola, que também é preciso entendê-lo e colocá-lo em prática com responsabilidade. Diante dos inúmeros sentimentos que acometem o docente em início de carreira, destaco que a rede poderia oferecer um suporte cuidadoso no sentido de inserir um novo profissional com mais segurança, explicando o funcionamento do sistema e sanando dúvidas quando houver.

Para os demais, planejar é um norte, uma orientação para o seu trabalho durante o ano letivo o que corrobora com a argumentação de Bossle (2002) ao defender que o planejamento de ensino é uma construção que orienta a ação docente, sendo um processo que organiza e direciona a prática com os objetivos propostos.

*É você planejar todo o conteúdo que será trabalhado durante o ano escolar, para determinada classe, pensando nas inclusões, pensando na sua clientela, no ano que esse aluno está, e também como facilitador do seu processo durante todo esse ano, porque você estando planejado, você consegue desenvolver o que você planejou durante aquele ano. Facilitador, o planejamento facilita (P. 2).*

Sobre **como realizam os planejamentos**, a maioria afirmou fazê-lo anual. Então, pensam objetivos para serem desenvolvidos durante o ano inteiro, e

buscam atividades para alcançar esses objetivos. Entendi que esse planejamento anual é revisitado de tempos em tempos, com pequenas alterações. Os professores P. 4, P. 7 e P. 2 disseram entregar porque a diretora solicita.

*Eu faço planejamento. Meu planejamento é anual. Todo ano é obrigatório a entrega do planejamento. Eles me pedem. Não mexo muito nesse planejamento, são poucas mudanças de um ano para o outro (P. 4).*

*Entendo ele como um eixo que me orienta nos afazeres, nos objetivos, maiores e menores. Para mim, só funciona se anoto, então ele me organiza. Gosto do planejamento participativo, então meus alunos no início do ano, me auxiliam nos conteúdos que trabalharemos durante o ano e os dividimos, considerando os projetos e as datas comemorativas. Não entrego porque ninguém me pede (memorial descritivo).*

Moreira (2008) afirma que se o planejamento não for entendido, nem colocá-lo em prática, será apenas uma exigência burocrática. A partir da afirmação do autor e concordando com ela, não vislumbro a entrega do planejamento na rede estudada que não seja meramente burocrática, apenas pela obrigação da entrega. O que me chama a atenção é que mesmo sendo somente isso, não são todas as unidades que exercem essa cobrança. Mais um elemento que me leva a crer que esse documento somente cumpre com uma formalidade a nível administrativa.

No que refere-se ao **planejamento ser efetivado**, na intenção de verificar se a maior parte do planejado, foi executado, os problemas no chão da escola, começam a surgir. Nesse ponto configura o entrelaçar dos elementos do estudo, pois ao construir um planejamento que é colocado em prática com sua importância definida, o docente consegue visualizar o percurso e o progresso seu e dos seus alunos, identificando os pontos positivos e os negativos. O percalço é conseguir efetuar todo o programado, por inúmeros motivos que envolvem uma aula e identificar a razão de algum ponto que não deu certo. O P. 4 foi categórico.

*Não, devido ao próprio dia, a agitação dos alunos, até porque aqui a gente não tem espaço físico ideal para a Educação Física então a gente nem sempre consegue ministrar o que foi planejado, então em algumas aulas a gente tem que reinventar ou até mudar o foco, fugindo do próprio planejamento. Nesse caso, faço alteração da atividade, da aula no diário e talvez a alteração pode ser anotada e eu levo ela para o ano seguinte (P. 4).*

O restante dos professores, se dividem em afirmar positivamente e a outra metade se posiciona no sentido, de que em partes, sim.

*É bem difícil conseguir realizar sempre o planejamento à risca, porque trabalhamos com pessoas, cada um reage de uma forma ao mesmo estímulo. Tem dia que dá certo, mas tem turmas que não dá, porque são alunos de diferentes comportamentos, deficiências e transtornos, colocamos no papel, mas com certeza tem que ter algumas adaptações na hora da aula, de acordo com a realidade (P. 5).*

*Ele é efetivado. Procuo trabalhar em cima do que planejei (P. 7).*

*Meu planejamento é efetivado, porque consigo trabalhar com meus alunos o que programei. Às vezes, não são todas as atividades que conseguimos realizar, mesmo assim, nenhuma aula é perdida. Percebo uma visível mudança nesse ponto, porque no início eu planejava muitas atividades, com inúmeros objetivos, e atualmente, por vezes tenho aula com apenas uma atividade, mas com uma roda de conversa que complementa o que realizamos, e isso enriquece muito mais a aula (memorial descritivo).*

O desafio do P. 4 não é elaborar o seu planejamento, e sim executá-lo considerando que suas aulas são no pátio e por isso a distração dos alunos é enorme. Esse professor destacou a dificuldade em ministrar aulas com inúmeros contratempos todos os dias e várias vezes na mesma aula. Não se resume a um problema temporário, e sim perdura desde o seu ingresso na rede. E como ele é efetivo nessa escola, sua única alternativa é o poder público se atentar para sua necessidade e concordar em construir um local adequado para a realização das aulas de Educação Física. Verdadeiramente é uma realidade que desequilibra muito. Apesar de ser uma rede educacional relativamente pequena, cada um dos professores têm uma realidade e vivem situações problemáticas que comprometem ou mais ou menos suas aulas.

Sobre onde **buscar o conteúdo para o planejamento**, todos realizam buscas na internet, sendo que P.1, P. 3, P. 5 e P. 6 também trocam “figurinhas” com outros professores. Dois docentes, P.2 e P. 5 afirmaram utilizar os conhecimentos adquiridos na sua formação inicial

*Os conteúdos, foi da minha formação, que eu aprendi na faculdade, na graduação, então veio daí. Esse planejamento que eu vou dar no 1º ano, 3º ano, 5º ano, veio da minha formação, da minha graduação. Aonde a gente procura todas as*

*atividades diversas dentro desse planejamento, em livros, internet, a gente vai procurando nesse sentido (P. 2).*

*Geralmente o que mais procuro hoje em dia, pela facilidade é a internet. Tenho bastante referência na internet. Às vezes conversando com algum professor, que também trabalha, que consegue passar alguma coisa, a gente troca algumas ideias e livros (P. 6).*

Embora alguns professores dizem saber o que as crianças gostam, apenas dois afirmaram considerar as opiniões dos alunos no planejamento, o memorial descritivo e o P. 3.

*Eu estou buscando no próprio conhecimento dos alunos, eu vou buscar na internet algumas atividades, converso com alguns professores amigos que estão me guiando por enquanto, até eu me aperfeiçoar mais (P. 3).*

Em relação a utilização de algum **documento que oriente o planejamento**, atualmente nenhum professor entrevistado procura sua fundamentação em quaisquer documentos e a rede não sugere nada a respeito. Mesmo considerando que quatro deles atuam no estado (P. 2, P. 3, P. 4 e P. 7) e já tiveram contato com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O P. 4 afirmou que seu planejamento do estado é mais elaborado porque é exigido a utilização de documentos como PCN e BNCC. Apenas no memorial descritivo a BNCC foi citada como sendo utilizada e os PCNs foram citados pelo P.2.

*Os PCNs eu usei, vindo da faculdade. Agora tem a Base Nacional né? Já tive contato com a Base por conta do estado, muito pouco do município. Para não falar que não teve, teve um estudo há uns dois anos atrás, quando começou a história que nós tivemos que responder na internet, uns questionários, os professores podiam entrar e dar sua opinião, que era nível nacional (P. 2).*

*Não recebi nada, não fui atrás de nada ainda (P. 3).*

*Também busco fundamentar meu planejamento. Desde o ano anterior, quando já era sabido que a BNCC seria implementada nesse ano, eu comecei a utilizá-la como meio de busca, além de livros. Já pesquisei atividades na internet, contudo, atualmente realizo buscas no meio digital somente para construir aulas, no sentido de captar imagens ou vídeos para melhor visualização e entendimento do conteúdo trabalhado (memorial descritivo).*

Segundo Lopes et al (2016), em algumas localidades, há na carga horária dos professores um tempo remunerado para a realização do planejamento,

assim como a exigência da entrega do “material” à gestão escolar, caracterizando o cumprimento de uma tarefa. Segundo os autores, os professores de Educação Física, realizavam seus planejamentos, contudo não havia nenhuma troca de experiências que proporcionasse o pensar coletivo, sendo uma atividade isolada e individual (...) “por vezes a prática do planejamento está ligada apenas ao cumprimento de uma tarefa designada pela instituição escolar (LOPES *et al*, 2016, p. 8)”. E reiteram a necessidade em “implementar uma prática coletiva de planejamento, lançando mais um olhar pedagógico sobre possíveis consensos para a Educação Física no ambiente escolar” (p. 8). O planejamento na rede estudada é realizado de maneira individual, até de certa maneira descompromissada, pois como citado acima, não são todos os professores que entregam seus planos, uma vez que a rede não oferece suporte para sua elaboração, não dispõe de tempo remunerado para esses docentes trabalharem no documento, mas não também não fazem cobranças. Mas então a entrega desses que o fazem, seria apenas para cumprir uma obrigação burocrática, sem análise e sem questionamentos. Ao mesmo tempo os outros professores que realizam o planejamento e não entregam porque não é solicitado, o fazem de modo muito particular, para se auto organizarem e igualmente não desfrutam de análise crítica que poderia refletir em melhoras ao documento. Lembrando que os documentos que regem a educação brasileira determinam que os professores realizem seus planejamentos e tenham um horário remunerado para isso, seguindo o artigo 67 da LDB (1996).

Em relação aos **alcances e os limites** do próprio planejamento pedagógico, cada um dos sete professores entrevistados, interpretou de uma maneira. O alcance pode ser considerado uma posição almejada dentro da escola para o componente Educação Física, ou o que os professores esperam das suas aulas, ou ainda os objetivos que desejam atingir com seus alunos. Os limites podem ser os fatores que não favorecem ou que representam uma limitação ao que o professor planeja, realmente impossibilitando o fazer docente. Caracterizam questões subjetivas e muito particulares. A partir das respostas dos professores entrevistados, ficou claro que três (P. 1, P. 2 e memorial descritivo) têm local adequado para as aulas de Educação Física e consideram a falta de formação continuada como um fator de desaprovação. Enquanto que os demais, ou seja, cinco professores não possuem local adequado para trabalhar e, portanto, têm no espaço físico um limitante do planejamento. Sobre o alcance, os professores

buscam trabalhar as questões motoras, habilidades básicas ou vinculam o alcance ao que os alunos conseguem conquistar, no saber fazer. Apenas o P. 4 vinculou a motivação. Diante disso, seguem alguns comentários.

*O alcance, eu vou ser bem honesto, é motivação. (...)E o limite, eu vejo assim, que o lugar que eu trabalho eu fico muito... quanto a interrupção ao meio externo, é um lugar que passa muitas pessoas. Eu trabalho no pátio, então a gente fica assim bem limitado quanto ao espaço físico. Não tem quadra, não tem nenhum espaço coberto para trabalhar. O pátio da escola é o portão de entrada, então tudo, pais, merenda, aluno que chega atrasado, então todos que vão passar pelo pátio para falar com a direção, secretaria, todos tem que passar pelo pátio e acaba me atrapalhando um pouco a aula (P. 4).*

*Acabei de começar na área da Educação Física Escolar, hoje atuando na Educação Infantil, mas acredito e quero alcançar com as turmas, o desenvolvimento das habilidades básicas, que é fundamental nessa faixa etária, a coordenação motora de uma forma geral, estimular, dar oportunidades deles vivenciarem o máximo de experiências motoras e ajuda-los também na formação de futuros adultos e cidadãos do bem. Acredito muito no poder de transformação que a nossa área é capaz de proporcionar. Nós somos um caminho para transformar vidas. O limite, eu não sei se tem... talvez o espaço, onde aplicamos as aulas de Educação Física. Aqui fazemos num cantinho que é cimento e se chover.... Na última vez que choveu eu dei aula dentro da sala, eu fiz algumas atividades práticas adaptadas dentro da sala de cada aluno. O planejamento tem que ser adaptado de acordo com a realidade (P. 5).*

Particularmente já trabalhei com falta de espaço e de material, aliás, acredito que infelizmente essa seja a realidade de muitos professores de Educação Física. Alguns professores citaram inclusive, que enquanto as salas de aulas são equipadas e preparadas, o poder público não enxerga a necessidade dos outros componentes curriculares no que diz respeito ao mínimo para garantir sua qualidade. Cabe aqui uma reflexão no que tange o estímulo do professor ao planejar suas aulas, desejando que sejam adequadas aos seus alunos, mas considerando a falta do espaço, às vezes do material, a chuva ou o frio, enfim, como pensar em não tornar a improvisação uma rotina se as variáveis que influenciam a aula são inúmeras. Adaptar a aula é viável e aceitável, contudo, se utilizar disso todos os dias em todas as aulas, talvez crie um desestímulo passível de compreensão.

## 4.2 CATEGORIA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A segunda categoria é **formação profissional**. Como um dos eixos do trabalho, mostra-se importante ao revelar informações indispensáveis para um bom entendimento da investigação. Foi escolhida por pensar sobre a formação inicial em termos de preparação para o trabalho e o que ela representa, pois somente depois de formado que o profissional pode assumir a sala de aula. E tão importante quanto, a formação continuada, que de acordo com Ferreira (2005) acontece após formado quando se dá conta de que a prática profissional configura-se de outra forma e a simples aplicação dos conhecimentos aprendidos na faculdade não são suficientes para resolver os problemas que aparecem no dia a dia da atuação docente. A autora aborda inclusive, algumas problemáticas que nos fazem refletir sobre a qualidade do que buscamos, uma vez que são cursos que nem sempre consideram nossas reais necessidades.

Entendo que a formação do professor é ampla e diversificada. Como ser humano ele, adquire valores que o constituem enquanto sujeito pertencente a uma sociedade. A partir do momento em que lhe é concedido a certificação acadêmica, ele assume compartilhar e educar outros sujeitos que estão inseridos na mesma sociedade e incluídos socialmente, assim, encontram-se numa formação diferente da sua. E essa postura pode ser crítica ou não, ideológica, política, pacífica, passiva, confrontadora, submissa. Acredito que a busca contínua por melhoramentos pedagógicos tende a mudanças positivas no processo do ensinar e do aprender, da criticidade e como defende Chimentão (2009) a formação continuada é pré-requisito para a transformação do professor. Para tanto, segue os elementos que constituem a formação dos professores envolvidos.

Sobre a **graduação** ter sido eficiente no início da carreira profissional, apenas um P. 2 foi categórico afirmativamente, enquanto dois foram negativamente (P. 1 e P. 3). O restante dos professores afirmou que supriu apenas o básico, mas tiveram que correr atrás para subsidiar sua atuação docente.

*A minha formação foi essencial na minha prática docente (P. 2).*

*Infelizmente minha formação inicial não me deu base para começar a trabalhar com infantil, com pesquisas por fora e conversas com amigos professores foi o que me deu conhecimento maior para iniciar meu trabalho (P. 3).*

*A minha faculdade, minha graduação não me deu base nenhuma e não me garantiu nada, foi muito fraca, era um ou outro professor assim... eram exceções os professores que contribuíram com alguma coisa, que valia a pena, tinha muitos professores que eram uma porcaria. Quando eu me formei, a escola não tinha uma infraestrutura que suportasse as outras disciplinas [...] (P. 1).*

A formação de professores na área da Educação Física segundo Darido (1996 *apud* Galvão 2002) identifica dois tipos: a formação tradicional e outra mais científica. A primeira valoriza a prática esportiva e o professor é visto como treinador e a outra enfatiza a teoria, tentando corrigir a primeira. Acredito que as fases de mudança que a área atravessou, refletiu diretamente na formação dos professores. González (2018) defende que “as mudanças impulsionadas na área a partir da década de 1980 tiveram impacto incontestável no discurso legitimador da Educação Física escolar” (p. 9).

Nesse estudo os professores tiveram diferentes formações e cada qual sofreu influência de seus professores, assim como do currículo a que tiveram acesso. Entretanto, todos de uma maneira ou outra foram contemplados com algum tipo de ensinamento/conhecimento, mesmo aquele/aquilo que apenas saiba o que não fazer. Crer que o indivíduo “aprenda” em alguns anos tudo o que vai precisar no processo de tornar-se professor atuante, é engessar a educação e desqualificá-la enquanto processo transformador.

A formação inicial tem como objetivo fornecer bases para a construção de uma prática pedagógica e, de certa forma, capacitar para que o docente atue no contexto escolar. No entanto, a formação inicial não tem como dar conta de antecipar todos os dilemas e situações do cotidiano (LOPES et al, 2016, p. 7).

A formação inicial não dá conta de suprir tudo porque na verdade, é a realidade de cada um que vai moldar as características do professor numa interligação com seu processo de construção de saberes pela experiência, formando sua identidade profissional.

Em relação a **experiência construída**, ou seja, os saberes produzidos pelos professores durante a vida profissional, identificar claramente sua existência torna-se um elemento importante, também por considerar as lacunas deixadas pela formação inicial, que é apenas o começo da carreira profissional. Entretanto, ao entrar no sistema escolar, o docente percebe que sua experiência do dia a dia é de

suma importância para a construção do seu “ser professor”. O docente se percebe produzindo saberes, que tornam-se fundamentais para alicerçar sua rotina de trabalho. Nem sempre tem consciência de que isso ocorre durante todo o processo. Se dotados de reflexão, ganham indiscutivelmente uma importância ímpar.

*Em atividades que eu sei que as crianças gostam e que dá resultado e eu arrisco algumas coisas, eu gosto de trabalhar, criar atividades, fazer atividades envolvendo materiais, eu procuro reinventar as coisas e atividades também através de livros. (P.1)*

*A gente faz essa prática, deu certo, a gente vai carregar, se não deu certo com aquela turma, a gente descarta porque nós não temos uma orientação vindo de outro lugar, é a gente que faz. (p. 2)*

Fica claro que os professores se utilizam de seus saberes, contudo nem sempre estão associados intencionalmente, ou seja, minha percepção é que se atentam mais em atividades que deram certo e podem ser agregadas ao planejamento.

Sobre o que pensam em relação a **formação continuada**. Todos afirmam ser importante para aperfeiçoar a prática e manter-se atualizado. Lembrando que dos oito professores efetivos e em exercício, apenas dois (P. 1 e memorial descritivo) possuem pós graduação na área da Educação Física. O P. 7 possui uma pós graduação fora da área. Dois possuem uma pós graduação na área da educação (P. 4 e P. 5). Outros dois iniciaram mas não concluíram (P. 2 e P. 6) e apenas P. 3 não buscou por alguma pós graduação ainda.

Segundo Chimentão (2009) fica mais difícil o professor mudar seu modo de pensar e seu fazer pedagógico, se ele não tiver oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de pensar e ver a escola, de se transformar. A opinião dos professores caminha na direção do que defendem Mileo e Kogut (2009) sobre o professor se manter atualizado e qualificado para atender ao mercado, contudo, não reafirmam seus posicionamentos buscando a continuidade nos estudos por diversos motivos, entre eles, a excessiva carga de trabalho.

*Eu acredito que é de fundamental importância porque sem ela não tem como nos adaptarmos as mudanças, tanto com os alunos quanto nas nossas aulas, se não continuarmos estudando não iremos conseguir acompanhar as evoluções do mundo. A cada dia que passa surgem novas descobertas na área da saúde,*

*educação ou até mesmo no comportamento humano, que refletem diretamente no nosso trabalho e é de fundamental importância nos manter atualizados (P. 5).*

*Eu acho que é importante. A gente vê que a sociedade hoje está numa constante transformação, então eu vejo assim que não só o profissional na educação, ele tem que se aprofundar, tem que estar fazendo cursos, pós, para você estar sempre atualizado e ministrar uma boa aula (P. 4).*

Um professor (P. 6) que iniciou uma pós graduação mas não a concluiu porque não se identificou com o sistema EAD, afirmou realizar pesquisa para aprimorar sua prática e a considera como uma continuação dos estudos. Esse docente não qualifica a formação continuada sendo somente a fornecida com certificação.

*[...] em termos da formação continuada, de curso eu acho que não é importante ser tão frequente se a pessoa conseguir se atualizar, manter um tipo de estudo, ou uma busca diferente, também já se torna válido. Não só o curso em si a graduação, mas a atualização dele de alguma forma, para manter atualizado na hora das aulas, acho que também é importante. Não só a graduação serve como formação continuada. A formação lógico, é muito válido, mas as vezes a atualização dele mesmo em pesquisa, seja em internet, livro, acaba acrescentando também, não só a formação válida com certificado (P. 6).*

Essa “formação informal” acontece tão frequente entre os docentes que já faz parte do cotidiano de muitos deles, senão de todos. Seu aproveitamento é certo justamente por estar vinculada diretamente a necessidade que o profissional apresenta no momento da busca. Contudo, como apontado no texto, minha preocupação volta-se ao processo reflexivo existente. Na mesma vertente, entendo a troca de experiências como um ponto igualmente positivo entre os docentes e que talvez também possa ser encarado como processo de formação. Em todos os casos, o aproveitamento pode fazer diferença quando o docente intencionalmente busca e encontra o que precisa.

*[...] me trouxe conteúdos novos e me despertou para outros pontos, o qual ainda não me tinham ocorrido. [...] acredito fielmente que a formação continuada, através de cursos é de fundamental importância para melhorar o desempenho, a postura e o conhecimento enquanto professor (memorial descritivo).*

Apesar de considerar e aceitar que toda busca pode suprir a necessidade momentânea do profissional e ser proveitosa, particularmente tenho

uma preferência no aproveitamento dos estudos vinculados a cursos e congressos científicos que apresentam uma diversidade de “intelectuais” que através de vários apontamentos, proporcionam o pensar e, até mesmo, o agir.

A formação continuada foi citada também como um limite do planejamento pedagógico. Aqui P. 2 indica que a rede não oferece nenhum curso e que diante da falta de tempo, essa seria uma boa opção para os docentes se atualizarem.

*Sobre o limite, acho que a formação continuada te traz muita coisa legal, você acaba caindo na mesmice, aí pode ser uma falta de estímulo para você continuar trabalhando, você procurar coisa nova. Não encontro nenhuma dificuldade, não vejo assim (P. 2).*

Encontro na formação continuada de qualquer natureza, desde que o docente esteja voltado a isso intencionalmente, um aspecto que vá além de buscar conhecimento. Acredito que esteja ligado a motivação, ao professor ser e estar mais interessado no que faz, contudo, há de se considerar que muitos não conseguem realizar um curso presencial, por falta de tempo, porque realmente trabalham muito. Daí usar as reuniões de trabalho coletivo como uma opção viável, alcançável e disponível, exigindo para tanto, certa organização e seleção do material.

Sobre o **exercício profissional**, na tentativa de relacionar as necessidades com as expectativas dos docentes nessa rede de ensino, a falta de estrutura se apresenta como um aspecto que limita o planejamento pedagógico e por isso altera tudo o que depende dele (para P. 3, P. 4, P. 5, P. 6, P. 7). Ou seja, esses docentes relacionam os problemas estruturais como necessidade urgente para melhorar suas aulas e enxergam o desenvolvimento motor dos alunos como expectativas de suas atuações docentes. Para P. 2 e memorial descritivo a necessidade está direcionada a inclusão e a falta de informações/capacitação sobre esses alunos. P. 1 indica que sua necessidade está relacionada a oportunidade de cursos oferecidos pela rede.

*Eu vejo que hoje a principal necessidade seria a quadra e material esportivo. A gente está muito escasso com material esportivo, tenho pouco. É difícil a gente sempre sonha. Nos últimos anos, eu vou ser honesto, eu venho a cada ano desmotivando mais, porque eu vejo assim, a cada vez que muda-se uma lei, um projeto, assim não vida a melhoria da educação (P. 4).*

*Gostaria que tivéssemos apoio, alguns cursos de aperfeiçoamento, que a prefeitura desse apoio para fazermos um outro tipo de pós, um estudo continuado, um aperfeiçoamento mesmo, em relação a cursos, a prefeitura podia custear tipo um ENAF nesse sentido assim, para a gente melhorar a nossa prática que eu acho que isso não tem muito.... (P. 1).*

*[...] é imediato que a documentação desse aluno nos chegue, a nível de informação mesmo – sobre informações acerca do alunado (memorial descritivo).*

A necessidade que os docentes enfrentam no exercício profissional está diretamente relacionada as suas expectativas. A necessidade de espaço físico apropriado e materiais suficientes refletem em expectativas de aulas adequadas. Enquanto que informações importantes de alunos de inclusão/laudados, também reflete numa perspectiva de aulas adequadas para estes.

Giesta (2001) aponta que existe uma diversidade de problemáticas que não podem ser ignoradas por aqueles que se dedicam à educação, entre eles a carência de condições físicas e materiais para desenvolver o ensino que gostariam e o desprestígio do professor e da educação por parte dos governantes e da sociedade, no que diz respeito aos salários dos docentes.

Os outros aspectos elencam outra categoria por representar o que é vivenciado nas unidades escolares, e embora estejam atrelados ao exercício profissional, se destacam por conter diferentes perspectivas que dão abertura a outros debates.

### **4.3 O PROFESSOR DENTRO DA ESCOLA**

A terceira e última categoria refere-se ao que o professor vive e convive, como se sente e como enxerga a área em que atua, principalmente no seu contexto. Foi escolhida pelo histórico que a Educação Física possui e pelo fato disso ter refletido sobre o seu “ser” docente, como cita González (2018) quando trata do reconhecimento que falta para esse profissional, enfrentando uma marginalização construída que resulta no desprestígio e compromete sua participação efetiva dentro do contexto educacional e frente a comunidade escolar.

Reafirmando o que autores como Libâneo (1994), Bossle (2002), Venâncio e Darido (2018) defendem sobre a participação do professor na **construção do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP)**, dos oito professores apenas um (P. 2) auxiliou na sua construção, indicando uma participação mínima desses docentes na elaboração desse documento do município.

*Sim, participei da criação quando iniciei na prefeitura. Na ocasião, estava sendo elaborado (P. 2).*

Outros dois professores têm conhecimento da existência, e apenas isso (memorial descritivo e P. 6)

*Sim, eles já me passaram. Quando entrei ele já existia. Não é uma coisa que a gente fica vendo a todo momento, então acaba passando despercebido algumas coisas (P. 6).*

*Na unidade onde sou efetiva, pedi para ver o PPP para um trabalho do curso, foi meu contato com o documento (memorial descritivo).*

Silva, Moreira e Oliveira (2018) defendem que o planejamento deve estar vinculado ao PPP, e para tanto é urgente que o professor pelo menos o conheça. Melhor seria sua participação na construção para validar suas considerações na área em que atua. A própria LDB (1996) define que os professores devem participar da elaboração desse documento. Então nesse sentido, é inegável considerar que a rede de ensino estudada sofre um retrocesso, ao estruturar um documento, cada qual na sua unidade escolar, sem a presença dos professores e sem a perspectiva de colaboração de todas as partes diretamente envolvidas no processo educacional.

Sobre o **horário de trabalho coletivo**, cada professor de Educação Física cumpre de acordo com sua carga de aulas concedidas, na sua unidade escolar. Contudo, a partir desse estudo, ficou claro que acham interessante e apoiam que essas reuniões sejam específicas, e aconteçam com todos os professores de Educação Física juntos para consolidar a troca de experiências.

*Eu acho que seria legal, porque a gente só vai crescer se a gente se unir. Então eu acho que seria interessante para o município, para os alunos, que haja uma junção dos professores pelo menos uma vez por mês, para que haja uma troca de experiências a princípio (P. 4).*

*Com certeza seria viável, porque ficaria muito fácil da gente planejar, se organizar, da gente trocar ideias, do que um está passando, do que o outro está trabalhando e cada um na sua unidade fica difícil. A gente não se reúne, não sabe o que está acontecendo, então eu acho viável sim (P. 7).*

Acredito fielmente que esse seja o início do caminho para os componentes ficarem mais igualitários. Nesse momento, os professores podem tratar de assuntos que lhe dizem respeito, sobre planejamento, abordar algum tema ou estratégia de ensino, estudar algum texto ou livro pertinente ao problema enfrentado ou como inovação da sua aula. Concluo que esse ponto seja um dos mais importantes, enquanto resultado prático desse estudo, pois é a partir de sua consolidação que toda a história na rede de ensino pode ser redesenhada.

Em relação a **construção de um currículo comum** para o componente curricular Educação Física nessa rede pública municipal, todos os professores acreditam ser viável, contudo, há de se considerar que cada um vive uma realidade diferente. Esse aspecto foi destacado, pois a implementação da BNCC traz a oportunidade de as redes elaborarem seus currículos apoiadas num documento abrangente a nível nacional, na tentativa de todos caminharem na mesma direção em termos educacionais. Considerando que a rede em que atuamos não oferece respaldo pedagógico e nem apoio na preparação dos planejamentos, torna-se muito interessante abordar essa construção apoiada no documento que está sendo inserido no contexto do país, para juntos articular esse componente curricular no município em questão.

*Eu acho até interessante, talvez o que possa estar dificultando é a realidade. Porque assim, eu já trabalhei em vários bairros aqui na cidade, em várias escolas. E na maioria delas a realidade de uma é totalmente diferente da outra. A nossa clientela é bem diversa. Mas seria interessante sim, seria legal. E ficava meio unificado né, as atividades, as propostas (P. 7).*

*Seria bom para todos, tanto para os alunos, como para os professores, pois teríamos algo para nos guiar pelo ano, claro que pode ser adaptado pelos professores ao longo do ano, se todos nós tivéssemos o mesmo conteúdo para passar até o final do ciclo, os alunos sairiam com desenvolvimento, habilidades, capacidades, etc..no mesmo nível, ou pelo mesmo, passaram pela mesma vivência na escola (P. 3).*

Com a BNCC sendo implementada tendo como objetivo diminuir a desigualdade educacional e alinhá-la em todo o país, penso que não faz sentido o distanciamento dos professores inseridos em suas redes de ensino, reservado suas especificidades, se a educação nacional caminha para organizar o sistema educacional.

Sobre a participação do professor de Educação Física dentro das escolas, seu **pertencimento ao grupo e aceitação pela comunidade escolar**, fica claro o distanciamento do componente em momentos importantes e a influência histórica que “pode justificar” a atitude dos gestores. Cito isso, porque minha percepção é que as atitudes são repetidas sem que haja reflexão nelas, ou seja, os administradores do ensino público repetem o que sempre viram e estão habituados, não proporcionando criticamente reflexão em cima do que vivenciam. Lembrando da invisibilidade citada por González (2018 apud González et al., 2013) que “o conjunto dos agentes da comunidade escolar, particularmente os gestores, não têm elementos para reconhecer o que se ensina ou se deve ensinar nas aulas de Educação Física” (p. 13). Se os professores “nunca” participaram da elaboração do PPP por exemplo, que isso continue. Se os docentes de Educação Física, nunca tiveram voz nos conselhos de classe ou reuniões de pais, porque mudar o que sempre aconteceu, uma vez que tudo está caminhando. Então essa perpetuação acrítica de atitudes antiquadas, repercute no que a rede atravessa atualmente, com bons professores, mas que ficam aguardando sempre a sua vez, de falar, de agir e de mudar. E de certa maneira, estão ou ficaram acostumados com a situação vivida desde sempre nas escolas.

*[...] eles veem a Educação Física como apenas um tempo livre, um tempo que eles vão se ver livres das crianças, como também vê Artes, porque eles não dão valor para eles, tanto faz como fez. Se você falta, eles ficam bravos porque vão ficar sem ter essa aula vaga, vamos dizer assim, mas totalmente marginalizada... reunião de pais, a gente não participa, a não ser que algum pai queira conversar com você em particular ou que tenha acontecido alguma coisa, os horários de trabalho pedagógicos coletivos (HTPCs) das escolas também, tem algum comentário ou alguma coisa, mas é totalmente voltado para parte mais pedagógica, mais sala de aula, não é voltado para nossa área de Educação Física*

(P. 6).

Essa discriminação sofrida ou exercida pela história pode ser apenas observada e vivida ou pode refletir como necessidade de mudança, ao mostrar justamente que nos dias atuais, têm professores preocupados e precisando ministrar aulas de Educação Física que renovem as expectativas da comunidade escolar.

*[...] eu particularmente me sinto muito menosprezado quanto ao poder público e no geral, a gente não tem uma quadra, a gente fica sempre sujeito a sol, chuva... o dia que chove forte, aqui entra água no pátio, quer dizer a Educação Física que já era precária, fica pior ainda [...] na parte de reunião e de horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), a gente quase nem participa. As notícias que chegam, as questões que são debatidas, geralmente praticamente excluem a Educação Física (P. 4).*

*A área sofre com uma certa inferioridade que carregamos, dando motivo ou não. Ou seja, mesmo sendo professores comprometidos e responsáveis, não somos considerados em reuniões de trabalho coletivo, apenas recebendo recados gerais. Nas reuniões de pais, se formos, podemos passar nas salas, se assim quisermos. E somente se quisermos. Apenas nesses dois momentos já é perceptível o distanciamento imposto pelo sistema escolar ao professor de Educação Física. Justificando essa percepção, já ouvi professoras menosprezando as minhas aulas e até as usando como moeda de troca. Inadmissível. Quando sinto dificuldade em acordar o que é bom para todas as partes, diante da “ignorância” da colega, solicito a direção da escola. Algumas professoras que trabalham comigo já entendem o componente como área de conhecimento (memorial descritivo).*

Um dos professores novatos têm outra visão e não enxerga a área sendo menosprezada. Pelo menos não ainda.

*A meu ver, somos diferentes sim, às vezes entramos nas escolas, ficamos pouco tempo e saímos, damos nossas aulas e pronto, nem temos muito contato com os outros professores, mas marginalizados não, até acho que hoje os professores nos apoiam ainda mais. Sobre ser marginalizada, não, claro que não, como disse, por ficarmos pouco tempo em algumas escolas, somos vistos como diferentes, mas eu me dou muito bem em todas as escolas que estou trabalhando, todos os funcionários e colegas professores (P. 3).*

Um dos professores tem um posicionamento diferente dos demais, creditando aos próprios professores a responsabilidade da posição ocupada pela área.

*Em relação a visão que as pessoas têm em relação a nossa profissão, infelizmente eu concordo que nós somos mal vistos mesmo por nossa culpa, nós somos os maiores responsáveis pela visão distorcida em relação a gente, somos os principais responsáveis porque a maioria dos professores não levam a sério a profissão mesmo, não querem saber de nada, não são comprometidos, empurram com a barriga e não estão nem aí na verdade (P. 1).*

Vivemos atualmente uma fase histórica e possivelmente os futuros estudantes dessa área, terão outras posturas. Como cada um dos professores entrevistados, a partir de sua formação e sua auto formação na produção dos saberes pela experiência, se apresentam aos seus alunos vestidos de uma concepção construída a partir da compreensão que tiveram e absorveram.

O papel que a Educação Física assumiu historicamente no cenário escolar contribuiu para a construção de um estereótipo da disciplina que faz com que alunos, professores e a comunidade escolar, bem como a sociedade de maneira geral, tenham dificuldade de reconhecer o professor de Educação Física e suas aulas como parte integrante do PPP da escola (IMPOLCETTO, DARIDO, 2018, p. 3).

Ao mesmo tempo em que levanto a bandeira a favor do reconhecimento e da igualdade dentro da escola, entendo que cada professor tem o direito de manifestar o que pensa ou não e da maneira como queira. Minha opção é de continuar estudando porque acredito que o caminho é a procura por conhecimentos, diversos e amplos. Compreendo que cada indivíduo possui um jeito de viver único, registro aqui ainda que precisamos nos apropriar do momento da reunião de pais, do conselho de classe, no intervalo entre aulas, enfim que possamos fazer parte do todo da escola.

Diante do desafio de entrevistar colegas de profissão que atuam na mesma rede de ensino que eu, embora não nos encontremos, percebi que além do que trata a teoria em relação ao planejamento pedagógico sobre suas etapas e sua importância, atrelar a questão às necessidades e perspectivas dos professores me proporcionou empatia frente ao que atravessam em suas vidas profissionais. E

saber como enxergam a área, cada um no seu contexto, me fez recordar de vários professores.

Absorvida das citações de Moreira (2018), apoiada nas contribuições de Ferreira (2005), Impolcetto, Darido (2018) e González (2018) percebo que minha concepção de Educação Física encontra nesses autores o fundamento do que eu desejo e acredito. Deste modo, defendo a área da Educação Física, buscando compreender o docente que se ocupa dela.

Nesse estudo, foi significativo verificar que nem todos os planejamentos pedagógicos contêm as etapas defendidas por Libâneo (1994), com destaque para os aspectos que limitam a elaboração desse documento, refletida na necessidade de espaço e material. Também não se apoiam na Base Nacional Comum Curricular no momento de construção do documento. Outro elemento importante a destacar refere-se sobre a maioria dos docentes não buscar por formação continuada, como citam Mileo, Kogut (2009); ainda enxergam a área de certa maneira ocupando lugar de inferioridade, como cita González (2018) e em sua maioria não participam da elaboração do projeto político pedagógico (PPP) como defende Venâncio, Darido (2012).

Identifico nesta trajetória que trata-se de um estudo muito particular para essa rede de ensino e que sua importância será percebida ao longo do tempo. A intenção desta pesquisa é proporcionar momentos reflexivos entre os professores, seja por conta própria ou pela reflexão nos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPCs). Vislumbro assim, uma ação coletiva apoiada na mudança de perspectiva, de consolidação de postura da rede de ensino e dos professores, para que a Educação Física possa ser vivenciada, discutida, transformada e reconhecida, aqui e em todos os lugares de atuação profissional.

## 5. CONCLUSÕES

---

Aos poucos a Educação Física na escola vem ganhando outros contornos. Diante de várias problemáticas que assolam historicamente o componente, o planejamento ou a falta dele poderia ser um dos motivos de certa “inferioridade” da área vista nas escolas. O planejamento estava inserido no universo da descoberta, do erro e acerto, da busca por diferentes atividades ou na continuidade das mesmas, da troca de experiências, contudo, agora é urgente o debate acerca das possibilidades pedagógicas de edificar sua autonomia na elaboração do seu trabalho no chão da escola de forma autêntica e com propriedades que lhe são únicas.

Realizar o planejamento é uma obrigação para todos os professores, munidos de cobrança pela gestão escolar, ou não, tendo colaborado na construção do Projeto Político Pedagógico ou não. Com o apoio pedagógico, o docente busca fundamentação teórica para seu plano de trabalho. Essa busca as vezes é somente por currículos já prontos ou atividades já existentes, contudo se apropriar do que antecede a isso também se faz necessário. Diante disso, entender os documentos que regem a educação brasileira é um passo muito importante e também uma maneira de conhecer as metas nacionais da educação e sua elaboração.

O momento atual requer a busca pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que está sendo introduzida, como normativa e deliberativa no país e é um documento que precisa ser considerado como ponto importante desse estudo. E entender esse ambiente burocrático que permeia as leis e determinam e/ou auxiliam no trabalho que chega e reflete no aluno, assume um grau de importância considerável e relevante.

O crescimento pessoal e profissional que o docente atravessa na escola de anos de muita dedicação, oferecem a ele um conhecimento de mundo que foi adquirido nas inter-relações com alunos e colegas e toda a comunidade escolar, em meio a planejamentos, reuniões e muito do dia a dia. Essa experiência é cumulativa e indiscutivelmente importante. Esses saberes circundam a vida docente e nem sempre são identificáveis, simplesmente estão inseridos na prática do

professor. Constituem o “ser professor” tudo o que carrega e agrega conhecimentos diversos, e que se misturam com os ali acumulados anteriormente. Pode ser importante, nesse contexto, estabelecer uma reflexão sobre a apropriação desse conhecimento/desses saberes, até para entender que o professor não deixa de aprender.

Essa pesquisa inédita envolve todos os professores de Educação Física de uma rede pública municipal, todos conscientes da importância da investigação e colaboradores do processo de reflexão sobre o que realizamos dentro das escolas com nossos alunos. Nesse estudo, os professores afirmaram ter conhecimento acerca do planejamento pedagógico e sua elaboração, embora não trabalhem nele de modo frequente e nem utilizem quaisquer documentos para fundamentá-lo. Contudo, elencaram alguns aspectos que os limitam, apontando necessidades urgentes que podem ser capazes de transformar suas realidades e proporcionar que suas perspectivas sejam alcançadas.

Como sugestão, enquanto intervenção na rede estudada, espero e desejo que os professores de Educação Física se encontrem em reuniões de trabalho coletivo, pelo menos uma ao mês, com o propósito de pensarem a Educação Física na rede, realizando uma reflexão sobre a própria prática, onde todos tenham vez e voz para manifestarem suas opiniões. Também acho viável a presença de todos nas reuniões de pais e em horários comuns entre professores e funcionários em cada unidade escolar, percebendo que a marginalização da área ainda ecoa nos corredores das escolas. Acredito que depois disso, os planejamentos sofrerão alterações, pois só a partir da mudança de atitude e postura dos professores, considerando o contexto e sua realidade, é possível vislumbrar e desejar um lugar do componente na escola que vá além do reconhecimento, que chegue a transformar primeiro o professor para só depois, por consequência, atingir toda a comunidade escolar.

Afirmo que o momento de debatermos o assunto sobre planejamento é o atual, com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), momento no qual, todos os professores revisitarão seus planejamentos e adequarão as propostas sugeridas pelo documento. E investigar como os professores dessa rede pública no interior do estado de São Paulo realizam seus planejamentos foi muito significativo, pois apesar de não manifestarem dificuldade alguma na

elaboração deste, também não procuram atualizá-lo com frequência, gerando algumas atividades improvisadas, adaptadas ou repetitivas.

Vejo também que uma enorme dificuldade encontrada na rede é o problema do espaço adequado para a realização das aulas. O poder público garante sala de aula equipada, e não consegue viabilizar uma estrutura mínima para o professor de Educação Física desenvolver bem a sua aula. Todo profissional trabalha bem quando se sente valorizado.

Aliás, desmistificar a marginalização da área dentro da escola e para toda a comunidade escolar, se inicia nos próprios professores, em se impor, em serem vistos, em argumentar e em ministrar boas aulas. Foi uma satisfação o diálogo estabelecido com os demais professores, especialmente em conhecer a realidade em que cada um vive e convive. O planejamento de Educação Física, confrontado com a realidade e com as perspectivas dos professores reflete a urgência de condições mínimas para desenvolver bem o próprio trabalho. E minha perspectiva em particular, é que esse estudo não caia na mesmice, e que encontre expectativas reais de diálogo frequente entre os professores, na ocupação de seus lugares e na produção de seus saberes, corroborando para a ascensão da educação no município.

Ao final do estudo, e depois desta pesquisa alcançar as mãos das autoridades municipais de educação e dos professores colaboradores, espero verdadeiramente que possam viabilizar reflexões sobre a própria prática. Como resultado, aguardamos ainda que as reuniões de horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) sejam deliberadas no sentido de que os professores possam juntos trabalhar a favor da Educação Física.

Para finalizar informo que além do presente estudo, foi desenvolvido como resultado desta pesquisa um Produto Educacional nomeado “Orientações na Elaboração de um Planejamento Pedagógico em Educação Física”. Este material focaliza alguns pontos importantes referentes ao planejamento pedagógico, como também tem a intenção de despertar a reflexão sobre sua importância no dia a dia da atuação docente. Pode ser encontrado no repositório da UFSCar, e seu endereço eletrônico consta no Apêndice E.

## REFERÊNCIAS

---

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor de Educação Física e a construção do saber**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física – uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115318040004.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 51-62, jan/dez. 2007.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília, DF, 1971a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm). Acesso em: 03 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto n.º 69.450 de 1 de novembro de 1971**. Regulamenta o artigo 22 da Lei 4.024, de 20/12/1961 e Alinea C do artigo 40 da Lei 5.540, de 28/11/1968. Brasília, DF, 1971b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D69450.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm). Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 9131, de 24 de novembro de 1995**. Altera dispositivos da Lei n.º 4024/61. Brasília, DF, 1995. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/apresentacao>. Acesso em: 31 ago. 2018.

BRASIL. **Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 30 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2013.

BRASIL. **Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 30 ago. 2019.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.º 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. 22 de dezembro de 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2019.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de professores de educação física: quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 87-103, mai. 2001. Disponível em:

<http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/578/383>. Acesso em: 31 ago. 2019.

CHIMENTÃO, Lilian, Kemmer. O significado da formação continuada docente. Universidade Estadual de Londrina. *In*: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., 2009, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

DARIDO, Suraya Cristina. **Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar**. São Paulo: AVA Moodle Unesp (Edutec), 2018. Trata-se do texto 2 da disciplina 1 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Maria Aparecida Pereira. **Análise Qualitativa e Análise Quantitativa em pesquisa científica**. São Paulo: AVA Moodle Unesp (Edutec), 2018. Trata-se do texto 6 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Maria Aparecida Pereira. **Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades**. São Paulo: AVA Moodle Unesp (Edutec), 2018. Trata-se do texto 2 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

FERREIRA, Lilian Aparecida. Ensinando e aprendendo na ação docente em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 14 n. 1 p. 30-41, jan./mar. 2008.

FERREIRA, Lilian Aparecida. **O professor de educação física no primeiro ano da carreira: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência**. Orientadora: Aline Rodrigues Reali. 2005. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2382>. Acesso em: 01 fev. 2020.

GALVÃO, Zenaide. Educação Física Escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, ano 1, n. 1, p. 65-72, 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1350>. Acesso em: 19 nov. 2018.

GANDIN, Luís Armando. Projeto Político-Pedagógico: construção coletiva do rumo da escola. *In*: LUCE, Maria Beatriz; MEDEIROS, Isabel Letícia Pedrosa de. **Gestão Escolar democrática: concepções e vivências**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2006. p. 67-72.

GIESTA, Nágila Caporlândia. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor: moda ou valorização do saber docente?** 1. ed. Araraquara: JM Editora, 2001. 224 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. São Paulo: AVA Moodle Unesp (Edutec), 2018. Trata-se do texto 1 da disciplina 1 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

GONZALEZ, Fernando Jaime; FERSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física Escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Revista Motrivivência**, ano XIX, n. 28, p. 27-37, jul. 2007.

IMPOLCETTO, Fernanda, Moreto; DARIDO, Suraya, Cristina. **Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais**. São Paulo: AVA Moodle Unesp (Edutec), 2018. Trata-se do texto 3 da disciplina 1 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1999. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=q3MzDwAAQBAJ&lpq=PT4&dq=DID%C3%81TICA%20Lib%C3%A2neo&lr&hl=pt-BR&pg=PT4#v=onepage&q=DID%C3%81TICA%20Lib%C3%A2neo&f=false>. Acesso em: 31 ago. 2019.

LOPES, Marcia Regina Souza *et al.* A prática do planejamento educacional em professores de educação física: construindo uma cultura do planejamento. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 27, e2748, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2448-24552016000100144&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-24552016000100144&lang=pt). Acesso em: 21 ago. 2019.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 1991.

MILEO, Thaisa Rodbard; KOGUT, Maria Cristina. A importância da formação continuada do professor de Educação Física e a influência na prática pedagógica. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: PUCPR, 2009. p. 4943-4952.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira, GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Evando Carlos. Pensando e planejando a Educação Física escolar. *In*: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2008, Cuiabá. **Anais [...]**. Disponível em: [researchgate.net/profile/Evando\\_Moreira/publication/265816075\\_PENSANDO\\_E\\_PLANEJANDO\\_A\\_EDUCACAO\\_FISICA\\_ESCOLAR/links/57d1857408ae5f03b48a91e6/PENSANDO-E-PLANEJANDO-A-EDUCACAO-FISICA-ESCOLAR.pdf](researchgate.net/profile/Evando_Moreira/publication/265816075_PENSANDO_E_PLANEJANDO_A_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR/links/57d1857408ae5f03b48a91e6/PENSANDO-E-PLANEJANDO-A-EDUCACAO-FISICA-ESCOLAR.pdf). Acesso em: 29 set. 2018.

MOREIRA, Evando Carlos. Características, importância e contribuições da ação de planejar para a educação física escolar. *In*: MOREIRA, Evando Carlos (org.). **Educação Física**

**escolar: desafios e propostas 1.** 2 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. Trata-se do texto 5 da disciplina 3 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

MOREIRA, Evando Carlos. PEREIRA, Raquel Stoilov. A Educação Física na construção do projeto político pedagógico da escola. *In*: MOREIRA, Evando Carlos (org.). **Educação Física escolar: desafios e propostas 1.** 2 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. Trata-se do texto 3 da disciplina 3 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 14 set. 2018.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. (org.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 61-93.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação na docência: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1966. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rfe/article/view/33579>. Acesso em: 01 mar. 2020.

SILVA, Elaine Cristina; MOREIRA, Evandro Carlos. **Planejando o trabalho docente.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Trata-se do texto 2 da disciplina 3 do curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (Proef). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SILVA, Elaine Cristina; MOREIRA, Evandro Carlos; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. **Objetivos e conteúdos para o ensino e aprendizagem da Educação Física na escola.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Trata-se do texto 6 da disciplina 3 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=a9gbBAAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PT5#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 14 mar. 2020.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.); RESENDE, Lucia Maria Gonçalves de. **Escola: espaço do Projeto Político Pedagógico.** 13. ed, Papirus Editora, 2008.

VENÂNCIO, Luciana; DARIDO, Suraya Cristina. A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 97-109, jan/mar. 2012.

ZABALA, Antonio. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **APÊNDICES**

---

### **APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

- 1- Em relação à sua formação:
  - a) Qual ano se formou? Onde? Tem alguma pós?
  - b) Você trabalha na rede pública municipal como docente efetivo há quanto tempo?
  - c) Possui outro vínculo?
  - d) Atualmente ministra quantas aulas por semana e para quais turmas?
- 2- O que entende como planejamento pedagógico?
- 3- Como você realiza planejamento?
- 4- Ele é efetivado?
- 5- Onde você fundamenta o conteúdo da sua prática pedagógica?
- 6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento?
- 7- Relacione suas necessidades e suas expectativas em relação ao seu trabalho.
- 8- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?
- 9- A sua graduação foi eficiente para o início de seu exercício profissional?

- 10- Teve algum contato com a BNCC?
  
- 11- Conhece o PPP da sua escola?
- 12- Qual sua opinião sobre ATPCs somente com os professores de Educação Física?
  
- 13- Qual sua opinião sobre um currículo comum do componente em questão para todo o município?
  
- 14- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a EF ainda marginalizada, em reuniões de pais, ATPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

## **APÊNDICE B - TCLE**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12

Eu, Tálita Cristiane Dardes Dezotti, portadora do RG: 28.358.045-8, aluna do curso de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) da UFSCAR campus de São Carlos/SP, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yara Aparecida Couto, venho por meio deste, convidar os professores de Educação Física da rede municipal de ensino da cidade de Tambaú – SP para participarem da pesquisa que estou realizando, por meio de entrevista previamente agendada.

O título da pesquisa é "Planejamento em Educação Física Escolar: perspectivas x realidade". A pesquisa tem por objetivo investigar sobre o planejamento pedagógico dos docentes efetivos na rede pública municipal.

Para cumprir esse objetivo será realizada uma entrevista gravada e posteriormente, manuscrita, com os professores em ambiente escolar, fora do horário de aula, em local calmo e receptivo, com questões direcionadas e que nortearão os rumos da pesquisa.

Em relação aos benefícios, a colaboração dos professores se torna de extrema importância, com a pretensão de socializarmos e refletirmos sobre nossos planejamentos, identificando as variáveis que o constituem e a formulação necessária para desenvolvê-lo.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também oferece alguns riscos. Há possibilidade de certo constrangimento no momento de responder algumas questões. Nesse caso, a entrevista poderá ser interrompida, cessada ou ter alguma questão sem resposta, ficando o participante a vontade para qualquer opção. As entrevistas serão individuais e realizadas em ambiente social, onde pesquisador e entrevistado se acomodem como preferirem. Caso aconteça algum problema de qualquer ordem, o participante comunica que prefere parar ou deixar de responder, ficando a seu critério, o que será imediatamente acatado sem questionamentos.

O (a) professor (a) terá liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento, assim como você poderá solicitar a sua retirada do estudo, sem qualquer prejuízo. Todas

as dúvidas que surgirem, necessidades de informações ou esclarecimentos poderão ser explicadas pelo pesquisador em qualquer momento do estudo. Destaca-se que não haverá nenhum tipo de despesa, bem como nenhuma remuneração aos participantes desta pesquisa, ou seja, a participação é totalmente voluntária.

Os dados coletados e os resultados obtidos ao longo dessa investigação serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que a identidade pessoal do (a) professor (a) será mantida em sigilo.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Tambaú, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Pesquisadora Responsável

---

Assinatura do (a) professor (a)

#### Dados sobre a Pesquisa

Título do Projeto: "Planejamento em Educação Física: perspectiva x realidade".

Pesquisadora Responsável: Tálita Cristiane Dardes Dezotti

Instituição: UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

Cargo/Função: Mestranda

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yara Aparecida Couto

Instituição: UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

Cargo/Função: Professora do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana - DEFMH

Endereço: Rodovia Washington Luiz, km 235

Dados para contato- e-mail: yaracouto@ufscar.br

CEP/Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos - Pró-Reitoria de Pesquisa- Propq

Endereço: Rodovia Washington Luiz KM 235

Cep: 13.565-905

Telefone: (16) 3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Dados do participante da pesquisa (professor):

Nome: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Endereço:

\_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE C - MEMORIAL DESCRITIVO**

Sou uma professora. Em alguns momentos, penso ter nascido professora. Gosto de ensinar, literalmente. Às vezes me falta alguns elementos que uma boa professora deve ter, como paciência, por exemplo. Contudo, em outros, me sobra esses mesmos elementos. Encontrar o equilíbrio, como tudo na vida, não é fácil, nem difícil, é um exercício. Sou filha de enfermeira e de caminhoneiro, sempre estudei em escola pública. Terminei minha graduação numa universidade também pública como primeira turma do período noturno. Fiz Unesp em Bauru. Depois de um curto tempo, percebi que não era “tudo” o que tinha adquirido, mas era o suficiente para começar. Tive por um tempo o falso “pressentimento” de que saí preparada para o que viesse. Na verdade, a base teórica me foi oferecida de modo suficiente e adequado. Mas o que encontramos em cada realidade é o tipo de conhecimento/informação que necessita ser vivenciada. Minha graduação me permitiu saber que encontraria dificuldades, e ela ofereceu alguns meios de buscar ultrapassar esses obstáculos. Mas também tenho certeza que tudo seria melhor se eu tivesse aproveitado melhor os períodos de estágio, mas isso só percebi com o tempo em serviço. De início, eu focava nos problemas encontrados na faculdade como desculpas para possíveis falhas no meu exercício profissional, como a didática, por exemplo. Também identificava os professores mais práticos e os mais teóricos, enfim depois de um tempo trabalhando é mais fácil enxergar tudo isso. Logo após formada, fui indicada para assumir um colégio particular, onde fiz estágio durante a graduação. Aceitei e comecei ali a me encontrar e me construir como profissional. Nessa época, em outros períodos, trabalhava em academia, o que é comum para a maioria dos educadores físicos recém-formados. Um ano se passou e surgiu a oportunidade de uma pós na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. Sem pensar no porque fazer, fui sem muitas expectativas, pois ainda me considerava recém-formada. O curso, mesmo tendo começado logo após ter concluído a graduação, me trouxe conteúdos novos e me despertou para outros pontos, o qual ainda não me tinham ocorrido. Depois desse período, precisei voltar à minha cidade de origem por problemas familiares. Uma cidade pequena, onde tudo parecia ser muito difícil. As pessoas me perguntavam o motivo de voltar porque aqui era “fim de carreira”. Realmente não foi rápido se estabelecer. Trabalhei na minha área, contudo longe das escolas. Nesse período, casei e depois de dois anos, meu filho nasceu. Segui com fidelidade ao que me propunha, e por fim, me vi trabalhando de maneira autônoma. Algo ainda me faltava. Até que prestei duas vezes o concurso do município, sendo que no primeiro não fui chamada, acontecendo isso apenas no segundo. Eu entrei com mais dois colegas que posteriormente acabaram exonerando. Quando entrei, buscava na lembrança o que tinha vivenciado no colégio particular em Bauru, há seis anos atrás, pois era o mais próximo que eu tinha como experiência escolar. Procurava também na memória, o que da graduação poderia me ajudar, pois queria entrar já sendo uma boa professora. Como se o diploma bastasse. Na verdade, os cinco anos dedicados a graduação me deram uma base para começar sim, mas principalmente me fez entender que para ser bom em qualquer profissão, o único caminho é estudar sempre. Entendi que não dá para deixar de estudar. De repente, me encontrei andando a semana toda em cinco escolas, ministrando em todas elas, Educação Física para Educação Infantil. Nesse período eram 20h por semana e logo passou a 24. Após três anos, fui convidada a ser diretora de uma delas. Novamente, sem muito pensar e pesar,

aceitei o desafio. Depois que minha filha nasceu, pedi para retornar às aulas, para ter mais tempo para a família. Foi então que fui chamada ao mestrado, prova que tinha prestado ainda grávida. Iniciei o curso, num momento de mudança de vida, fase tumultuada e talvez por isso, foi extremamente rápido. Minha vida profissional foi construída assim. O que me move, tenho dentro de mim, não foi aprendido, foi melhorado ou até desenvolvido, no decorrer das etapas vividas.

No que tange a elaboração desse estudo, posso afirmar que minha maior preocupação, quando entrei como professora efetiva na rede municipal, era a convivência com todos, pressupondo que iria também me encontrar com os outros professores da minha área. Também não posso deixar de registrar minha enorme insegurança em relação ao saber ministrar aulas. Como eu passava em várias unidades escolares, em nenhuma delas eu tive esclarecimentos acerca do funcionamento ou burocracia que envolvia a vida do professor. Afinal, ali eu era uma professora em início de carreira. Em nenhum momento, por uma pessoa ou por um papel, chegou até o meu conhecimento, minhas atribuições e responsabilidades. Talvez pressupunham que eu já soubesse. Me sentia mais angustiada, porque nunca havia trabalhado com os pequenos de 3 anos, nem conhecia ambiente de creche. Tinha pouca cobrança, sem explicações, apenas recados. Aos poucos, fui me familiarizando com tudo o que cercava o território desconhecido. Planejar as aulas no início, foi difícil. Descobrir aos poucos, que o conteúdo mais importante durante a aula, não é necessariamente a atividade e sim o abraço, e que as vezes, por trás do mal comportamento, está uma criança que não tem atenção em casa ou pais para educar, ou até comida. Programar o que ensinar, no sentido de conteúdo, então passou a ser secundário. Depois de ter entendido essa necessidade, mudei até as atividades que buscava. Nessa fase, planejava aulas para crianças de 3, 4 e 5 anos, a maioria, muito carentes emocionalmente. Devorava livros, apostilas e aulas da graduação e da pós, em busca de uma solução quase mágica, que me auxiliasse em todas as aulas, de conteúdo a suporte de sentimentos. Enfim, encontrava o que procurava, num imediatismo único, então descobri que planejava em cima do que gostaria que as crianças aprendessem no sentido das atitudes, e sempre que possível, conceituando, o que realizava. Comecei a melhorar meu planejamento, dando mais dados a ele, mas não o fundamentava. Os PCNs que chegaram num dia de HTPC, que eu já conhecia e já utilizava, foi o primeiro suporte pedagógico que ficou, um exemplar em cada escola, para usarmos. Tive diretora ou assistente pedagógica que via meu semanário (caderno que eu registrava todas as atividades, aulas, plano de trabalho) e outras que nunca souberam da existência dele. Na verdade, eu fazia para organizar meu trabalho, por conta própria mesmo. Quando trabalhava no colégio particular, era obrigada a fazer semanário que além das tarefas que já citei, ainda constava as ocorrências das aulas. Achei viável e aderi, mesmo sem cobrança em realiza-lo aqui. Entendo que ele me auxilia, organiza meus objetivos, no sentido de ter meu planejamento detalhado, dia a dia. Já fiz ele por semana, por quinzena, por mês e por bimestre. Atualmente gosto mais dele por mês, para controlar melhor o que foi dado e ter tempo hábil para voltar algum conteúdo, caso precise. Uso também uma cadernetinha menor, que anda comigo, onde anoto tudo. O que deu certo e o que não deu certo, ocorrência, avaliação, enfim, o que preciso para me guiar no cotidiano escolar. Não repito planejamento. Cada ano, faço um. Entendo ele como um eixo que me orienta nos afazeres, nos objetivos, maiores e menores. Para mim, só funciona se anoto, então ele me organiza. Gosto do planejamento participativo, então meus alunos no início do ano, me auxiliam nos conteúdos que trabalharemos durante o ano e os dividimos,

considerando os projetos e as datas comemorativas. Não entrego porque ninguém me pede. Atualmente registro na caderneta, de maneira resumida, porque ministro aulas somente no Ensino Fundamental (a Educação Infantil não tem diário de classe para o componente Educação Física e Arte). Meu planejamento é efetivado, porque consigo trabalhar com meus alunos o que programei. Às vezes, não são todas as atividades que conseguimos realizar, mesmo assim, nenhuma aula é perdida. Percebo uma visível mudança nesse ponto, porque no início eu planejava muitas atividades, com inúmeros objetivos, e atualmente, por vezes tenho aula com apenas uma atividade, mas com uma roda de conversa que complementa o que realizamos, e isso enriquece muito mais a aula. Também busco fundamentar meu planejamento. Desde o ano anterior, quando já era sabido que a BNCC seria implementada nesse ano, eu comecei a utilizá-la como meio de busca, além de livros. Já pesquisei atividades na internet, contudo, atualmente realizo buscas no meio digital somente para construir aulas, no sentido de captar imagens ou vídeos para melhor visualização e entendimento do conteúdo trabalhado. Quando tinha mais tempo, gostava de procurar para ler, apostilas e textos das universidades, fiz isso um tempo relativamente curto. Nada específico, era o que achava primeiro, mesmo assim, para mim era necessário, eu gostava e me auxiliava nas aulas, contribuía de uma maneira difícil de explicar. Era como uma troca de experiência, ler os artigos e pensar na minha realidade. Isso eu considero uma necessidade, a troca de experiência entre os professores da mesma área. Não limito meu planejamento, havendo necessidade, faço pequenas adaptações. A escola que trabalho possui quadra coberta, bebedouros e banheiros. Tinha pouco material e aos poucos, desde que cheguei, solicitei e fui atendida, até com um armário que não tinha, para guardar o que precisar. O único ponto que me incomoda, de certo modo, é em relação aos alunos que possuem necessidades especiais. Obviamente não vejo problema na participação deles, contudo o maior benefício é dos outros alunos, pela convivência ao diferente, no entendimento que isso é normal e que na vida cada um é um. Mas para essa minoria, para uma participação efetiva, ainda precisa de mais. Entendo também que cada professor deve buscar se apropriar de cada caso para tentar melhorar nesse aspecto. Para isso, é imediato que a documentação desse aluno nos chegue, a nível de informação mesmo. Acredito, então que o meu planejamento seja alcançado no todo, quando esses alunos estiverem mais incluídos nas aulas, sendo realmente considerados. Eles ainda são incluídos somente nas atividades. Esse é um problema que não está somente nas aulas de Educação Física, mas em todo o contexto escolar. Talvez se o PPP, que a maioria dos professores desconhecem, fosse um documento construído coletivamente, esse problema poderia ter solução. Tive contato com um, quando fui diretora e entrei no sistema, ou seja, do jeito que estava, continuou. Na ocasião, desconhecia e não me atentei à sua importância. Aqui no município, acredito que todos ou quase todos, fazem isso. É um ponto falho que vem da formação, pois acredito que toda formação de professor deva abordar, tamanho é sua responsabilidade. No meu caso, tive noção da sua importância há pouco tempo, no mestrado. Por isso acredito fielmente que a formação continuada, através de cursos é de fundamental importância para melhorar o desempenho, a postura e o conhecimento enquanto professor. O problema é o benefício que o docente terá, além do conhecimento, pois recorrer a cursos pode acarretar em menos tempo para trabalhar, por exemplo. Então penso em algum estímulo ao docente que queira continuar os estudos, até porque também representa uma melhoria significativa no processo de ensino e de aprendizagem, não somente para os professores de Educação Física, pois a formação continuada reflete na prática

pedagógica. Me coloco de exemplo e conheço várias excelentes pedagogas que não deixam de estudar e talvez por isso, estão sempre com novidades e possuem diferentes estratégias para a rotina de sala de aula. Para finalizar, saliento que minhas expectativas é que o presente estudo seja apenas um ensaio reflexivo, de modo que os professores de Educação Física juntos, nos horários de HTPC possam se reunir para edificar uma troca de experiências de caráter único, onde cada docente tenha seu próprio aproveitamento, permitindo ao mesmo tempo um pensar coletivo, que culmine na formação de um possível currículo para o componente, de maneira democrática e respeitando a realidade vivida por cada um. A área sofre com uma certa inferioridade que carregamos, dando motivo ou não. Ou seja, mesmo sendo professores comprometidos e responsáveis, não somos considerados em reuniões de trabalho coletivo, apenas recebendo recados gerais. Nas reuniões de pais, se formos, podemos passar nas salas, se assim quisermos. E somente se quisermos. Apenas nesses dois momentos já é perceptível o distanciamento imposto pelo sistema escolar ao professor de Educação Física. Justificando essa percepção, já ouvi professoras menosprezando as minhas aulas e até as usando como moeda de troca. Inadmissível. Quando sinto dificuldade em acordar o que é bom para todas as partes, diante da “ignorância” da colega, solicito a direção da escola. Algumas professoras que trabalham comigo já entendem o componente como área de conhecimento. Contudo, vejo que é um processo. A professora que estuda com frequência tem mais facilidade em entender, pois a formação continuada exige cabeça sempre aberta. Me sinto pertencente ao grupo, apesar de saber que algumas pessoas ainda querem enxergar uma Educação Física que não existe mais, pelo menos, não ali. Agora finalizando o mestrado, penso no próximo curso, numa constante busca. Na verdade, uma constante construção do meu “ser professor”. Aquele mesmo citado no início, que nasceu comigo. Na intenção de melhorá-lo sempre. Entendendo a educação como transformadora, resolvi que essa construção me acompanhará enquanto eu tiver forças para buscá-la.

Atualmente na rede estudada, o plano de carreira, o qual rege a evolução dos docentes, entre outros aspectos, está em fase de implantação. Nele, as mudanças que mais interessam aos docentes de Educação Física é o ATPL, ATPI, momento em que o professor pode se dedicar ao planejamento e aos diários de classe. Outras alterações também importantes, em relação a carga horária, aos ATPC (estes ainda junto ao grupo de professores da sua sede), nomenclatura, plano de evolução referente ao valor de hora de aula, entre outros.

## APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### P.1

Dados:

- ✓ Formação 2002 – PUC/FEUC (Campinas e São José do Rio Pardo)
- ✓ 42 anos
- ✓ Efetivo na rede desde 2007
- ✓ Pós: 2 completas e 1 em andamento
- ✓ Outra graduação: não
- ✓ Ministra 20 h/sem para Fundamental I (município) e 20 h/sem para Educação Infantil (outro município)

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*Eu acho que deveria ser voltada especificamente nas nossas dificuldades para que a gente possa melhorar e aperfeiçoar nossa prática.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*Planejamento é tua, como se diz, você tem que se organizar, você tem que ter todos os seus objetivos, um norte para você chegar, você tem que saber o que está fazendo, você tem que ter uma estrutura de trabalho para que você possa se organizar para você alcançar os seus objetivos. Então é importantíssimo o planejamento para você se orientar no seu trabalho. O que você vai trabalhar, qual a atividade, qual o objetivo específico, então é um norte para o seu trabalho, para você se organizar durante o ano.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*Geralmente eu uso livro didático do “Positivo”. É um conteúdo que eu sempre usei em todos os meus planejamentos e sempre deu certo, sempre tive bons resultados, sempre colhi ótimos frutos, sempre fui muito elogiado, então sempre segui esse modelo didático do “Positivo”. Realizo meu planejamento anual. Geralmente meu planejamento fica aqui. O que está aqui agora está desde o ano passado. Eu não atualizei ele esse ano.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*É efetivado, pelo menos para mim é. Eu vejo os resultados. Na prática eu tento aplicar o máximo que puder, mas as vezes na nossa rotina no nosso cotidiano acontecem impecilhos, obstáculos que talvez a gente não consiga efetivar 100% integralmente, mas a intenção é sempre fazer o melhor que a gente pode. Não vou ser hipócrita em falar para você que a gente faz tudo. Sobre registrar no diário, o planejamento coloco assim bem superficialmente, mas alguma atividade que entrou de improviso eu procuro colocar num papel, registro numa folha, esquematizo para eu sempre ter isso documentado, para nos próximos anos eu usar também, com objetivos e tudo o mais, às vezes observações que aconteceram durante a aula também.*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*Em atividades que eu sei que as crianças gostam e que dá resultado e eu arrisco algumas coisas, eu gosto de trabalhar, criar atividades, fazer atividades envolvendo materiais, eu procuro reinventar as coisas e atividades também através de livros. Livros que eu invisto na minha formação, atividades da internet que eu vejo alguma coisa que tento adaptar na minha realidade, e de troca de figurinhas também com outros professores. Não tem nenhum documento específico não.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*Os alcances eu procuro trabalhar integralmente com o aluno, que eles possam evoluir, se desenvolver nos aspectos principalmente cognitivo, afetivo, emocional que eu acho o principal e a questão motora das habilidades motoras, dos movimentos fundamentais, eu tento trabalhar nesse aspecto, para tentar alcançar, tentar fazer com que eles evoluam o máximo que puderem nesses aspectos. Agora os limites, eu gostaria que eles pudessem evoluir o máximo, mas às vezes eu me sinto impotente que não depende só de mim. Porque às vezes o aluno chega na minha aula desanimado, triste, revoltado com alguma coisa, com fome, que são conseqüências da vida que ele vive fora da escola. Então assim, às vezes eu me sinto impotente porque não depende só de mim, é um trabalho coletivo, integrado com a família, com a comunidade, e que às vezes eu sinto falta de uma parceria.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas em relação ao seu trabalho.

*Gostaria que tivéssemos apoio, alguns cursos de aperfeiçoamento, que a prefeitura desse apoio para fazermos um outro tipo de pós, um estudo continuado, um aperfeiçoamento mesmo, em relação a cursos, a prefeitura podia custear tipo um ENAF nesse sentido assim, para a gente melhorar a nossa prática que eu acho que isso não tem muito....*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*A minha faculdade, minha graduação não me deu base nenhuma e não me garantiu nada, foi muito fraca, era um ou outro professor assim... eram exceções os professores que contribuíram com alguma coisa, que valia a pena, tinha muitos professores que eram uma porcaria. Quando eu me formei, a escola não tinha uma infraestrutura que suportasse as outras disciplinas. Por exemplo, eu tive aula de natação e não tinha piscina, não entramos na piscina. Atletismo também foi tudo na teoria, então foi tudo meio que na teoria, então eu não tive nenhuma infraestrutura muito boa para começar a trabalhar não. Eu fui aprender de curioso que sou e por amor a minha profissão que eu fui atrás, fui ler, investi mesmo na minha profissão, mas foi por minha conta mesmo, eu tomei a iniciativa, porque a minha graduação não me deu base nenhuma, pelo contrário, um ou outro professor que eu guardei com carinho que me acrescentou com alguma coisa.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*Não.*

10- Conhece o PPP?

*Nunca tive conhecimento do PPP, se tive foi muito esporádico, não deu para saber direito.*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de educação física?

*Favorável (gravador desligado)*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Apóia (gravador desligado)*

13- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a Educação Física ainda marginalizada, em reuniões de pais, HTPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

*Em relação a visão que as pessoas têm em relação a nossa profissão, infelizmente eu concordo que nós somos mal vistos mesmo por nossa culpa, nós somos os maiores responsáveis pela visão distorcida em relação a gente, somos os principais responsáveis porque a maioria dos professores não levam a sério a profissão mesmo, não querem saber de nada, não são comprometidos, empurram com a barriga e não estão nem aí na verdade. Então na verdade, quem vai mudar isso aí somos nós mesmos e eu acho que a gente está no caminho certo. Já tem muitos professores mudando a consciência, estão vendo que nosso trabalho é importante, é fundamental, estão procurando ler, estudar, levar a profissão mais a sério. Então eu acho que o caminho é esse, a gente mudar o nosso proceder e a nossa prática, a partir daí então, as pessoas vão ver a gente com outros olhos.*

## P. 2

Dados:

- ✓ Formação: 1996/ Unesp – Rio Claro
- ✓ 45 anos
- ✓ Efetivo na rede desde 2007
- ✓ Pós: Iniciou mas não terminou (não era na área de EF)
- ✓ Outra graduação: Sim, Pedagogia
- ✓ Ministra 20 h/sem para Educação Infantil e Fundamental I (município) e 20 h/sem Fundamental II (estado)

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*Para mim seria uma formação que você tem a todo momento, com cursos, com uma pós, com atividades que venha a te acrescentar no seu trabalho do dia a dia, que te facilite, que te oriente, e nós aqui, nós não temos essa formação continuada. Pelo contrário, tudo o que é feito para o professor da sala de aula (PEB I), para o professor PEB II que é o de Educação Física e Arte, nós não temos essa formação continuada. Se a gente quiser, a gente tem que procurar isso de uma outra forma, não dentro da rede. A rede nos ofereceu muito pouco nesses 11 anos que eu tô aqui.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*É você planejar todo o conteúdo que será trabalhado durante o ano escolar, para determinada classe, pensando nas inclusões, pensando na sua clientela, no ano que esse aluno está, e também como facilitador do seu processo durante todo esse ano, porque você estando planejado, você consegue desenvolver o que você planejou durante aquele ano. Facilitador, o planejamento facilita.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*Na realidade a gente entrega esse planejamento todo ano, só que esse planejamento ele é feito individualmente cada professor entrega o seu. Eu entrego porque eu faço (não foi solicitado), mas esse planejamento também foi feito por minha conta, não com alguma orientação, não porque tem uma grade de conteúdo na rede municipal não, isso é a gente que organiza. Ele é anual. Registro no diário de classe.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*A maioria dele sim, porque eu conheço todas as turmas e eu já planejo em cima deles, já pensando na turma. Muitas coisas a gente tem que adaptar dependendo da criança que entra na sala de aula. Se chega um aluno de inclusão ou alguma coisa assim, a gente tem que ir adaptando e tentar fazer com que ele funcione. (conhece todas as turmas porque é exclusiva da sua escola todos os anos).*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*Os conteúdos, foi da minha formação, que eu aprendi na faculdade, na graduação, então veio daí. Esse planejamento que eu vou dar no 1º ano, 3º ano, 5º ano, veio da minha formação, da minha graduação. Aonde a gente procura todas as atividades diversas dentro desse planejamento, em livros, internet, a gente vai procurando nesse sentido. A gente faz essa prática, deu certo, a gente vai carregar, se não deu certo com aquela turma, a gente descarta porque nós não temos uma orientação vindo de outro lugar, é a gente que faz. Os documentos... os PCNs, dentro disso aí, não de documento municipal, um projeto político pedagógico dentro da Educação Física, aqui eu desconheço. O PCNs eu usei, vindo da faculdade. Agora tem a Base Nacional né? Já tive contato com a Base por conta do estado, muito pouco do município. Para não falar que não teve, teve um estudo há uns dois anos atrás, quando começou a história que nós tivemos que responder na internet, uns questionários, os professores podiam entrar e dar sua opinião, que era nível nacional.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*Eu acredito que eu consegui alcançar todo meu planejamento, até porque sou eu mesma que faço, não me é dado conteúdo nenhum para estar fazendo. Material pedagógico de Educação Física dentro das unidades escolares eu não sei dos outros, mas da minha aqui, eu tenho sobrando, questão de material, bola, a gente tem bastante, minha quadra é excelente, é coberta e não tenho problema com sol, então assim, a questão de viabilizar essas atividades é fácil para mim, não é difícil. O que seria interessante, é a gente ter um planejamento do município todo, sendo uma coisa única, sendo um norte para nossa atividade dentro de município, que é muito mais fácil trabalhar todo mundo pensando do mesmo jeito do que cada um fazendo o que acha que está certo. Sobre o limite, acho que a formação continuada te traz muita coisa legal, você acaba caindo na mesmice, quando você não vê o*

*novo, você acaba sempre caindo na mesmice e aí pode ser uma falta de estímulo para você continuar trabalhando, você procurar coisa nova. Não encontro nenhuma dificuldade, não vejo assim. Eu acho que a formação continuada te traz muita coisa legal. Você acaba caindo na mesmice quando você não vê o novo e aí pode ser até uma falta de estímulo para você continuar trabalhando, você procurar coisa nova.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas no seu exercício profissional.

*A inclusão está aí, a gente tem que acatar, tem que acolher essas crianças, não adianta, mas assim, a dificuldade, necessidade até e a falta de formação mesmo, para acolher essas crianças dentro de uma perspectiva de inclusão, porque na maioria das vezes elas não são incluídas na realidade, você acaba adaptando as coisas a elas, não que elas realmente estão incluídas, e muitas vezes a gente não sabe como fazer. Você tem um deficiente físico, você ter uma criança que te entenda, que aprenda, mas que tenha necessidade nesse sentido, é fácil até, a gente consegue incluir ela. Agora uma criança com deficiência intelectual, que está chegando pra gente, casos até sérios, eu sinto muita dificuldade de trabalhar com essas crianças, porque minha formação foi a quanto tempo atrás.. há mais de 20 anos, não temos capacitação para isso. Então essa é uma dificuldade grande em questão do meu exercício profissional. Necessidade a gente sempre tem, a gente precisava ganhar melhor, olhar com mais carinho para o profissional, porque está muito complicado ser professor hoje em dia, acho que é nesse sentido. Minha expectativa.... estou querendo me aposentar (rsrs).*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*A minha formação foi essencial foi essencial na minha prática docente.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*Respondida anteriormente.*

10- Conhece o PPP?

*Sim, participei da criação quando iniciei na prefeitura. Na ocasião, estava sendo elaborado.*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de Educação Física?

*Apóio o HTPC com todos os professores de Educação Física juntos.*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Acho legal um currículo comum a rede. Até porque eu continuo com minhas salas no estado. Os alunos que são meu aqui, serão meus no estado. Eu até tento ir de acordo com os anos mais velhos, já tento dar o que sei o que vão me pedir lá na frente, tem uma continuidade. A gente tendo isso, seria muito melhor.*

A professora em questão ocupou cargo nessa Unidade Escolar como assistente pedagógica por 2 anos e como diretora por 1 ano.

P. 3

## Dados:

- ✓ Formação: 2003/ FEUC – São José do Rio Pardo
- ✓ 39 anos
- ✓ Efetivo na rede desde 2019 (5 meses)
- ✓ Pós: não
- ✓ Outra graduação: não
- ✓ Ministra 20 h/sem para Educação Infantil e Ensino Fundamental I (município) e é eventual no estado para Ensino Médio, além de também trabalhar na sua academia todos os dias (todos os dias a tarde estado e a noite academia).

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*É importante para o professor para ter um maior aperfeiçoamento, estar sempre atualizado, acompanhar as mudanças nas crianças hoje que já não são como eram na nossa época.*

*Vendo a pergunta com mais calma, sobre formação continuada, vejo a que a mesma, tira um pouco do interesse do aluno em apreender, pois ele sabe que no final do ano, ele passa, então o aluno se torna descompromissado com a escola, estudo, apenas vai a aula para não ter falta, isso para o fundamental e médio, para o nosso infantil, o aluno ainda não tem essa mentalidade, mas fica difícil para os alunos que possuem algum tipo de atraso nos estudos, ter um melhor aproveitamento, pois logo estão fora da escola.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*Para mim planejamento pedagógico é uma novidade, porque como eu sou novo no ramo aqui, sou acostumado com academia, claro que faço um planejamento para as aulas com os objetivos e capacidades das alunas, então para mim está sendo uma novidade esse ano o planejamento pedagógico para o ensino infantil.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*Eu realizo, estou fazendo ele mensal. Eu penso num objetivo que eu quero alcançar com meus alunos e vou trabalhando aula a aula até chegar aos meus objetivos que eu planejei. Dou uma aula, planejo a outra e não anoto, só penso para chegar no objetivo meu do mês. Alcançado ele, ótimo. Registro somente nos diários para o fundamental. Não entrego, acho que pelo fato de estar começando agora, eu acho que por isso ainda não me pediram, nem semanário, aliás acho que PEB II nem pede, só PEB I. No estado para o Ensino Médio, substituo qualquer matéria. No caso, alguns professores deixam\_a aula para eu aplicar, não faço planejamento lá. Eu sigo o que o professor deixa. Só que ultimamente, o professor falta de última hora, às vezes duas salas, então tenho que juntar todos e dar Educação Física, mesmo que a aula seja de outra disciplina.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*Sim, tudo o que eu planejei para aquela aula eu consigo desenvolver. Se algum conteúdo entrar de última hora eu não registro, só complemento. Não acontece com frequência, só diante de algum imprevisto.*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*Eu estou buscando no próprio conhecimento dos alunos, eu vou buscar na internet algumas atividades, converso com alguns professores amigos que estão me guiando por enquanto, até eu me aperfeiçoar mais.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*Por enquanto, pelo pouco tempo que eu tenho, tudo o que eu estou planejando estou conseguindo executar, esse é o meu alcance. E o limite, como eu tenho bastante escola diferente, cada escola tem um espaço diferente, tem material diferente, falta material em uma, sobra na outra, então eu acho que isso é o limite do que eu consigo executar com os alunos, mas improvisado que sempre consigo chegar.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas em relação ao exercício profissional

*Eu acho que por enquanto estou precisando um pouco mais de tempo para me adequar à essa faixa etária, porque eu estou acostumado com o Ensino Médio, então pegar o infantil, a gente fica.... eu acho que um empecilho foi esse, a faixa etária que eu estou trabalhando. Então adaptar material com eles, falta de material, falta de espaço, deslocamento entre as escolas também pesa um pouquinho, mas sempre da um jeito de sair alguma coisa.*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*Infelizmente minha formação inicial não me deu base para começar a trabalhar com infantil, com pesquisas por fora e conversas com amigos professores foi o que me deu conhecimento maior para iniciar meu trabalho.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*Não recebi nada, não fui atrás de nada ainda.*

10- Conhece o PPP?

*Não para mim o projeto político pedagógico é novidade, vou procurar me interagir mais.*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de Educação Física?

*Eu acho que seria interessante cada um na sua área, tanto Educação Física quanto professor de Arte, cada um seguir o planejamento junto para não fugir muito do foco de cada professor, para tentar trabalhar igual o desenvolvimento dos alunos, pra gente tentar entregar eles mais aptos.*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Seria bom para todos, tanto para os alunos, como para os professores, pois teríamos algo para nos guiar pelo ano, claro que pode ser adaptado pelos professores ao longo do ano, se todos nós tivéssemos o mesmo conteúdo para passar até o final do ciclo, os alunos sairiam com desenvolvimento, habilidades,*

capacidades, etc..no mesmo nível, ou pelo mesmo, passaram pela mesma vivência na escola.

13- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a Educação Física ainda marginalizada, em reuniões de pais, HTPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

*A meu ver, somos diferentes sim, às vezes entramos nas escolas, ficamos pouco tempo e saímos, damos nossas aulas e pronto, nem temos muito contato com os outros professores, mas marginalizados não, até acho que hoje os professores nos apóiam ainda mais. Sobre ser marginalizada, não, claro que não, como disse, por ficarmos pouco tempo em algumas escolas, somos vistos como diferentes, mas eu me dou muito bem em todas as escolas que estou trabalhando, todos os funcionários e colegas professores. Sim, me sinto motivado, acho muito legal por parte dos outros professores, diretores me pedirem ajuda, sugestões, muito legal, reuniões de pais não participo na rede municipal, já realizei muita na estadual. Htpc, estranho falar, mas nós de São Pedro (escola da “zona rural”) somos uma família, passamos pelas mesmas dificuldades para ir trabalhar, no trabalho e agora nos htpc, então somos muito unidos, conversamos muito para melhorar a vida de nossos alunos, tanto como na escola, como para a vida deles fora, trabalho muito o afetivo, pela carência deles.*

#### P. 4

Dados:

- ✓ Formação 1999 – FEUC (São José do Rio Pardo)
- ✓ 41 anos
- ✓ Efetivo na rede desde 2007
- ✓ Pós: psicopedagogia 2014
- ✓ Outra graduação: pedagogia 2018
- ✓ Ministra 30h/sem para Educação Infantil e Fundamental I (município) e 20 h/sem Fundamental II (estado)

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*Eu acho que é importante. A gente vê que a sociedade hoje está numa constante transformação, então eu vejo assim que não só o profissional na educação, ele tem que se aprofundar, tem que estar fazendo cursos, pós, para você estar sempre atualizado e ministrar uma boa aula.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*Para mim planejamento pedagógico seria trabalhar e montar o mínimo necessário para tentar desenvolver durante o ano letivo através da necessidade do próprio aluno, da nossa clientela.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*Eu faço planejamento. Meu planejamento é anual. Todo ano é obrigatório a entrega do planejamento. Eles me pedem. Não mexo muito nesse planejamento, são poucas mudanças de um ano para o outro. Registro tudo no diário, até por*

*segurança do professor, tudo o que vem a acontecer, tanto a aula quanto algum incidente a gente registra no diário. O planejamento na verdade é uma base que a gente tem, porque a gente sabe que a realidade às vezes nem sempre a gente consegue ministrar o que foi planejado, devido a vários fatores.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*Não, devido ao próprio dia, a agitação dos alunos, até porque aqui a gente não tem espaço físico ideal para a Educação Física então a gente nem sempre consegue ministrar o que foi planejado, então em algumas aulas a gente tem que reinventar ou até mudar o foco, fugindo do próprio planejamento. Nesse caso, faço alteração da atividade, da aula no diário e talvez a alteração pode ser anotada e eu levo ela para o ano seguinte. No caso, se foi uma mudança que teve realmente uma efetivação, uma aceitação pelos alunos a gente pode colocar e planejar para o próximo ano letivo, próximo planejamento, considerando ela no próximo planejamento.*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*O básico eu gosto muito de revistas, eu até assino revistas de esportes e também na internet.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*O alcance, eu vou ser bem honesto, é motivação. Esse é um alcance que todo professor, porque a gente não trabalha pelo salário, o salário de professor não é..., então eu viso a motivação porque tenho que motivar a cada dia para vim mais... porque quando o aluno está se desenvolvendo e melhorando gradativamente a cada aula, isso para mim é motivação. E o limite, eu vejo assim, que o lugar que eu trabalho eu fico muito.. quanto a interrupção ao meio externo, é um lugar que passa muitas pessoas. Eu trabalho no pátio, então a gente fica assim bem limitado quanto ao espaço físico. Não tem quadra, não tem nenhum espaço coberto para trabalhar. O pátio da escola é o portão de entrada, então tudo, pais, merenda, aluno que chega atrasado, então todos que vão passar pelo pátio para falar com a direção, secretaria, todos tem que passar pelo pátio e acaba me atrapalhando um pouco a aula.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas em relação ao seu ambiente

*Eu vejo que hoje a principal necessidade seria a quadra e material esportivo. A gente está muito escasso com material esportivo, tenho pouco. É difícil a gente sempre sonha. Nos últimos anos, eu vou ser honesto, eu venho a cada ano desmotivando mais, porque eu vejo assim, a cada vez que muda-se uma lei, um projeto, assim não vida a melhoria da educação. É isso que eu sinto, pelo menos no contato com o aluno. A gente não vê mudança visando o aluno. Então assim, a cada ano que passa, eu sinto um pouco desmotivado.*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*Em termos sim. Nem sempre o que é dado na teoria a gente consegue aplicar na prática, então eu digo que 50% que eu aprendi eu consegui exercer e outro 50% não, porque foge um pouco da nossa realidade.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*Pela rede municipal não, só pelo estado. No município, eu vou ser honesto, não fui buscar a BNCC. No estado eu fui, até porque é um planejamento muito mais rigoroso do que o do município. Então o estado a gente é obrigado a usar o PCN, BNCC, então um planejamento muito mais elaborado. Todo ano eu entrego planejamento do estado, só que lá é mais... lembro de alguns que fiz que teve citação de autor, não é necessário, mas ele é mais elaborado. Tinha as apostilas, então você tem os cadernos. Ele foi tirado quando entrou o governador, esse ano acho.*

10- Conhece o PPP?

*Não, só sei que ele existe.*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de Educação Física?

*Eu acho que seria legal, porque a gente só vai crescer se a gente se unir. Então eu acho que seria interessante para o município, para os alunos, que haja uma junção dos professores pelo menos uma vez por mês, para que haja uma troca de experiências a princípio.*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Há um tempo atrás nós tentamos fazer. O que seria a princípio uma apostila, como foi feito na época com os PEB I, não vou lembrar se essa apostila chegou a ser feita, mas chegou a ter algumas reuniões, com grupo só de PEB II tentando montar uma apostila, que seria uma base para todo mundo trabalhar mais ou menos igual no município. Viável é, o problema do município se torna o espaço físico para a prática esportiva, no nosso caso educação física. É viável é, porque todo mundo consegue falar a mesma língua. Só que o problema do município é que a maioria dos prédios nem possuem quadra, então a gente tem que se acomodar no espaço que tem, então se torna muito difícil você montar uma apostila onde engloba todos os professores, montando uma base comum para todos.*

13- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a Educação Física ainda marginalizada, em reuniões de pais, HTPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

*Vou te dar uma resposta particular.. eu dou aula aqui no pátio, então quer dizer, nem quadra nós temos, então eu não preciso nem aumentar minha resposta, quer dizer, parte tudo do poder público, dos governantes, tudo... Uma escola, em pleno século XXI não tem uma quadra para os alunos fazerem aula de Educação Física.. a quadra não serve nem só para fazer aula, para vários eventos, é uma gincana, uma palestra, então eu particularmente me sinto muito menosprezado*

*quanto ao poder público e no geral, a gente não tem uma quadra, a gente fica sempre sujeito a sol, chuva... o dia que chove forte, aqui entra água no pátio, quer dizer a Educação Física que já era precária, fica pior ainda, barulho o dia todo, gente conversando o dia todo no pátio, então assim, a minha particularidade, é que eu me sinto bem prejudicado, sem falar que no geral, na parte de reunião e de HTPC, a gente quase nem participa. As notícias que chegam, as questões que são debatidas, geralmente praticamente excluem a Educação Física.*

## P. 5

Dados:

- ✓ Formação: 2008/ Unesp – Presidente Prudente
- ✓ 32 anos
- ✓ Efetivo na rede desde 2019 (2 meses)
- ✓ Pós: uma fora da área escolar em 2014 e outra em andamento em

Docência Superior

- ✓ Outra graduação:
- ✓ Ministra 10 h/sem para Educação Infantil e 10h/sem projeto de atletismo para 4º e 5º no contra turno (nos bairros), além de 20h/sem na APAE (para EF)

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*Eu acredito que é de fundamental importância porque sem ela não tem como nos adaptarmos as mudanças, tanto com os alunos quanto nas nossas aulas, se não continuarmos estudando não iremos conseguir acompanhar as evoluções do mundo. A cada dia que passa surgem novas descobertas na área da saúde, educação ou até mesmo no comportamento humano, que refletem diretamente no nosso trabalho e é de fundamental importância nos manter atualizados.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*É eu conseguir colocar no papel as minhas ideias, objetivos, enfim, o que eu preciso desenvolver com os alunos no papel. É algo necessário para fazer um bom trabalho nas diferentes fases da vida deles.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*Eu comecei agora. Coloquei no papel tudo o que é importante ser desenvolvido na fase dos alunos que eu estou trabalhando, no caso, Educação Física para a Educação Infantil. O que a literatura diz, o que estudei na faculdade, o que leio em estudos e livros, a minha experiência na área do atletismo e o que converso com outros professores da área. Dentro disso, eu dividi por bimestre. Então este ano vou trabalhar com eles 6 meses. Joguei o que preciso desenvolver globalmente e aí dentro do bimestre, eu dividi as especialidades, as habilidades que eu vou precisar trabalhar.*

*Não registro em diário porque na Educação Infantil não tem diário. Tenho registro disso no meu computador, meu planejamento e meus planos de aula.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*É bem difícil conseguir realizar sempre o planejamento à risca, porque trabalhamos com pessoas, cada um reage de uma forma ao mesmo estímulo. Tem*

*dia que dá certo, mas tem turmas que não dá, porque são alunos de diferentes comportamentos, deficiências e transtornos, colocamos no papel, mas com certeza tem que ter algumas adaptações na hora da aula, de acordo com a realidade.*

*Eu tento registrar o comportamento de cada aluno, porque é muito individual, a forma que cada um irá reagir, tento observar isso, para poder ajudá-lo neste processo pra poder fazer com que essa criança participe efetivamente da aula toda.*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*Uso hoje muito da experiência que eu tive com aulas de iniciação ao atletismo (trabalho à 15 anos na área), troca de experiências com outros professores, cursos, livros, conteúdos da internet e conteúdos de faculdade. Uso um pouquinho de cada coisa para fazer o planejamento.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*Acabei de começar na área da Educação Física Escolar, hoje atuando na Educação Infantil, mas acredito e quero alcançar com as turmas, o desenvolvimento das habilidades básicas, que é fundamental nessa faixa etária, a coordenação motora de uma forma geral, estimular, dar oportunidades deles vivenciarem o máximo de experiências motoras e ajuda-los também na formação de futuros adultos e cidadãos do bem. Acredito muito no poder de transformação que a nossa área é capaz de proporcionar. Nós somos um caminho para transformar vidas.*

*O limite, eu não sei se tem... talvez o espaço, onde aplicamos as aulas de Educação Física. Aqui fazemos num cantinho que é cimento e se chover.... na última vez que choveu eu dei aula dentro da sala, eu fiz algumas atividades práticas adaptadas dentro da sala de cada aluno. O planejamento tem que ser adaptado de acordo com a realidade.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas em relação ao exercício profissional

*Como eu já citei anteriormente, eu comecei agora. Desde que escolhi fazer Educação Física, não escolhi porque tem a fama de ser a mais fácil, ou porque é mais barato, já ouvi várias pessoas falando ou me perguntando isso. Eu escolhi porque realmente eu amo, escolhi minha profissão desde meus 9 anos de idade, então, eu estou trabalhando nesta área, porque eu realmente acredito no potencial que a gente tem no desenvolvimento das crianças, jovens e adultos. Podemos realmente transformar a vida de uma pessoa através da Educação Física, através do esporte.*

*Realmente eu faço por amor, faço planejamento e penso na evolução desses alunos, então eu relaciono a minha expectativa de acordo com a minha realidade, diante do espaço que eu tenho para desenvolver meu trabalho, lógico que poderia ser diferentes, se tivéssemos uma quadra, ou um espaço maior com um piso que não machuque ao cair seria totalmente diferente, mas não tem nada que limite tanto assim que eu não consiga desenvolver minha aula. Busco me adaptar aquele ambiente. Por enquanto não encontro nenhuma dificuldade em planejar minhas aulas.*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*Não foi, porque a Educação Física é muito ampla e é dividida em várias áreas que se sub dividem, como exemplo a Educação Física Escolar. Na época eu fiz*

*Licenciatura Plena, então é Licenciatura e Bacharel, não tem como em 1, 2, 3, 4 conteúdos específicos, desenvolver atividades que sejam eficientes para o resto da minha vida. Acredito que recebi um norte, aprendi o básico que tenho que trabalhar na Educação Física Escolar, nas diferentes fases, e através disso, tive e tenho que buscar outros meios para me atualizar e me manter informada.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*Não, ainda não.*

10- Conhece o PPP?

*Não.*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de Educação Física?

*Acho muito válido e seria uma troca muito rica de experiências.*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Eu acho muito importante alinharmos o pensamento num bem comum, que é o desenvolvimento da criança.*

13- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a Educação Física ainda marginalizada, em reuniões de pais, HTPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

*Sim. Sim. Não.*

## P. 6

Dados:

✓ Formação 2012 – Moura Lacerda (Ribeirão Preto)

✓ 28 anos

✓ Efetivo na rede desde 2015

✓ Pós: iniciou no formato EAD em EF Escolar, mas não concluiu

✓ Outra graduação: não

✓ Ministra 38 h/sem para Educação Infantil e Fundamental I (município) e

mantem outro vínculo empregatício fora da área escolar

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*Se torna muito importante na nossa área, porque tudo é válido como aprendizado, independente do ramo que você for da formação continuada, seja na escolar, seja esportiva, tudo é válido para acrescentar. Eu penso dessa forma. Em termos da formação continuada, de curso eu acho que não é importante ser tão frequente se a pessoa conseguir se atualizar, manter um tipo de estudo, ou uma busca diferente, também já se torna válido. Não só o curso em si a graduação, mas a atualização dele de alguma forma, para manter atualizado na hora das aulas, acho que também é importante. Não só a graduação serve como formação continuada. A formação lógico, é muito válido, mas as vezes a atualização dele mesmo em*

*pesquisa, seja em internet, livro, acaba acrescentando também, não só a formação válida com certificado.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*Planejamento para mim, se torna, não só para mim acho que para todo mundo, deve se tornar um norte do trabalho, que é onde a pessoa vai colocar ali suas ideias, o que busca alcançar e tentar desenvolver com a turma, com as crianças, por fim, acho que mais ou menos é isso. Um norte do nosso trabalho.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*No momento, bimestral. Eu tento planejar as aulas bimestrais para não ter uma diferença tão grande de tempo e tentar realizar o máximo dessas atividades no bimestre e ver o que foi atingido ou não, e caso não atingido, acrescentar no bimestre seguinte. Não entrego, ninguém me pede. Até tem algumas escolas que pede para fazermos o semanário, colocar no papel as atividades, mas de maneira formal que tem que entregar, não. Eu faço só para mim, para ter uma referência minha. Mas no papel específico para a escola, não. Isso porque eu estou na educação infantil, no fundamental estou só como temporário. A escola que pede para entregar o semanário, eu entrego até porque já está dentro do planejamento.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*A gente procura tentar efetivar o máximo do planejamento, mas nem sempre consegue. Especialmente na educação infantil, as creches geralmente não tem estrutura de quadra, não tem uma área específica, muitas vezes nas creches o local de trabalho nosso de Educação Física é pátio, tem alimentação junto, passa outra sala na hora da sua aula acaba se tornando um pouco tumultuado, então às vezes não dá para atingir ou às vezes nem mesmo aplicar o que coloca no papel, tem que adaptar o máximo, usar o que tem em mãos ali disponível, e tentar manter um norte ali para não fugir muito do planejamento.*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*Geralmente o que mais procuro hoje em dia, pela facilidade é a internet. Tenho bastante referência na internet. Às vezes conversando com algum professor, que também trabalha, que consegue passar alguma coisa, a gente troca algumas ideias e livros. Documento, às vezes, na internet a gente acaba vendo junto, acrescentando, mas geralmente busco mais por atividades. Tento colocar no meu planejamento a referência. Por exemplo, vou trabalhar a modalidade esportiva basquete, aí dentro disso eu busco as atividades para desenvolver essa atividade dentro da referência minha do planejamento.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*Alcance, a gente tenta buscar o máximo possível, dentro do que a gente tem em mãos, que tem disponível para trabalhar, estrutura física muitas vezes prejudica, choveu a quadra está molhada, choveu não pode ter aula porque a quadra está suja, ou vai ter uma festa, você não pode fazer seu trabalho num local adequado, então os alcances a gente tenta fazer o máximo possível para atingir pelo menos a meta do planejamento, pelo menos eu me baseio sempre pensando no meu planejamento, se eu conseguir atingir pelo menos o que eu coloquei no papel ali está bom, dali pra frente já seria um lucro, vamos dizer assim, então a gente tenta pelo menos manter o planejamento e dali pra frente tentar ver o que é disponível, o*

*que a gente consegue ali na escola para poder usar com as crianças. E limite, é o que muitas vezes acaba pegando nisso, na parte estrutural porque se você não tem um local adequado, material adequado, às vezes não tem suporte por trás, preciso de material que você planejou para usar no 1º bimestre e chega no último, você passou aquela parte, aquela modalidade, você tem que voltar porque chegou o material, então você fica meio preso à isso, então acaba se tornando um limite pra mim, pelo menos da minha parte eu vejo assim, se tivesse um pouco mais de apoio, de ajuda, um suporte maior, seria mais fácil de estar trabalhando também.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas em relação ao exercício profissional

*Volta na questão anterior, porque hoje minha necessidade maior na parte da educação infantil acaba se prendendo na estrutura da Educação Física, não só física, mas também financeira, porque às vezes a escola não tem recurso, você não consegue material, às vezes se chega, vem depois, você já passou a modalidade, se você voltar, você sai do planejamento, aí você não consegue atingir a outra meta que você tem mais pra frente, então acaba se tornando essa uma necessidade grande. E atrapalha na perspectiva, se você tivesse todo esse recurso, essa estrutura para você trabalhar, eu vejo que a gente conseguiria colocar mais objetivos, e atingir mais eles também, então acaba prendendo um pouco as perspectivas de trabalho mesmo. Então é falta de material e estrutura física. Algumas escolas até têm estrutura física, porém não tem material adequado, então acaba ficando esse jogo, esse impasse. Em nenhuma escola que vou atualmente tenho os dois, às vezes até tem uma quantidade boa de material que a gente consegue adaptar e desenvolver as atividades e trabalhar do jeito que a gente consegue. Muitas vezes a gente baseia nossas atividades no material que a gente tem disponível, então essa escola eu já conheço, tem esse material lá, então vou basear minhas atividades no material que eu tenho lá, e na outra é a mesma faixa etária, mas não tenho o material, então eu tenho que adaptar de novo, ou às vezes até mudar a modalidade se caso não tiver estrutura nenhuma para aquilo, para poder estar trabalhando. Então acaba atrapalhando essa perspectiva, não fica uniforme, às vezes você trabalha com três salas de fase 2 (etapa que antecede o 1º ano), cada uma você atinge um objetivo diferente porque tem essa diferença de uma escola para outra, material e estrutural.*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*Eu não vejo a formação inicial como uma base, essencial para você começar a trabalhar, eu vejo a formação da faculdade uma coisa bem superficial, ela te dá apenas um norte, de como vão ser as coisas, mas a realidade é totalmente diferente, se você não se dedicar, buscar outros meios, outros cursos, outro material, você não consegue se desenvolver dentro do serviço não, então eu acredito que a formação inicial de quando você se forma ela é muito superficial, não te dá uma boa referência não.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*Discriminado especificamente para Educação Física não, mas ela vem junto, acrescentando junto nas atividades, por eu trabalhar na educação infantil, acaba se tornando um pouco mais difícil, pelas estruturas, escola, até mesmo de material,*

*mas a gente busca alguma coisa que vem sim. Até as direções das escolas acabou passando alguma coisa. Nesse ano entregaram o livro didático de Educação Física que no caso eu nunca tinha recebido, então é alguma coisa que pode usar também, pelo menos uma referência que eles estão ajudando ai. No caso foi entregue, no caso que eu sei, foi entregue para todos os professores, todos da rede ganharam. Agora eu não sei se teve diferente para cada um, ou se foi esse comum para todos, mas eu acho que da educação infantil que eu trabalho, todos receberam igual. O meu é por idade, você vai acompanhando por ali, não só por ali, às vezes você consegue adaptar e acrescentar e colocar na hora.*

10- Conhece o PPP?

*Sim, eles já me passaram. Quando entrei ele já existia. Não é uma coisa que a gente fica vendo a todo momento, então acaba passando despercebido algumas coisas.*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de Educação Física?

*Eu acho que acrescentaria muito mais, porque às vezes na reunião, é claro que também a gente faz parte do planejamento escolar, então a gente convive com aquilo que eles trabalham nos HTPCs, só que a gente muitas vezes fica por fora do que acontece na sala de aula, porque nosso ambiente é outro, eu acho que se fosse todo mundo que trabalha com a mesma coisa, com as cabeças pensando, eu acho que acrescentaria mais, pelo menos da minha parte, eu acho que conseguiria adquirir mais coisa também do que vendo a realidade do que acontece dentro da sala, que não é o que a gente usa hoje em dia.*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Eu acho que seria muito importante, porém eu acho que acabaria caindo nessa parte novamente, porque se seria para a rede toda, então teria que todo mundo manter a mesma base de trabalho, mas eu trabalho numa escola e o outro professor trabalha em outra escola, ele tem estrutura e material, eu não, então teria que ser uma coisa uniforme para todos, como o objetivo teria que ser uniforme pra todos. Ai eu acho que seria viável. O planejamento seria legal para gente conseguir manter uma linha de raciocínio igual, mas o complicado seria mais essa parte de diferença de unidade para outra.*

13- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a Educação Física ainda marginalizada, em reuniões de pais, HTPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

*Com certeza eu vejo que sim, porque muita gente, muitas professoras, muitos lugares que você trabalha, não sei assim no geral, mas pelo menos na realidade nossa, eles veem a Educação Física como apenas um tempo livre, um tempo que eles vão se ver livres das crianças, como também vê Artes, porque eles não dão valor para eles tanto faz como fez, se você falta, eles ficam bravos porque vão ficar sem ter essa aula vaga, vamos dizer assim, mas totalmente marginalizada... reunião de pais, a gente não participa, a não ser que algum pai queira conversar com você*

*em particular ou que tenha acontecido alguma coisa, os HTPs das escolas também, tem algum comentário ou alguma coisa, mas é totalmente voltado para parte mais pedagógica, mais sala de aula, não é voltado para nossa área de Educação Física.*

### P. 7

Dados:

- ✓ Formação 1999 – Muzambinho (UFM)
- ✓ 42 anos
- ✓ Efetivo na rede desde 2007 – 11 anos
- ✓ Pós: 1999 não era na área escolar
- ✓ Outra graduação: não
- ✓ Ministra 38h/sem para Educação Infantil e Fundamental I (município) e 20h/sem Fundamental II e Médio (estado)

1- Como você pensa a formação continuada na área pedagógica?

*Eu vejo assim, é muito importante a gente estar sempre se aperfeiçoando, sempre buscando conhecimento. Eu no caso, logo que eu terminei minha graduação já fiz minha pós, terminei em 2001. Eu vejo assim, é muito importante a gente estar indo atrás, buscando mesmo conhecimento. Uma maneira minha particular, depois que eu terminei essa pós fiz alguns cursos, poderia estar fazendo mais, mas devido ao trabalho mesmo, às necessidades do dia a dia, eu deixei um pouco de estar fazendo, de estar praticando, mas eu acho muito importante sim.*

2- O que você entende como planejamento pedagógico?

*São as ações que a gente elabora, que a gente tem por objetivo de tentar fazer com que o aluno aprenda, que ele desenvolva essas habilidades. Então o planejamento a gente faz aqui na escola, eu fiz um e todo ano eu mantenho esse talvez com algumas modificações ou não, algumas adaptações, mas o planejamento a gente faz anual. Eu entrego ele todo ano porque aqui é pedido todo ano.*

3- Como você realiza seu planejamento?

*Eu faço ele anual, o que eu vou trabalhar durante o ano inteiro, não divido por bimestre.*

4- Seu planejamento pedagógico é efetivado?

*Ele é efetivado. Procuro trabalhar em cima do que planejei. Tudo é registrado no diário.*

5- Onde você fundamenta seu conteúdo?

*Eu busco na internet bastante, que me ajuda, eu busco em livros também. Muitas vezes também eu adapto as atividades de acordo com as necessidades dos meus alunos. Às vezes eu programo atividades, procuro atividades, e em cima dela eu faço variações, mas na maioria das vezes internet, livro. Na base da faculdade eu tive uma noção. Fiz alguns cursos também na área de Educação Física escolar, e assim por diante.*

6- Quais são os alcances e os limites do seu planejamento pedagógico?

*Na maioria das vezes eu consigo atingir meus objetivos, lógico não 100%, mas bem próximo disso, vamos colocar uns 80% em relação a aprendizagem dos alunos. A dificuldade que eu vejo aqui na escola, é o espaço físico. Aqui eu dou aula no pátio. Não tenho quadra e material também é bem precário. Isso é um limite do meu planejamento, lógico a gente tenta se adaptar mas é um grande dificultador.*

7- Relacione suas necessidades e suas expectativas no seu exercício profissional.

*Eu fico muito contente porque os meus alunos, os que eu dou aula aqui nessa escola (escola sede desse professor), então eu pego eles aqui e depois pego eles lá em cima (a escola estadual em que o professor atende, se localiza no mesmo bairro, sendo portanto, a mesma clientela de alunos, na continuação da escolaridade) eu consigo ver resultado neles lá. Nas habilidades iniciais, como coordenação, equilíbrio, salto, giro, na prática do esporte que a gente coloca lá em cima, eu consigo identificar sim. Eu fico muito contente sim, pelo trabalho que eu faço aqui porque tem um resultado. E eu vejo assim, que eles têm capacidade. A expectativa então é em ensinar aqui para eles chegarem lá preparados (expectativa). A necessidade é o espaço, porque a gente deixa de passar algumas atividades importantes também devido ao espaço. Por mais a gente tenta adaptar, modificar, fica ainda falho, então fica difícil a gente trabalhar nesse sentido.*

8- A sua graduação foi eficiente para o início do seu exercício profissional?

*Me deu uma boa base sim, mas não totalmente.. fui aprendendo na prática e cursos.*

9- Teve algum contato com a BNCC?

*No estado eu tive contato. No município não. Chegou muito pouco nas HTPCs.*

10- Conhece o PPP?

*Não*

11- Qual sua opinião sobre “HTPCs” com todos os professores de Educação Física?

*Com certeza seria viável, porque ficaria muito fácil da gente planejar, se organizar, da gente trocar ideias, do que um está passando, do que o outro está trabalhando e cada um na sua unidade fica difícil. A gente não se reúne, não sabe o que está acontecendo, então eu acho viável sim.*

12- E o que acha de um currículo comum de Educação Física para o município?

*Eu acho até interessante, talvez o que possa estar dificultando é a realidade. Porque assim, eu já trabalhei em vários bairros aqui na cidade, em várias escolas. E na maioria delas a realidade de uma é totalmente diferente da outra. A nossa clientela é bem diversa. Mas seria interessante sim, seria legal. E ficava meio unificado né, as atividades, as propostas.*

13- Sente-se motivado com o trabalho interdisciplinar dentro da sua escola? Percebe a Educação Física ainda marginalizada, em reuniões de pais, HTPCs ou intervalo? Considera-se pertencente ao grupo?

*Não me sinto motivado para trabalhar de modo interdisciplinar até porque nos HTPCs me sinto meio deslocado. Quanto a reuniões de pais acho sem representatividade nenhuma. E quanto a sala dos professores, tenho um ótimo relacionamento com todos até trocamos algumas informações sobre os alunos. Eu vejo mesmo a grande dificuldade mesmo as reuniões de pais e um pouco os HTPCs.*

## **APÊNDICE E – PRODUTO EDUCACIONAL**

Este Produto Educacional, intitulado “**Orientações para a Elaboração de um Planejamento Pedagógico em Educação Física**”, é um material que sugere elementos fundamentais na elaboração de um planejamento pedagógico. Trata-se de uma abordagem conceitual do tema a fim de despertar uma reflexão sobre sua finalidade e compreensão na construção do planejamento pedagógico do professor de Educação Física.

### REFERÊNCIA:

DEZOTTI, Tálita Cristiane Dardes. **Orientações para a elaboração de um planejamento pedagógico em Educação Física**. 19 f. 2020. Disponível em: <https://www.proef.ufscar.br/arquivos/bancas-e-eventos/produtoversaofinal-talita.pdf>

# ANEXOS

## ANEXO A – PARECER COMITÊ ÉTICA EM PESQUISAS EM SERES HUMANOS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Planejamento em Educação Física Escolar: perspectivas X realidade

**Pesquisador:** TALITA CRISTIANE DARDES DEZOTTI

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 29349120.8.0000.5504

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DA NOTIFICAÇÃO

**Tipo de Notificação:** Envio de Relatório Final

**Detalhe:**

**Justificativa:** Informação positiva do andamento da pesquisa.

**Data do Envio:** 19/05/2020

**Situação da Notificação:** Parecer Consubstanciado Emitido

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.103.303

#### Apresentação da Notificação:

A notificação ora apresentada diz respeito a um pedido de complementação no TCLE apresentado pela pesquisadora na segunda rodada de avaliação.

#### Objetivo da Notificação:

O objetivo da notificação foi tecer o devido esclarecimento em relação ao andamento da coleta de dados.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação de riscos e benefícios já havia sido aprovada na análise anterior.

#### Comentários e Considerações sobre a Notificação:

A notificação esclarece a contento o pedido da relatoria.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Não há considerações

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.103.303

**Recomendações:**

Não há recomendações, a não ser, de fato, o envio do relatório final de pesquisa, quando a mesma tiver sido encaminhada para o fechamento.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Final	Relatorio_Final_plataforma.docx	19/05/2020 20:46:34	TALITA CRISTIANE DARDES DEZOTTI	Postado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 22 de Junho de 2020

---

**Assinado por:**  
**ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO**  
 (Coordenador(a))

